

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Geografia
Tratamento da Informação Espacial

Margareth Alves Carvalho

O ESPAÇO INTRA-URBANO DE TEÓFILO OTONI/MG

Belo Horizonte

2011

Margareth Alves Carvalho

O ESPAÇO INTRA-URBANO DE TEÓFILO OTONI/MG

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Leônidas Conceição Barroso.

Co-orientador: Prof. Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho.

Belo Horizonte

2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

C331e Carvalho, Margareth Alves
O espaço intra-urbano de Teófilo Otoni – MG / Margareth Alves Carvalho.
Belo Horizonte, 2011.
147f.: il.

Orientador: Leônidas Conceição Barroso.

Coorientador: Oswaldo Bueno Amorim Filho.

Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial.

1. Espaços urbanos – Teófilo Otoni (MG). 2. Zoneamento. I. Barroso, Leônidas Conceição. II. Amorim Filho, Oswaldo Bueno. III. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial. IV. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 711.4

Margareth Alves Carvalho
O ESPAÇO INTRA-URBANO DE TEÓFILO OTONI/MG

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Geografia.

Prof. Dr. Leônidas Conceição Barroso (Orientador) – PUC Minas

Prof. Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho (Co-orientador) – PUC Minas

Prof. Dr. Altino Barbosa Caldeira – PUC Minas

Prof. Dr. Alfio Conti - UFOP

Prof. Dr. Danny Zahredini – PUC Minas

Belo Horizonte, 30 de novembro de 2011.

**Para o meu Pai Ildeu Alves Carvalho (*in memoriam*) e
Minha Mãe Maria Alice Barbosa Carvalho**

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Leônidas Conceição Barroso, pela orientação e pela confiança.

Ao Prof. Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho, pela orientação e acompanhamento da metodologia.

A PUC Minas pela bolsa do Fundo de Amparo a Pesquisa (FIP) e de aperfeiçoamento de professor durante um ano.

Aos meus pais e irmãos.

Aos meus amigos.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o espaço intra-urbano de Teófilo Otoni sob a ótica do modelo morfológico funcional para as cidades médias mineiras e a sua configuração em relação aos novos eixos de crescimento da cidade. A análise vem somar esforços aos estudos referentes às cidades médias que vêm se constituindo em elementos fundamentais nos processos de desenvolvimento regional e urbano. Além do reconhecimento enquanto áreas de atração regional, as cidades médias assumem cada vez mais um importante papel na interligação entre as redes locais e globais. Esse é o caso da cidade de Teófilo Otoni, localizada na região de planejamento do Jequitinhonha/Mucuri- nordeste do estado de Minas Gerais – região essa que se encontrava em processo de estagnação econômica desde a década de 80 e que vive agora um novo ciclo de desenvolvimento.

Palavras-chave: Cidades-médias. Zoneamento morfológico-funcional. Teófilo Otoni/MG;

ABSTRACT

This work will analyze the space inside Teófilo Otoni City and the configuration of that space with the new axes of growth of the city. The analysis is going to add efforts to the studies regarding the medium cities that come being constituted in fundamental elements in the trials of urban and regional development. Beyond they will be recognized like areas of regional appeal, the medium cities assume a paper privileged in the interconnection between the global and local nets. That it is the case of Teófilo Otoni City, located in the region of planning of the Jequitinhonha / Mucuri - northeast of the state of Minas Gerais – region that that was found in trial of economic stagnation since the decade of 80 and now have a new opportunity.

Keywords: Medium size Cities. Urban morphology function zone model. Teófilo Otoni/MG;

LISTA DE FIGURAS:

FIGURA 1 - O modelo morfológico-funcional.....	36
FIGURA 2 – Megacidades – situação na década de 1980 e projeção para 2025.....	39
FIGURA 3 – Mapa proposto por Christaller em 1941.....	41
FIGURA 4 – População total por classificação do tamanho da cidade (em milhões).....	44
FIGURA 5 – Distribuição da população urbana no mundo por áreas principais.....	44
FIGURA 6 – Distribuição da população rural no mundo por áreas principais	45
FIGURA 7 – Distribuição da população urbana no mundo por regiões de desenvolvimento.....	47
FIGURA 8 – Cidades Mineiras com mais de 100.000 habitantes em 2005, excetuando Belo Horizonte.....	71
FIGURA 9 - Localização do município de Teófilo Otoni em Minas Gerais.	77
FIGURA 10 – Altimetria do sítio de Teófilo Otoni/MG.....	79
FIGURA 11: Mapa geomorfológico do Vale do Mucuri.....	85
FIGURA 12 – Produto Interno Bruto (R\$ mil) – região de planejamento Jequitinhonha Mucuri (2010).....	91
FIGURA 13 – Produto Interno Bruto per capita (R\$) – região de planejamento Jequitinhonha Mucuri (2010).....	92
FIGURA 14 - saldos migratórios das cidades médias de Minas Gerais 1986/1991.....	96
FIGURA 15 - Mapa de IDHM do Vale do Mucuri.....	99
FIGURA 16 - Mapa do PIB dos municípios do Vale do Mucuri (preço corrente).....	105
FIGURA 17 - Cartograma: Divisão Morfológico-funcional da cidade de Teófilo Otoni/MG (2010).....	109
FIGURA 18 – Mercado Municipal de Teófilo Otoni/MG. Limite norte da área central.....	112
FIGURA 19 – Praça Tiradentes. Área central da cidade.....	112
FIGURA 20 – Praça Germânica. Limite sul da área central da cidade.....	113
FIGURA 21 – Lojas de eletrodomésticos – área central da cidade.....	117
FIGURA 22 - MGT 418. Área pericentral.....	118
FIGURA 23 - Rua Dr. Júlio Rodrigues. Área pericentral.....	119
FIGURA 24 - Croqui eixos de crescimento.....	121
FIGURA 25 Subcentro - Praça Sílvio Burmann no bairro São Jacinto. Zona pericentral.....	123
FIGURA 26 – Distribuição espacial de estabelecimentos de serviços	112
FIGURA 27 – Distribuição dos estabelecimentos relacionados ao setor saúde.	131
FIGURA 28 - Periferia contínua - Turma 37 e ao fundo Frigorífico FRIBOI...	132
FIGURA 29 - Boiadeiro – periferia contínua desordenada.....	133
FIGURA 30 - Bairro Jardim Felicidade - periferia descontínua desordenada.	134
FIGURA 31 – Estação de Tratamento de Esgoto.....	136
FIGURA 32 - Vista das obras de construção da barragem.....	137
FIGURA 33 - Vista das obras de construção da barragem – julho 2010.....	137

FIGURA 34 - Percentual de domicílios atendidos por rede geral de distribuição de água (2010) – Região de planejamento Jequitinhonha/Mucuri..... 138

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Zoneamento Morfológico-funcional e níveis de hierarquia urbana: cidades médias.....	35
QUADRO 2 - taxa de urbanização África e América Latina (1950-2000)..	42
QUADRO 3 - População residente regiões brasileiras (1970_2010).....	52
QUADRO 4 - População Urbana e Rural de Minas Gerais – Evolução.....	53
QUADRO 5 – Cidades Médias Brasileiras Beneficiadas pelo PNCCPM em 1974.....	64
QUADRO 6 - Hierarquia urbana de Minas Gerais, 1950.....	67
QUADRO 7 - Hierarquia urbana de Minas Gerais, 1960.....	67
QUADRO 8 - Esquema da rede urbana e regiões polarizadas em Minas Gerais 1960.....	68
QUADRO 9 - Hierarquia das cidades de Minas Gerais com base na circulação de ônibus intermunicipais (níveis hierárquicos superiores).....	69
QUADRO 10 - Hierarquia das cidades de porte médio em Minas Gerais – 1982.....	70
QUADRO 11 - Estrutura espacial de Minas Gerais – identificação da hierarquia das cidades e dos sistemas de polarização urbana baseada na teoria dos lugares centrais de Christaller (1933).....	72
QUADRO 12: Redes urbanas em Minas Gerais – zonas de influência da cidade de Belo Horizonte.....	72
QUADRO 13 - Cidades Médias de Minas Gerais, 1999.....	73
QUADRO 14 - Evolução da População Total, Urbana e Rural (1970-2010).....	93
QUADRO 15 - Estabelecimentos relacionados ao Comércio de autopeças.....	124
QUADRO 16 - Estabelecimentos relacionados a atividades de saúde.....	129

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Renda per capita mensal: regiões de planejamento MG 2000 e 2010.....	87
TABELA 2 - População urbana e rural de Minas Gerais – de 1970 a 2000.....	89
TABELA 3 - População, domicílio e renda (2010).....	90
TABELA 4 - IDH-M do Município de Teófilo Otoni/MG (1991-2000).....	97
TABELA 5 - PEA e NPEA por gênero em Teófilo Otoni (2000).....	101
TABELA 6 - População Ocupada por Setores Econômicos em Teófilo Otoni/MG.....	101
TABELA 7 - Distribuição do Setor de Serviços de Teófilo Otoni, por porte (2007).....	115
TABELA 8 - Grau de Instrução dos Trabalhadores do Setor de Serviços de Teófilo Otoni (2007).....	115
TABELA 9 - Remuneração Média por Trabalhador no Setor de Serviços de Teófilo Otoni (2007).....	115

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Participação População Urbana e Rural MG (1970, 1980, 1991, 2000 e 2010).....	53
GRÁFICO 2 - Índice de Desenvolvimento Humano - Municipal, 1991 e 2000 dos municípios da microrregião de Teófilo Otoni.....	81
GRÁFICO 3 – Evolução da População de Teófilo Otoni (1991-2009).....	94
GRÁFICO 4 – Produto Interno Bruto de Teófilo Otoni (valor adicionado 2007 em Reais Mil).....	102

LISTA DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEMIG – Centrais Elétricas de Minas Gerais
COPASA - Empresa saneamento básico do estado de Minas Gerais
ETE - estação de tratamento de esgotos
FENORD - Fundação Educacional Nordeste Mineiro
FIP – PUC Minas – Fundo de Incentivo a Pesquisa
FJP – Fundação João Pinheiro
GPS - Global Positioning System
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IGA - Instituto de Geociências Aplicadas
IPEA - Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas;
NESUR - Núcleo de Economia Social, Urbana e Regional.
PIBm – Produto Interno Bruto Municípios
PNCCPM - Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio
CNPU - Comissão Nacional de Regiões Metropolitanas e Política Urbana do Ministério de Planejamento
PND - Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PUC Minas – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
ReCiMe – Rede de Pesquisadores em Cidades Médias
TOR – Teófilo Otoni e região
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UFVJM - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
UGI - União Geográfica Mundial
UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas
UNIPAC - Universidade Presidente Antônio Carlos
UNIUBE- Universidade de Uberaba
UNOPAR - Universidade Norte do Paraná
ZPE - Zona de Processamento para Exportação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	27
1.1 Relevância da proposta.....	29
1.2 – Definição do Problema.....	31
1.3 – Objetivos.....	33
1.4 Metodologia.....	34
2. URBANIZAÇÃO NO BRASIL E EM MINAS GERAIS – O PAPEL DAS CIDADES MÉDIAS.....	37
2.1 Contexto Nacional.....	37
2.2. Urbanização Moderna: Características.....	39
2.3. Urbanização no Brasil.....	46
2.3.1 <i>Urbanização, território e industrialização.....</i>	<i>50</i>
2.4. Urbanização e Cidades Médias.....	54
2.4.1 <i>Cidades Médias Brasileiras.....</i>	<i>57</i>
2.4.2. <i>As Cidades Médias no Contexto Nacional.....</i>	<i>60</i>
2.4.3 <i>Estudos sobre a rede urbana mineira.....</i>	<i>64</i>
2.4.3.1 <i>O estudo de Yves Leloup (1970).....</i>	<i>65</i>
2.4.3.2 – <i>O estudo do Instituto de Geociências Aplicadas – IGA.....</i>	<i>69</i>
2.4.3.3 <i>O Estudo de Amorim Filho, Bueno e Abreu (1982).....</i>	<i>69</i>
2.4.3.4 <i>Cidades Médias Mineiras: Estudo BDMG.....</i>	<i>70</i>
2.5. Contribuições da ReCiMe – Rede de Pesquisadores em Cidades Médias.....	73
3. TEÓFILO OTONI: UMA CIDADE MÉDIA NO NORDESTE DE MINAS GERAIS.....	77
3.1 A posição Geográfica de Teófilo Otoni/MG.....	78
3.1.1 <i>Uma breve história de Teófilo Otoni/MG.....</i>	<i>93</i>
3.2. Questões Demográficas e Econômicas em Teófilo Otoni/MG.....	96
3.3 . Alguns indicadores socioeconômicos de Teófilo Otoni/MG.....	96
3.3.1 <i>Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).....</i>	<i>107</i>
4. ESTRUTURA E MORFOLOGIA INTRAURBANAS DE TEÓFILO OTONI.....	107
4.1 Expansão urbana em Teófilo Otoni.....	109
4.2 O Zoneamento Morfológico-Funcional - Novas Configurações do Espaço Intra-Urbano.....	110
4.2.1 <i>A área central de Teófilo Otoni: notas históricas e características gerais.....</i>	<i>113</i>
4.2.2. <i>A relevância do setor de serviços na área central de Teófilo Otoni.....</i>	<i>118</i>
4.2.3 <i>Infraestrutura e Mobilidade Urbana em Teófilo Otoni/MG.....</i>	<i>120</i>
4.2.4 <i>A Zona Central do Espaço Intra-urbana de Teófilo Otoni - A descentralização da área central em Teófilo Otoni e a emergência de novos subcentros.....</i>	<i>120</i>

4.3 A Zona Pericentral - Os Subcentros São Jacinto, Castro Pires e Marajoara.....	121
4.3.1 O bairro São Jacinto.....	122
<u>4.3.1.1. O subcentro São Jacinto: potencialidades econômicas I.....</u>	123
4.3.2. O Bairro Castro Pires.....	127
<u>4.3.2.1 A Zona de Processamento para Exportação – ZPE no subcentro Castro Pires: potencialidades econômicas II.....</u>	128
4.3.3 O Bairro Marajoara.....	
4.4 A Zona Periférica.....	132
4.4.1 A Turma 37 – Estação de Tratamento de Esgoto –ETE.....	134
4.4.2 A Turma 38 – Barragem da Companhia de Saneamento de Minas Gerais – COPASA/MG.....	136
	139
5 CONCLUSÃO.....	

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga aspectos relacionados à temática das cidades médias tendo como base o estudo da cidade de Teófilo Otoni, localizada no vale do Mucuri no estado de Minas Gerais sob a ótica do zoneamento morfológico funcional proposto por Amorim Filho (2003). Esta temática vem sendo estudada por acadêmicos e planejadores urbanos há muito tempo. Desde as décadas de 1950 e 1960, a preocupação com o estudo das cidades médias se tornou latente principalmente na França. A esta época, o planejamento urbano e regional e os estudos de redes urbanas se tornaram essenciais. O planejamento urbano e regional – denominado na França “*aménagement du territoire*” alcançou uma grande importância tendo em vista o processo de recuperação de áreas devastadas pela Segunda Grande Mundial.

No Brasil, os estudos pioneiros realizados por Amorim Filho sobre a cidade de Formiga no estado de Minas Gerais nos anos de 1968, 1969 e 1970 somaram-se aos estudos desenvolvidos durante o seu período de doutoramento na Universidade de Bordeaux III (ainda sobre Formiga e sua região, em 1971, 1972 e 1973). A partir de 1974 continua a desenvolver a temática na Universidade Federal de Minas Gerais trabalhando a rede de cidades médias de Minas Gerais. Estes trabalhos assinalaram a importante repercussão do estudo das cidades médias no Brasil.

Cerca de vinte anos depois, já na década de 90, durante o Simpósio Nacional de Geografia Urbana realizado na cidade de Salvador (BA) mais especificamente no ano de 1997, vários pesquisadores brasileiros alertaram que havia uma carência muito grande na área de estudos referentes às cidades médias no Brasil. Em 1999, durante a realização do mesmo Simpósio ocorrido na cidade de Presidente Prudente (SP) ocorreu a Primeira Jornada de Pesquisadores sobre Cidades Médias. A partir desta jornada teve início a elaboração de um projeto de trabalho conjunto cujo esboço data do ano de 2002. Este esboço gerou uma proposta de trabalho que culminou na criação de uma Rede de Pesquisadores de Cidades Médias chamada de ReCiMe. Em 2006, O Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC Minas realizou o VI Seminário de Qualidade de Vida Urbana e o V Seminário Internacional de Estudos Urbanos. Nestes seminários a temática relativa a cidades médias foi tema de uma mesa redonda intitulada “Estudos Urbanos e Cidades Médias”. No

mesmo ano (2006) também aconteceu o III Simpósio Internacional “Cidades Médias: Produção do Espaço e Dinâmicas Econômicas”, realizado pela Universidade Federal de Uberlândia (MG).

Agregando esforços para a elucidação referente ao complexo sistema de caracterização das cidades médias, está o Projeto TOR – Teófilo Otoni e região. Este projeto se desenvolve desde o ano de 2005, com financiamento inicial da CAPES e contribuição da Prefeitura Municipal de Teófilo Otoni/MG, sendo executado pelo Programa de Pós-graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial da PUC Minas. Um dos desdobramentos deste projeto foi a pesquisa que municiou esta tese e que permitiu a análise da cidade de Teófilo Otoni sob a ótica do modelo de zoneamento morfológico funcional proposto por Amorim Filho (2003).

O trabalho foi então dividido em três capítulos descritos a seguir. O primeiro capítulo discute a urbanização no Brasil e em Minas Gerais tendo como parâmetro inicial o período após a década 40 do século passado. A escolha do período foi em função do momento em que o Brasil deixava de ser essencialmente um país rural-agrícola, para se incorporar a um padrão urbano-industrial de produção capitalista haja visto que, o processo de urbanização ocorrido nas cidades, tornou premente a necessidade de políticas de planejamento que objetivassem a redução da migração direcionada aos grandes centros urbanos, como Belo Horizonte/MG, São Paulo/SP e Rio de Janeiro/RJ. Trinta anos depois, na década de 1970, o governo federal, por meio de políticas públicas de organização do território, começou a incentivar a criação de novos pólos de desenvolvimento em regiões consideradas periféricas: as cidades de porte médio ou cidades médias. Com isso, as cidades médias cresceram econômica e demograficamente, sendo necessária a compreensão da dinâmica dessas cidades e sua importância na região em que se inserem e a sua economia e participação dentro da hierarquia urbana brasileira. O segundo capítulo apresenta uma análise da posição geográfica da cidade de Teófilo Otoni/MG incluindo dados da história do município e da formação da sua população em geral. Aprofundando a análise do espaço intra-urbano, o terceiro capítulo apresenta um estudo de caso detalhado da cidade média de Teófilo Otoni/MG, feito a partir da aplicação do modelo de zoneamento morfológico funcional para as cidades médias elaborado por Amorim Filho (2003).

Para dar suporte ao trabalho, foram utilizadas fontes primárias (trabalhos de campo) e secundárias (documentos, dados estatísticos e pesquisas), informações

produzidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística do Brasil - IBGE, Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, Fundação João Pinheiro, arquivos públicos, prefeituras municipais e universidades.

Por fim, finalizamos o trabalho com as conclusões e considerações finais a respeito do estudo realizado.

1.1 Relevância da proposta

Este trabalho propõe uma análise do espaço intra-urbana de Teófilo Otoni/MG e a configuração desse espaço em relação aos eixos de crescimento da cidade (antigos e novos) do ponto de vista socioeconômico e cultural. A análise vem somar esforços aos estudos referentes às cidades médias que vêm se constituindo em elementos fundamentais nos processos de desenvolvimento regional e urbano.

Os estudos envolvendo os aspectos morfológicos do espaço urbano, em relação à forma tomada por este espaço, têm sido pouco contemplados na maior parte dos trabalhos acadêmicos no que refere à geografia urbana em geral e em particular às cidades médias. Assim, uma proposta que procura formular um modelo geocartográfico do zoneamento morfológico-funcional para as cidades médias de Minas Gerais reveste-se de importância para todos os interessados nos estudos envolvendo esta categoria de cidade. Além disso, deve-se ressaltar que para realizar o estudo da cidade de Teófilo Otoni/MG foi aplicado o modelo geocartográfico elaborado por Amorim Filho (2003) para a identificação das cidades médias de Minas Gerais a partir da morfologia intraurbana.

A relevância da temática se comprova porque as cidades médias assumiram um importante papel na interligação entre as redes de cidades locais e globais e alcançaram reconhecimento enquanto cidades polo de atração regional. Este é o caso da cidade de Teófilo Otoni, localizada na região de planejamento do Jequitinhonha/Mucuri no nordeste do estado de Minas Gerais, região essa que se encontrava em processo de estagnação econômica desde a década de 1980 e que atualmente passa por um importante processo de desenvolvimento econômico-cultural.

A cidade de Teófilo Otoni é singular no contexto do nordeste de Minas Gerais. Tem uma posição geográfica favorável e uma boa quantidade de equipamentos e serviços considerados de extrema importância para a região, principalmente na área

de saúde, educação e finanças. Esta vocação na área de serviços lhe confere atributos que justificam, entre outros, a sua caracterização como cidade média. Mas, no contexto atual, a cidade de Teófilo Otoni vive um momento de expansão em relação ao seu desenvolvimento. Condições favoráveis para se alavancar o processo de desenvolvimento econômico do município estão se consolidando através de, entre outros, o desenvolvimento de um polo universitário na cidade contando com várias instituições de educação de nível superior entre elas as faculdades Doctum, Centro Universitário Caratinga-Unec-Iesfato, Universidade de Uberaba -Uniube – Polo de Educação a distância, Universidade Norte do Paraná – Unopar - Polo de Educação a distância, Fundação Educacional Nordeste Mineiro - Fenord, Universidade Presidente Antônio Carlos - Unipac, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PUCMinas, Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG e a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/UFVJM.

No que se refere à área de saúde, a readaptação de um antigo hospital local para um hospital especializado em tratamentos oncológicos (Hospital São Vicente de Paulo), a retomada do projeto de implantação de uma Zona de Processamento e Exportação (ZPE) que foi criada pelo Decreto Federal nº 1.276, de 13 de outubro de 1994 (Art.1º) e que se encontra em fase de ordenamento jurídico para o funcionamento da área, a construção de uma estação de tratamento de esgotos (ETE) pela empresa de saneamento básico do estado de Minas Gerais – COPASA e a construção de uma barragem visando o fim do desabastecimento de água, situação recorrente em épocas de seca.

Chamamos a atenção para o fato de que esta será a primeira vez que a cidade de Teófilo Otoni/MG será analisada sob a ótica do modelo de Zoneamento Morfológico Funcional das Cidades Médias mineiras proposto por Amorim Filho (2003), e que se deve ressaltar também a pequena quantidade de estudos referentes ao zoneamento morfológico–funcional do espaço intra-urbana , mesmo quando se leva em conta os estudos clássicos da geografia urbana.

1.2 – Definição do Problema:

Desde as décadas de 1950 e 1960, a preocupação com o estudo das cidades médias se torna latente na Europa e principalmente na França. A esta época, o planejamento urbano e regional e os estudos de redes urbanas se tornaram essenciais. Era o período pós Segunda Grande Guerra Mundial e estes estudos foram de extrema importância principalmente para o entendimento do processo de reconstrução de áreas devastadas durante o embate bélico. Essa importância já começava a ser apontada desde o Congresso da União Geográfica Mundial (UGI) realizado em Lisboa no ano de 1949 onde, o planejamento urbano e regional – denominado na França “*aménagement du territoire*” tomava uma grande importância.

O Brasil foi um dos primeiros – após a França – a se voltar para a questão das cidades médias, com os estudos pioneiros realizados sobre Formiga-MG, nessa mesma cidade (1968, 1969 e 1970), na Universidade de Bordeaux III (ainda sobre Formiga e sua região, em 1971, 1972 e 1973) e sobre a rede de cidades médias de Minas Gerais, na Universidade Federal de Minas Gerais, a partir de 1974. (AMORIM FILHO, 2007, página 12).

Em 1997, durante o Simpósio Nacional de Geografia Urbana realizado na cidade de Salvador (BA), vários pesquisadores brasileiros apontaram a existência de uma carência muito grande na área de estudos de cidades médias no Brasil. Em 1999, durante a realização do mesmo Simpósio ocorrido na cidade de Presidente Prudente no interior do estado de São Paulo, aconteceu a Primeira Jornada de Pesquisadores sobre Cidades Média. A partir desta jornada teve início a elaboração de um projeto de trabalho comum cujo esboço data do ano de 2002. Este esboço gerou uma proposta de trabalho que desembocou na criação de uma Rede de Pesquisadores de Cidades Médias: a ReCiMe.

Em 2006, O Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC Minas realizou o VI Seminário de Qualidade de Vida Urbana e o V Seminário Internacional de Estudos Urbanos. Nestes seminários a temática relativa a cidades médias foi tema de uma mesa redonda intitulada “Estudos Urbanos e Cidades Médias”.

No mesmo ano (2006) também aconteceu o III Simpósio Internacional “Cidades Médias: Produção do Espaço e Dinâmicas Econômicas”, realizado pela Universidade Federal de Uberlândia (MG), onde o Prof. Dr. Roberto Lobato Corrêa

apresentou uma discussão teórico-metodológica a respeito da construção do conceito de cidade média, utilizando-se da definição de cidades médias apresentada por Pierre George e Nicole Commerçon em 1999, no livro intitulado “*Villes de Transition*”. Para Corrêa (2007), a particularidade da construção do conceito reside “no pressuposto de uma específica combinação entre tamanho demográfico, funções urbanas e organização de seu espaço intra-urbana”. Por meio deste conceito poder-se-ia conceituar tanto a cidade pequena, quanto a média, a grande e a metrópole.

O tamanho demográfico segundo Corrêa (2007) significa,

para um mesmo contexto regional de renda e padrão cultural, maior ou menor economia de escala, envolvendo a cidade e seu espaço de atuação, possibilitando maior ou menor desenvolvimento de funções urbanas ou atividades básicas, direcionadas essencialmente para fora da cidade. (CORRÊA, 2007 página 32)

O autor a partir desta constatação, afirma que a partir do resultado da relação descrita acima é possível definir e identificar a pequena, média, grande cidade e a metrópole.

Corrêa (2007) apresenta-nos também a idéia do tamanho demográfico:

Quanto maior o tamanho demográfico, maior será a dimensão do espaço intra-urbana . Esta dimensão é expressa pela distância entre o centro e a periferia da cidade. [...] quanto maior o tamanho demográfico e mais complexas as atividades econômicas, (funções urbanas), mais fragmentada e, por conseguinte, mais articulada será a cidade. [...] A cidade média combina tamanho demográfico, funções urbanas e organização de seu espaço intra-urbana de forma particular. (CORRÊA, 2007 página 32)

Essas combinações de características têm que ser contextualizadas geograficamente. Ou seja: nenhum destes três pontos pode ser considerado isoladamente visto que, nem sempre, o tamanho demográfico coincide com a dimensão do espaço urbano.

De posse das orientações e estudos de Amorim Filho que também é um dos autores pioneiros nos estudos de cidades médias do Brasil e de Corrêa (2007), poderemos entender e conhecer a origem, a evolução e as perspectivas dos estudos de cidades médias no Brasil. Estes estudos nos oferecem um acervo amplo e poderoso do ponto de vista teórico-metodológico. Partindo desta orientação metodológica começaremos a analisar o nosso objeto de estudo: a cidade de Teófilo Otoni no estado de Minas Gerais.

Apesar da relevância do tema, existe ainda uma escassez de reflexões geográficas voltadas para a morfologia do espaço urbano:

os aspectos morfológicos do tecido urbano, considerados em suas conotações mais abrangentes, inclusive levando-se em conta os padrões fisionômicos, ou das paisagens urbanas, pouco têm sido contemplados na maior parte dos textos sobre o tema, mesmo naqueles elaborados por geógrafos.]

... as hierarquizações urbanas tendo como critério principal o zoneamento morfológico-funcional, com a respectiva projeção nas paisagens intra-urbanas (...) raramente têm sido realizadas, mesmo em nível mundial.” (Amorim Filho & Sena Filho, 2005, p.42 e 43).

A falta de estudos que empreguem o critério da morfologia urbana para caracterização é considerada uma lacuna no que se refere também às cidades médias:

É possível que esta lacuna se deva, de um lado, ao fato de que se trate de uma das noções mais complexas sobre o espaço intra-urbano, mesmo para geógrafos urbanos e/ou arquitetos-urbanistas; de outro, à necessidade, quase absoluta, da ‘experiência de campo’ nas pesquisas morfológicas, o que torna tais pesquisas bem mais difíceis e custosas. (Amorim Filho & Sena Filho, 2005, p.53).

Sendo a análise do espaço intra-urbano das cidades médias um problema complexo, as pesquisas que embasaram este trabalho tiveram como elemento-chave, os trabalhos de campo.

1.3 – Objetivos:

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o espaço intra-urbano da cidade de Teófilo Otoni/MG e a relação entre o tamanho e as funções da referida cidade, buscando comprovar a caracterização hierárquica de Teófilo Otoni/MG como cidade média através da aplicação dos critérios de classificação de cidades médias e do modelo morfológico-funcional proposto por Amorim Filho (2007). Pretende-se estudar uma área que, além de ser uma região pouco conhecida geograficamente, ainda não foi estudada sob o ponto de vista da organização interna da cidade. Este objetivo é também o fator de maior relevância da pesquisa. Será considerado o papel da cidade estudada em sua região e o seu zoneamento morfológico-funcional intra-urbano.

1.4 Metodologia:

Em 2008, um projeto de pesquisa denominado “Análise do Espaço Intra-urbano da cidade de Teófilo Otoni/MG aprovado pelo Fundo de Incentivo à Pesquisa da PUC Minas – FIP deu início imediato à coleta de dados que municiaram a confecção dessa tese. Os dados foram coletados *in loco* e as análises foram realizadas no Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais e no Laboratório de Estudos do Vale do Mucuri, tendo como enfoque o desenvolvimento do modelo morfológico funcional.

A pesquisa de campo, realizada no período de agosto de 2008, dezembro/2008 e janeiro/2009, abrangeu a área intra-urbana da cidade de Teófilo Otoni. Foram 3 visitas ao todo, com duração de 4, 5 e 2 dias respectivamente.

O primeiro trabalho de campo foi realizado na última semana do mês de agosto/2008. Coletaram-se pontos via aparelho de GPS (Global Positioning System), coleta esta seguida de registro fotográfico de determinadas áreas dentro do espaço intra-urbano. Essas áreas foram selecionadas de acordo com o modelo de zoneamento morfológico funcional proposto por Amorim Filho (2007).

De volta ao gabinete, procedemos à análise dos dados coletados em campo, tendo como referenciais as características apresentadas pelo modelo de zoneamento morfológico-funcional de acordo com os níveis de hierarquia urbana proposto por Amorim Filho (2007) descrito a seguir.

Quadro 1: Zoneamento Morfológico-funcional e níveis de hierarquia urbana: cidades médias

Níveis da hierarquia urbana	Zona Central	Zona Pericentral	Zona Periférica	Zona Periurbana
Cidade Média	Centro principal bem definido funcionalmente (forte presença de equipamentos “raros”, de alcance regional); diferenciação funcional interna; paisagem e morfologia típicas (construções em altura; maior densidade de construções; forte movimento de veículos e de pessoas, animação); função residencial superada pelas funções terciárias; centro com polarização pelo menos microrregional, podendo alcançar o nível regional de polarização.	Extensa espacialmente; função residencial predominante; presença de subcentros especializados ou polifuncionais, ao longo dos eixos, de praças e de entroncamentos; diferenciação morfológica e paisagística em função de diferenças socioeconômicas; presença de equipamentos especiais como hospitais, universidades, casernas, estações rodoviárias e ferroviárias, etc.	De dois tipos: contínua (como prolongamento da zona pericentral) e descontínua, ou polinuclear, formada por loteamentos (unidades organizadas) ou “vilas” (desorganizadas e, em certas regiões, verdadeiras favelas); presença de subcentros polifuncionais bem modestos (comércio e serviços de vizinhança) e de alguns subcentros especializados; extensão proporcional ao nível hierárquico e tamanho da cidade.	Presença de uma zona de transição urbano-rural mais ou menos extensa, e que se confunde, nas imediações da cidade, com a periferia polinucleada e descontínua; presença de alguns equipamentos terciários pontuais; aumento das casas de campo, de clubes campestres e hotéis-fazenda; diminuição das fazendas e aumento das pequenas propriedades com produtos para a cidade média.

Fonte: AMORIM FILHO, 2007, p. 72.

2. URBANIZAÇÃO NO BRASIL E EM MINAS GERAIS – O PAPEL DAS CIDADES MÉDIAS

A seguir, apresentaremos o processo de urbanização no Brasil, com um recorte espacial para o estado de Minas Gerais destacando as cidades de porte médio.

2.1 Contexto Nacional

A urbanização é um fenômeno histórico de concentração de população nas cidades. Essa definição, no entanto, permite qualificá-la apenas do ponto de vista estatístico e demográfico. Dessa forma, esse critério apresenta-se como insuficiente para a abordagem da urbanização nos dias atuais (Villaça, 2003, p.29).

Os elementos que definem uma cidade, segundo a Geografia Urbana Tradicional, são o predomínio de certas atividades (indústria e serviços), concentração de habitat e número de habitantes vide a proposta da Escola de Ecologia Humana de Chicago para os estudos urbanos nos anos 1920 e 1930. Segundo esta escola, há uma relação ecológica entre homem e natureza onde o homem tenta se adaptar ao meio natural. O objetivo é estudar a relação homem meio e sua luta pelo espaço, dando ênfase à morfologia urbana e sua evolução histórica a partir do crescimento em etapas. A noção de centralidade é fundamental devido às mudanças que ocorrem na organização sócio-espacial a partir do centro de negócios e que levam à expansão urbana. O núcleo se desdobra em anéis consecutivos e diferenciados que se definem pela homogeneidade dos usos e composição populacional.

Sposito (1999) descreve alguns elementos de caráter estatístico-demográfico, econômico e outros relacionados aos modos de vida (estilo de vida, cultura e valores urbanos) que caracterizam a urbanização contemporânea e que devem ser considerados nas análises dos estudiosos interessados por essa temática. Conforme a autora,

[...] uma urbanização que se reconstrói, também, como espacialidade que se redesenha a partir da fragmentação do tecido urbano e da intensificação da circulação de pessoas, mercadorias, informações, idéias e símbolos. A urbanização da sociedade não compreende, portanto, apenas a dinâmica demográfica de concentração de homens, ou a dinâmica econômica de concentração das riquezas, nem as formas concretas que expressam ou determinam essas dinâmicas, mas seu conteúdo social e cultural. (SPOSITO, 1999, p.84).

Ademais, não é apenas o aumento do número de habitantes e do tamanho das cidades que caracteriza e/ou explica o processo de urbanização, mas, também, os papéis que as cidades vão desempenhar no processo econômico manifestados por meio da criação de consumo, produção, ocupação de espaços vazios e reestruturação da rede urbana, entre outros condicionantes.

Entre outros aspectos, a urbanização é derivada da migração da população do campo, que se fixa em demasia nas cidades. A população rural migra para as cidades, na maioria das vezes, devido à pobreza, à desestabilização da economia local e à degradação das condições de vida no campo, tal como é descrito por Costa (1999):

A estrutura fundiária concentradora contribui para a expulsão do homem do campo. Os equipamentos urbanos, a infraestrutura, os serviços e a possibilidade de emprego também são fatores atraentes, que levaram a população do campo para a cidade. Numa sociedade rural, o surgimento desse fenômeno urbano explica-se pela degradação das condições de vida no campo. (COSTA, 1999, p.101).

Como resultado da migração, as cidades aumentam seu número populacional, crescem e se expandem. Contudo, o fenômeno da urbanização não se restringe somente ao acréscimo da população urbana como resultado da transferência populacional campo-cidade. No que se refere aos aspectos sócio-culturais, o processo de urbanização resulta em mudanças no modo de vida, nos hábitos e comportamentos. Nesse sentido, a pessoa ou grupo que migra do campo em direção à cidade vai assumindo, gradativamente, características de cidadão, tanto em relação ao comportamento e modos de vida como em relação à civilidade, à produção e à reprodução do espaço urbano, bem como seu uso e ocupação.

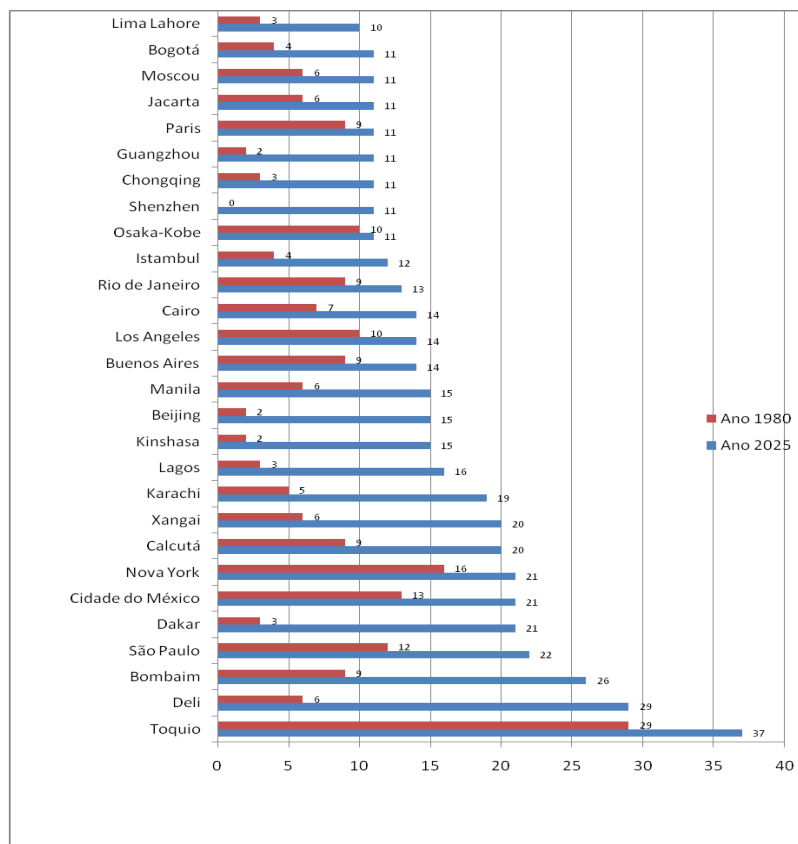
Observa-se, portanto, que a urbanização, em sua essência, não significa somente aumento da concentração da população nas cidades, implicam em

mudanças complexas e profundas de estilo de vida, que decorrem do impacto da cidade sobre a sociedade.

2.2. Urbanização Moderna: Características

O desenrolar do século XIX foi marcado pela intensificação do processo de urbanização nas grandes cidades e pelo nascimento de grandes aglomerações urbanas, como Tóquio, Nova York, Paris, São Paulo, dentre outras (figura 2). Nesse contexto, as grandes cidades tornam-se o alvo das populações migrantes do campo, que buscam melhores condições de vida, empregos e acesso ao consumo. Conseqüentemente, essas cidades passam a exibir taxas elevadíssimas de urbanização, sendo, cada vez mais, imbuídas de valores urbanos, como o distanciamento entre as pessoas, ao passo que, cada vez menos, demonstram a expressão cultural da origem de seus habitantes e referência de solidariedade entre os mesmos.

Figura 2: Megacidades – situação na década de 1980 e projeção para 2025



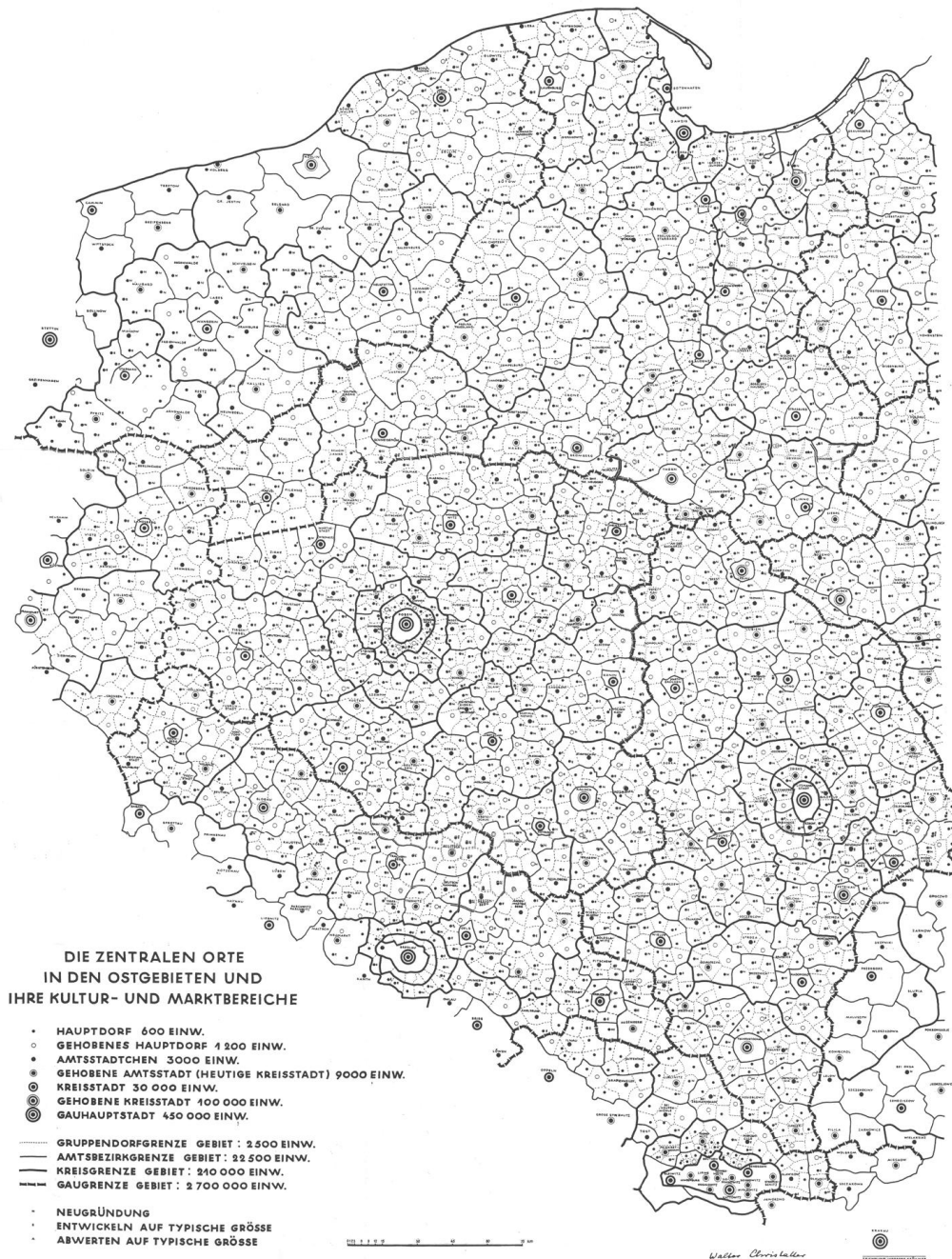
Fonte: Fundo Populacional das Nações Unidas para o Desenvolvimento (UNDP) 2009

Uma perspectiva urbana de sistema analisa a urbanização em termos dos relacionamentos entre cidades e entre cidades e sua *hinterland* (Berry, 1961). Estes relacionamentos canalizam fluxos de informações, mercadorias, serviços e pessoas sendo que a natureza das mudanças dos fluxos sobre o tempo incorporam as "redes de fluxos de informações" que cada vez mais vão substituindo produtos e fluxos de pessoas (Frisbie e Kasadra, 1988). Também as noções ecológicas de função principal e posição dominante fizeram parte do conceito de sistema urbano (Hawley, 1968). Fluxos interurbanos em um sistema urbano são hierarquicamente organizados em fluxos entre níveis mais baixos e níveis mais altos com centros mais altos de ordem organizando o desenvolvimento de centros inferiores pelo controle de recursos políticos e econômicos.

Um dos teóricos modernos que se debruçaram sobre o tema da urbanização foi o geógrafo alemão Walter Christaller com a Teoria dos Lugares Centrais, cujos princípios expôs no trabalho *Os Lugares Centrais da Alemanha Meridional*, publicado em 1933. A obra de Christaller foi difundida a partir de finais da década de 60, tendo se convertido numa das teorias essenciais da Nova Geografia. Com base nos princípios que defendeu, Christaller explicou o número, a dimensão e a distribuição dos lugares centrais, considerados como centros fornecedores de bens e serviços a uma população circundante, hierarquizando-os segundo o seu grau de centralidade (FIG. 3).

Esta perspectiva continua a influenciar o planejamento e o desenvolvimento de alguns países nos dias atuais.

Figura 3 - Mapa proposto por Christaller em 1941.



Fonte: Christaller (1941)

Brian Berry (1973) enfatizou o papel da modernização das cidades e viu como as elites aprofundavam a dependência dos países menos desenvolvidos no mundo desenvolvido. Armstrong e McGee (1985: p. 44), ao admitirem que sistemas urbanos pudessem às vezes contribuir para o desenvolvimento moderno, disseram: "O papel

mais importante dos sistemas urbanos do Terceiro Mundo é o de fornecer as bases para acumulação centralizada de capital por empresas transnacionais e negócios locais". Os analistas usaram termos como "superurbanização" ou "pseudourbanização" para enfatizar as conseqüências negativas de urbanização para o desenvolvimento (Quadro 2).

Quadro 2 - taxa de urbanização África e América Latina (1950-2000)

	%Urbana em 1950	Taxa de urbanização					%Urbana em 2000
		1950-60	1960-70	1970-80	1980-90	1990-2000	
AFRICA	14,7	2,32	2,24	1,71	1,55	1,56	31,8
Angola	7,6	3,21	3,59	3,34	2,77	2,15	34,2
Rep. Dem.Congo	19,1	1,55	3,06	-0,54	-0,27	0,80	30,3
Egito	31,9	1,71	1,09	0,38	-0,06	-0,21	42,7
Etiópia	4,6	3,36	2,90	1,98	1,94	1,99	15,5
Kenia	5,6	2,76	3,36	4,45	4,01	3,29	33,4
Nigéria	10,1	3,49	3,28	2,97	2,66	2,29	44,1
África do Sul	43,1	0,79	0,25	0,07	0,14	1,52	56,9
Tanzania	3,8	2,18	3,50	7,91	3,86	3,96	32,3
Uganda	3,1	4,95	4,52	0,99	2,38	2,38	14,2
Zambia	8,9	6,66	5,61	2,77	-0,10	0,05	39,6
ASIA	17,4	1,77	1,18	1,39	1,85	1,47	32,3
China	12,5	2,47	0,84	1,19	3,35	2,67	35,8
India	17,3	0,40	0,96	1,55	1,02	0,80	27,7
Indonésia	12,4	1,63	1,58	2,61	3,27	2,86	41,0
Coréia	21,4	2,61	3,85	3,34	2,61	1,03	81,9
Malásia	20,4	2,67	2,29	2,29	1,70	1,42	57,4
Paquistão	17,3	2,32	1,20	1,20	0,85	0,80	33,1
Filipinas	27,1	1,10	1,28	1,28	2,63	1,83	58,6
Tailândia	10,5	1,74	2,45	2,45	0,95	0,57	19,8
AMÉRICA LATINA	41,9	1,68	1,51	1,22	0,89	0,18	71,1
Argentina	65,3	1,19	0,63	0,56	0,43	0,19	88,2
Bolívia	33,9	0,82	0,78	1,34	2,01	1,15	62,3
Brasil	36,5	2,23	2,14	1,67	1,12	0,82	81,2
Chile	58,4	1,49	1,03	0,77	0,25	0,30	85,8
Colômbia	42,1	1,54	1,41	1,01	0,93	0,87	75,0
México	42,7	1,74	1,51	1,17	0,88	0,53	76,4
Peru	35,5	2,65	2,15	1,18	0,65	0,55	72,8
Guatemala	29,5	0,95	0,91	0,51	0,18	0,40	39,7
ASIA (OESTE)	26,7	2,71	2,38	1,53	1,82	0,42	62,0
Turquia	21,3	3,32	2,56	1,31	3,35	0,72	65,8

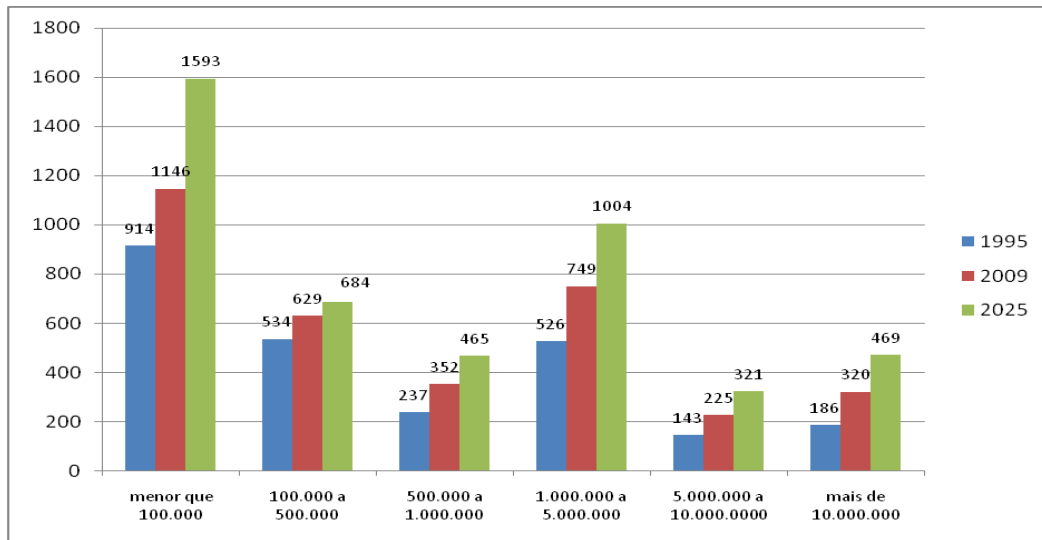
Fonte: Relatório Urbanização Mundial – Revisão 2001 – PNUD p. 321

Os altos índices de urbanização entre 1950 e 2000 na América Latina ocorreram por volta dos anos 1950, quando muitos sistemas urbanos na América Latina tiveram uma alta primazia caracterizada pela concentração da população urbana de alguns países em suas maiores cidades. Países de outras regiões experimentaram esses altos índices de urbanização um pouco mais tarde por volta dos anos 1960 e 1970.

Em regiões do mundo que eram altamente urbanas nos anos 1950 e 1960, tal como a América Latina, o foco estava nas irregularidades e desigualdades de urbanização e do desenvolvimento dos sistemas urbanos. Esta análise se voltou principalmente com a questão da primazia de algumas cidades. A primazia foi identificada como uma característica dos sistemas urbanos de países menos desenvolvidos. A primazia pode ser medida em várias maneiras, mas conceitualmente refere-se a uma característica estrutural do sistema urbano em que os relacionamentos econômicos entre as cidades de mais baixa ordem e entre estas cidades e suas hinterlândias são tão fracamente desenvolvidas que as transações econômicas e a população se concentram numa cidade mais importante. Na ausência de centros intermediários fortes, a migração rural-urbano flui diretamente para a cidade primaz, realizando um enorme número de trocas comerciais.

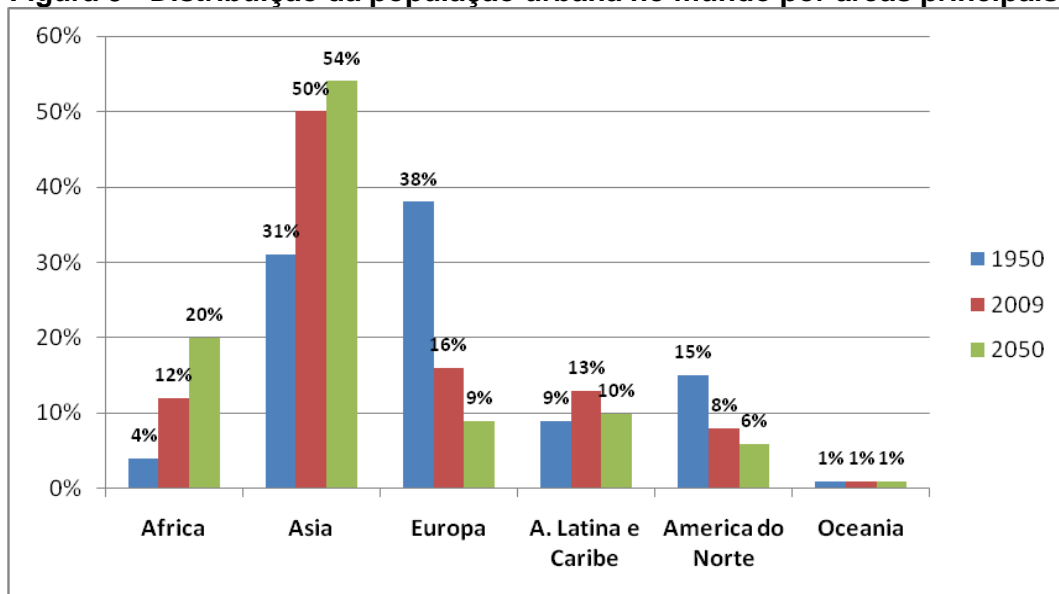
A mudança em escala dos sistemas urbanos do nacional ao global exige outro repensar da aplicabilidade do conceito de sistemas urbanos em países menos desenvolvidos. Em sua ênfase nos fluxos, a literatura nas dimensões globais dos sistemas urbanos radicalmente não difere das perspectivas ecológicas anteriores de sistemas urbanos. Cidades mundiais não podem substituir Estados como atores importantes no governo mundial, mas o poder dos Estados, é discutido, pois cada vez mais depende da sinergia criativa que acontece dentro das cidades importantes e suas regiões, e no alcance das redes econômicas destas regiões de cidade (MacLeod, 2001). No entanto, a erosão do controle do Estado sobre seu território é potencialmente mais séria para um equilíbrio urbano e ordenamento do território em países menos desenvolvidos do que no mundo desenvolvido já que as cidades mundiais e suas corporações multinacionais pertencem ao mundo desenvolvido.

Figura 4 - População total¹ por classificação do tamanho da cidade (em milhões)



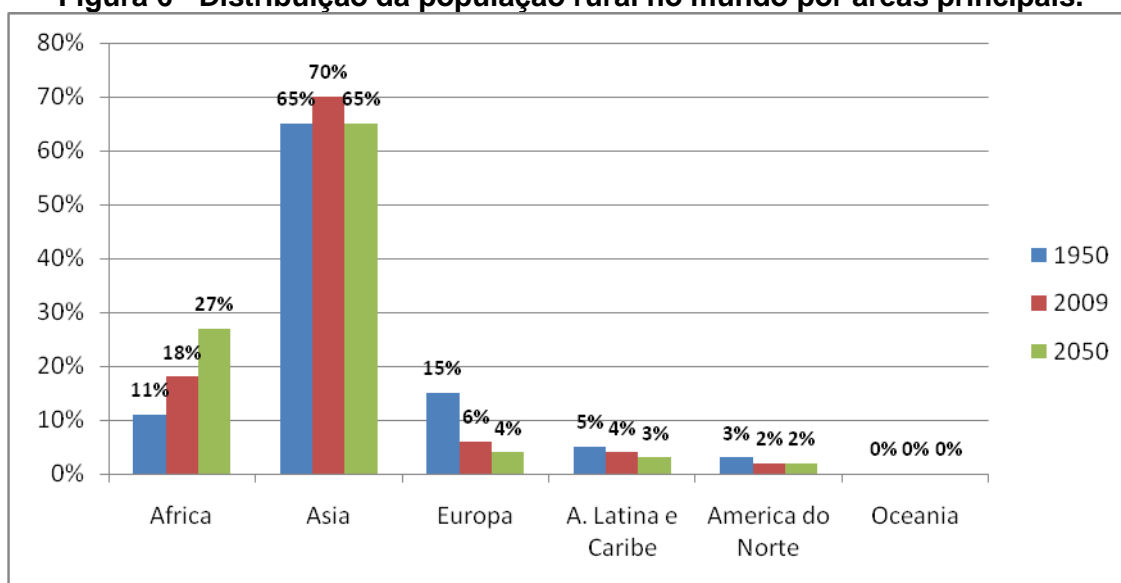
Fonte: ONU, Departamento Econômico e Social, Divisão de população, 2010, p. 375.

Figura 5 - Distribuição da população urbana no mundo por áreas principais.



Fonte: ONU, Departamento Econômico e Social, Divisão de população, 2010, p. 377.

¹ A população total nas cidades menores é calculada como a diferença da população urbana total e a soma das populações nas cidades estimadas a ter menos de 100.000 habitantes em cada ponto no tempo. No entanto, como os dados das cidades individuais geralmente é informado somente quando as suas populações superam 100.000, os números projetados na classe de menor tamanho podem incluir algumas cidades que já superaram a marca dos 100.000. (Nações Unidas, Departamento Econômico e Social, Divisão de população: *World Urbanization Prospects, the 2009 Revision*. New York, 2010)

Figura 6 - Distribuição da população rural no mundo por áreas principais.

Fonte: ONU, Departamento Econômico e Social, Divisão de população, 2010, p. 378.

O trabalho do geógrafo francês Pierre Monbeig, em seu artigo “*O estudo geográfico das cidades*” de 1943 estabelece os tópicos norteadores para a confecção de um estudo urbano. Seguindo a trajetória de outro autor francês - Vidal de La Blache -, Monbeig entende a cidade como resultado do trabalho humano, a posse e a transformação do solo pelo homem através da técnica. A cidade é um conjunto de bairros. Uma boa pesquisa na área urbana deve tratar não só das grandes, mas também das pequenas cidades. Deve-se fazer uso do conhecimento de outras áreas do conhecimento científico (como a História, a Ecologia e a Biologia) e mapear o quadro natural e a massa humana que o transforma.

Na análise proposta por Monbeig a cidade é percebida como organismo e a pesquisa urbana basicamente teria três etapas.

A primeira etapa seria a análise do quadro natural, ou seja, onde nasceu e cresceu a cidade. Do primeiro agrupamento até os seus desdobramentos e é nesta parte que se encontram os estudos de relevo, geologia, vegetação, clima e da situação (no contexto regional) e do “local urbano” (em relação ao contexto local).

A segunda etapa abrangeria a evolução do espaço, ou seja, a formação, a progressão, o ritmo e as circunstâncias da evolução urbana. Neste segmento estão incluídos os estudos de demografia, do habitat urbano (perfil das moradias) e a circulação urbana.

A terceira etapa versaria então sobre a função urbana. Dependendo do meio geográfico, a função urbana poderá ser comercial, industrial, bancária, educação etc. A função urbana tem relação com a política e a economia gerais e abarca também o raio de ação da cidade, seu raio de influência.

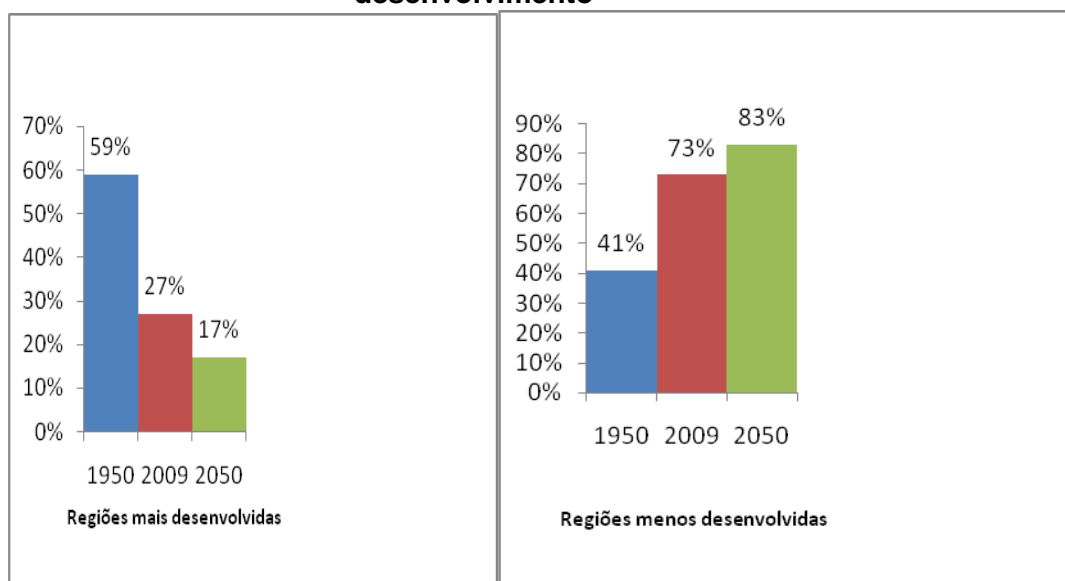
Ainda de base tradicional, porém de forma um pouco mais “crítica” tem-se a visão do geógrafo francês Pierre George. George (1983) afirma que a cidade estabelece vínculos com seu entorno, seja o campo ou outra(s) cidade(s), formando uma região.

Na relação cidade-campo, a cidade fornece para o campo, produtos industrializados, organiza a vida coletiva rural, difunde técnicas e serviços de nível elevado. A formação da população urbana está ligada a fatores como crises agrícolas, destruição de um artesanato regional pela concorrência dos produtos industrializados, multiplicação dos meios de transporte e expansão da indústria. Além disso, a cidade capta em grande medida a renda fundiária rural, os produtos agrícolas e os comercializa, recruta mão-de-obra do campo, oferece serviços, distribui produtos comerciais e é a sede do circuito financeiro. Na relação cidade-cidade, George (1983) afirma que este tipo de relação configura a rede urbana. A cidade fica cada vez mais complexa, passando da simples aldeia-centro até a cidade mundial de hoje. É a chamada hierarquia urbana.

2.3 Urbanização no Brasil

Países como o Brasil, que se urbanizaram aceleradamente, alcançaram um índice de pobreza maior em relação a outros países que se urbanizaram de maneira mais gradual, como, por exemplo, os países do mundo desenvolvido. Desse modo, foi percebido um processo de fracasso e elevado custo econômico, com insustentabilidade ambiental e social com profundas desigualdades.

Figura 7 - Distribuição da população urbana no mundo por regiões de desenvolvimento



Fonte: ONU, Departamento Econômico e Social, Divisão de população, 2010, p. 379.

Até 1950 a rede urbana brasileira era fragmentada, esparsa, desarticulada, nucleada em faixas próximas do litoral, fortemente associada às heranças da economia primário-exportadora dos séculos anteriores. Contudo, desde então sua evolução ganhou desenvoltura e complexidade, abrangendo cidades de diversos tamanhos, além dos centros metropolitanos, em meio a uma expansão sem precedentes da malha viária, notadamente a partir da iminente instalação do setor automotivo no país.

Martine *et al* (1990) não deixa dúvidas sobre o dinamismo da urbanização nos anos 50 resultante das altas taxas de crescimento vegetativo da própria população urbana e da impressionante contribuição das migrações internas do tipo campo-cidade.

A partir de fins dos anos 60 e década de 70, a expansão da economia brasileira e os próprios efeitos inerciais do crescimento demográfico favoreceram diretamente o surgimento de várias aglomerações urbanas, fazendo expandir a rede urbana e delineando um processo consistente de interiorização do desenvolvimento.²

² Cano (1985), estudando o movimento da indústria e a concentração regional entre 1930-1970, mostrou o forte aumento da concentração em São Paulo, quando a “periferia” nacional também exibiu expansão industrial acelerada, embora a taxas bem inferiores às de São Paulo. Durante a chamada “industrialização restringida”, São Paulo determinou a expansão, em forma e ritmo, pela consolidação

Entre 1960 e 1980 houve uma redução do ritmo de urbanização, de 5,2% ao ano entre 1960/70 para 4,4% na década de 70. Contudo, os estoques de população residente em áreas urbanas já eram muito expressivos em 1970. Entretanto deve-se ter em mente pelo menos três dimensões que acompanham o processo de dispersão populacional: a expansão da população urbana desde grandes cidades até periferias urbanas próximas; a expansão da urbanização em direção aos muitos núcleos urbanos que se formaram no país nas últimas décadas e, finalmente, a expansão decorrente da contribuição das migrações de tipo campo-cidade. Entre 1960 e 1980, do incremento de quase 50 milhões de pessoas nas áreas urbanas, a migração campo-cidade respondeu por cerca de 28 milhões de pessoas. O êxodo rural representou portanto algo próximo de 57% do crescimento urbano no período (Martine, et al, 1990).

De toda forma, até 1980 os indicadores de concentração da urbanização no Sudeste do Brasil impressionavam e os sinais de alteração desse quadro se mostravam pouco plausíveis. Faria (1983), observou que as áreas urbanas que possuíam mais de 500 mil habitantes em 1980, localizavam-se no Sudeste e internalizavam cerca de 1/3 da população brasileira, testemunhando um perfil de desenvolvimento heterogêneo e desequilibrado. Note-se que em 1940 havia no país apenas três cidades com mais de 500 mil habitantes (Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador). O padrão de adensamento populacional do Sudeste mostrava-se semelhante ao de países desenvolvidos: população rural diminuta, em termos relativos, e forte presença de cidades com mais de 15.000 habitantes³.

Assim sendo, não causa surpresa a evolução do grau de urbanização no país entre 1940 e 1996. De 31,2% da população residindo em domicílios urbanos em 1940, para 44,7% em 1960; 67,6% em 1980; 75,6% em 1991 e 78,4% em 1996.⁴ O ritmo de crescimento exprime claramente a aceleração do processo de urbanização

da indústria pesada mais diversificada e mais dinâmica do país. Na periferia, ainda faltavam os efeitos de encadeamento, e uma expansão consistente dos mercados internos, sobretudo no tocante a bens intermediários e de capital

³ De outra parte, os dados pareciam indicar que algumas áreas do Norte e Centro Oeste viriam experimentar um processo similar ao do Sudeste, de concentração progressiva da população urbana em maiores cidades, como resultado da modernização agrícola em grandes propriedades (onde se mostra alta a taxa de mecanização), e de investimentos industriais localizados. Assim, em 1980, Belém e Manaus detinham 69% da população da Região Norte, enquanto Brasília e Goiânia respondiam por 55% da população do Centro Oeste. Discrepando destas, a região Sul, por seu turno, ostentando uma densa rede urbana mais antiga e equilibrada, exibiu um padrão de distribuição da população mais desconcentrado, em cidades intermediárias (MARTINE, 1991).

nas décadas de 60 e 50. Dessa forma, não surpreende a constatação de que em 1970, os municípios com população superior a 100 mil habitantes chegavam a 70, enquanto em 1991, apenas 21 anos depois, esse número evoluiu para 185.

Boa parte da expansão da rede urbana nacional nas últimas décadas deriva dos efeitos multiplicadores originários da histórica concentração urbano-industrial⁵ no Sudeste, onde, afinal, localizavam-se quase metade dos centros urbanos em 1980, entre os quais as três principais áreas metropolitanas.

O sistema de cidades pressupõe uma estrutura só aparentemente desorganizada. A hierarquia urbana e as relações de interação ao longo da rede são inerentes à estrutura dos serviços e bens que a urbanização produz. Com isso emergem três níveis de sistemas de localidades, como observa Faissol:

a) um sistema urbano/metropolitano de grandes cidades, que atrai uma migração intensa, e que leva a operar em linha contrária à da maior eficiência que as economias de escala do tamanho fariam supor; b) um sistema de cidades médias, beneficiárias diretas dos transbordamentos metropolitanos, que amplia a capacidade do sistema espacial de crescer e se desenvolver, e que precisa fazer a ligação do sistema metropolitano com as hierarquias menores do sistema urbano, pois o seu segmento superior (as capitais regionais já fazem uma razoável ligação com o sistema metropolitano) praticamente atinge apenas o nível imediatamente abaixo, que é este nível intermediário; c) um sistema de cidades pequenas, em geral sem centralidade (e às vezes muito pequenas até mesmo em termos de um conceito de cidade; elas existem por força de uma definição legal de cidade-sede de município)... Em conjunto com os centros de zona farão a ligação com o sistema de cidades médias, de um lado, e com a economia rural de outro, assim integrando todo o sistema. (Faissol, 1994, p. 150)

Milton Santos, em sua obra “A Urbanização Brasileira” (1993), distinguiu quatro períodos que marcaram o processo de urbanização no país: o período colonial, o final do século XIX e primeira metade do século XX, o período compreendido entre as décadas de 1940 a 1970 e o pós década de 1970.

⁴ No Sudeste, tais números sempre se mostraram mais expressivos, por exemplo: 82,8% em 1980 e 88% em 1991.

⁵ Castro (1976) destaca as cidades como receptáculo dos novos investimentos industriais concentradores de capital e mão-de-obra, a partir dos anos 30. A composição setorial destes investimentos privilegiaria a produção de bens intermediários e bens de consumo, dirigidos à classe média e segmentos de alta renda da população brasileira, crescentemente localizados em áreas urbanas. Nos anos 50 iniciar-se-ia um movimento de descentralização da infra-estrutura econômica, em decorrência do início da consolidação das “zonas de complementação abrangendo áreas de estados como Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, áreas dotadas de recursos energéticos, matérias-primas e insumos básicos tais como o cimento, ferro gusa, carvão, a maioria deles orientados para o atendimento da indústria central paulista.

No período colonial brasileiro, a região Nordeste, notadamente o Recôncavo da Bahia e a Zona da Mata, foi aquela que ensaiou as primeiras manifestações de urbanização em relação ao restante do território nacional. Reis (1968) inclui como elementos explicativos da urbanização nesta fase os seguintes elementos:

[...] a organização político-administrativa, consideradas, de um lado, as capitanias e o governo geral e de outro a organização municipal; as atividades econômicas rurais (agricultura de exportação e de subsistência) e as camadas sociais correspondentes, a começar pelos proprietários rurais; as atividades econômicas urbanas e seus atores (comércio, ofícios mecânicos, funcionalismo, mineração). (Reis, 1968, p. 98)

Esses elementos foram importantes colaboradores na caracterização da urbanização brasileira no período colonial. Como observa Santos (1993), esse período é marcado por uma pré-urbanização, pois naquele momento não estava consolidado um processo de urbanização propriamente dito, com características de aumento de população, de incremento econômico e adoção de estilos, cultura, valores e modos urbanos. Tratava-se muito mais de geração de cidades, que mesmo de um processo de urbanização. Subordinadas a uma economia natural, as relações entre lugares eram fracas, inconstantes, num país com tão grandes dimensões territoriais (Santos, 1993, p19-20).

Ainda assim, a exploração da cana-de-açúcar e do cacau contribuiu para a expressividade de cidades litorâneas, como, por exemplo, Salvador, cuja população na passagem do século XVII para o século XVIII era de 100.000 moradores. (Santos, 1993, p.20).

Foi no final do século XIX, no entanto, que a urbanização brasileira sofreu sua primeira aceleração: em 1872 os urbanos correspondiam a 5,9% da população (900.000 da população total do país), enquanto que em 1900 eles somavam 9,4% (1.200.000 da população total do país). Considerando-se o total da população brasileira, houve uma elevação de 9,9 milhões para 14,3 milhões, aumentando mais de 40% em apenas quinze anos. (IBGE, 2005; Santos, 1993, p.21).

2.3.1 Urbanização, território e industrialização

Nesse momento, nos primórdios da urbanização, o país mostra uma fase de amadurecimento do processo, já contando com a existência de relativa

infraestrutura, presença de capitais locais, serviços (telefone, meio de transporte, bancos e instituições de ensino, dentre outros) e também exclusão social.

De acordo com Santos (1993, p.22-23), o primeiro avanço do fenômeno da urbanização registrado no fim do século XIX teve reflexos na ocupação econômica do país na primeira metade do século XX.

No início do século XX, o Estado de São Paulo exibiu marcante expansão de sua taxa de urbanização, com um crescimento da população urbana da ordem de 43%, tal fato se deu, sobretudo, quando, a partir da produção de café com mão de obra europeia: o Estado de São Paulo se torna o pólo dinâmico de vasta área que abrange os estados mais ao sul e vai incluir, ainda que de modo incompleto, o Rio de Janeiro e Minas Gerais (Santos, 1993, p.24-26). A implantação de redes ferroviárias e de comunicação na região Sudeste foi também importante elemento que viabilizou a emergência de São Paulo como pólo dinâmico nacional.

É dentro desse contexto que a industrialização no país se desenvolveu, tendo como espaço privilegiado para sua dinâmica e reprodução a região Sudeste, especialmente o Estado de São Paulo. Na década de 1930, a industrialização ganhou um novo impulso, decorrente da ação do poder público, que conferiu ao país uma nova lógica econômica e territorial. Já a partir dos anos 1940-1950, como o termo industrialização se torna um processo social complexo (formando um mercado nacional e integrando-o), o processo de urbanização é ativado, passando a ser mais envolvente e mais presente no território. (Santos, 1993, p.27).

Mais importante que apresentar o avanço do processo de urbanização brasileiro é discutir como esse processo se define na atualidade diante de tantas mudanças de ordem econômica, política e social que ocorrem no Brasil e no mundo. Concomitante à acelerada urbanização, as cidades brasileiras vão se transformar também em função do capital proveniente das indústrias e, com isso, um grande número de pessoas vai se dirigir aos centros urbanos, estimulando, assim, a urbanização. Desse modo, as mudanças urbanas serão sustentadas pela lógica de reprodução do sistema capitalista, que acarreta inúmeras transformações na função, estrutura e dinâmica das cidades, bem como no modo de vida urbano. Todos esses fatores irão motivar a transformação do conteúdo das cidades e da vida de seus habitantes.

A forma como os indivíduos se apropriam das cidades e usufruem os seus bens tem sido objeto de pesquisa das ciências humanas. Nota-se que a questão urbana manifesta-se no desenvolvimento desigual do espaço, isto é, nas desigualdades intra-urbanas. Ademais, a concentração de renda e a ineficácia da ação do poder político, somadas aos grandes contingentes populacionais existentes nas cidades, têm gerado problemas urbanos cada vez mais complexos.

Em meio à organização, aos segmentos de menor poder aquisitivo restam os assentamentos em áreas de risco que apresentam sérios problemas ambientais, como, por exemplo, deslizamentos de encostas e proximidade de nascentes de rios. Considerando-se que muitas nascentes localizadas em cidades já estão poluídas, o estabelecimento em suas adjacências é fator que compromete a saúde do grupo que ali faz moradia.

Nessa ordem de idéias, sendo a urbanização uma realidade incontestável no mundo contemporâneo, apesar de ser um fenômeno mundial, ela ocorre de forma diferenciada nos diferentes espaços nacionais e regionais. No caso brasileiro, considerando-se uma população aproximada de 190.755.799 de habitantes, 81,23% desse total vive em áreas urbanas (IBGE, 2010). São Paulo encontra-se entre as maiores cidades do mundo, possuindo 10.927.985 milhões de habitantes (IBGE, 2006). As quinze maiores cidades brasileiras representam 21% da população total do país. Além disso, há no Brasil treze cidades, sobretudo capitais, com mais de um milhão de habitantes. Logo, verifica-se que em todas as regiões brasileiras e em todos os seus estados a população urbana é predominantemente superior à população rural (IBGE, 2010). A urbanização no país tem apresentado peculiaridades regionais diferenciadas, como se pode observar nos dados apresentados no quadro 3.

Quadro 3: População residente regiões brasileiras (1970-2010)

Região	Categoria	1970	1980	1991	2000	2010
Norte	Urbana	45,13	51,63	59,05	69,87	73,53
Nordeste	Urbana	41,82	50,46	60,65	69,07	73,13
Sudeste	Urbana	72,7	82,81	88,02	90,52	92,95
Sul	Urbana	44,29	62,4	74,12	80,94	84,93
Centro-Oeste	Urbana	48,08	67,78	81,28	86,73	88,80

Fonte: IBGE - Censo 2010

Percebe-se que, a partir da segunda metade do século XX, o processo de urbanização no país consolidou-se, apresentando os maiores índices no final desse

período, quando a população urbana foi expressivamente superior em todas as regiões brasileiras. Essa interpretação aponta para a persistência da urbanização no Brasil, alcançando o século XXI.

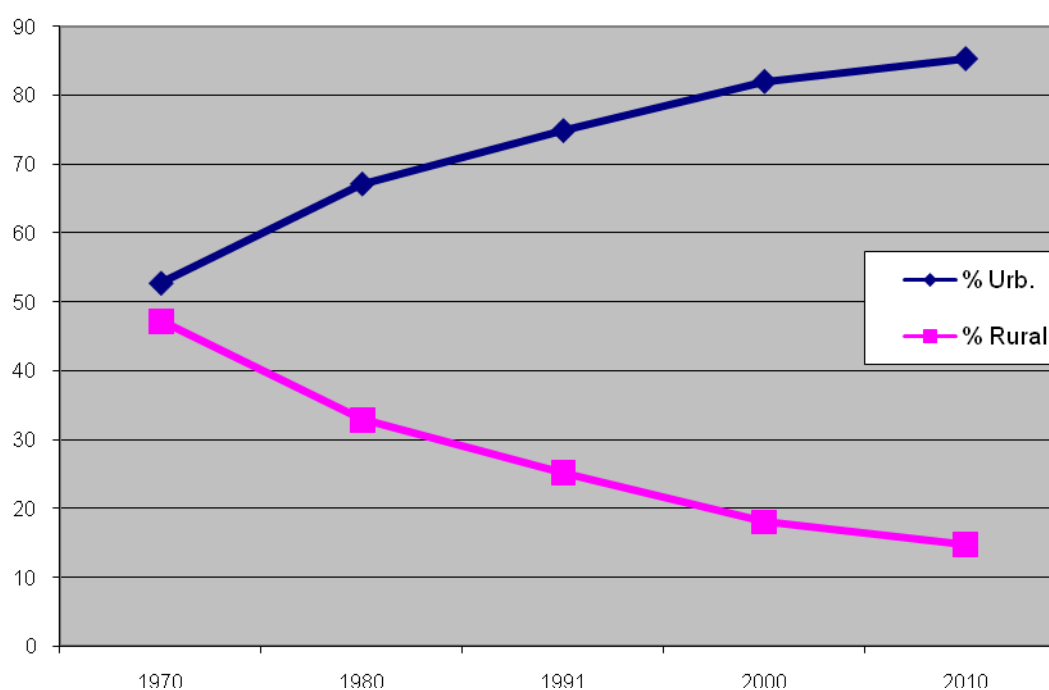
Registra-se que, das regiões brasileiras, aquela que se urbanizou de maneira mais rápida foi a Sudeste (Quadro 3), por outro lado, aquela onde o processo de urbanização ocorreu de forma mais lenta foi a região Nordeste. Em 1991, as regiões Norte e Nordeste apresentavam as menores taxas regionais de urbanização do país e o Sudeste manteve, no início do século XXI, predominância de população urbana em relação à totalidade do país. (IBGE, 1970-2010).

Quadro 4: POPULAÇÃO URBANA E RURAL DE MINAS GERAIS – EVOLUÇÃO

Censos	População rural	Tx crec.anual %	População urbana	Tx crec.anual %	População total
1970	5.427.115	47,2%	6.060.300	52,8%	11.487.415
1980	4.3956.259	32,9%	8.982.134	67,1%	13.378.553
1991	3.956.259	25,1%	11.786.893	74,9%	15.743.152
2000	3.219.666	18,0%	14.671.828	82,0%	17.891.494
2010	2.881.655	14,7%	16.713.654	85,3%	19.595.309

Gráfico 1 – Participação População Urbana e Rural MG (1970, 1980, 1991, 2000 e 2010)

Participação População Urbana e Rural
Minas Gerais: 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010



Fonte: IBGE, 2010

A seguir faremos uma análise da urbanização nas cidades médias brasileiras, a fim de contextualizá-las na dinâmica econômica do país.

2.4 – Urbanização e Cidades Médias

Para as cidades médias, mais do que a classificação populacional em média (que apenas as definiria como cidades de porte médio), cabe o entendimento sobre suas características, seus cotidianos, suas funções e suas formas.

O processo de industrialização e urbanização foi o elemento fundamental na integração regional. O Sudeste, liderado pelas áreas metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, passa a comandar e ser o coração de uma economia cada vez mais integrada. O desenvolvimento das telecomunicações e a expansão da malha rodoviária possibilitaram um incremento no fluxo de mercadorias, pessoas e serviços, integrando a Amazônia, o Centro-Oeste e as áreas mais pobres do Nordeste, com o Sudeste e o Sul.

Com o campo cada vez mais dependente das cidades, paulatinamente vai se formando em todo o território uma hierarquia urbana, uma rede integrada de funções econômicas, políticas e de relações sociais entre as cidades brasileiras.

O processo de industrialização, implantado a partir dos anos 40, produziu um espaço urbano em consonância às exigências de produção em massa das condições gerais necessárias à reprodução dos trabalhadores urbanos. Tiveram início as políticas habitacionais no final daquela década, articulando o capital imobiliário e a produção em massa de habitações populares, formando imensas periferias, nas décadas seguintes, nas grandes cidades brasileiras.

Até os anos 70, predominou um padrão de urbanização periférico, centrado na expansão demográfica e territorial das grandes cidades e das Regiões Metropolitanas, cujo efeito maior foi uma clara especialização do espaço urbano, concomitantemente à segregação espacial.

A partir da década de 1970, entra em crise esse modelo de urbanização experimentado entre 1940 e 1970, gerando um enorme esforço para o estabelecimento de condições para a formulação de alternativas de planejamento urbano, como uma tentativa de controlar a urbanização, particularmente no que se refere a ordenamento urbano e no controle das precárias periferias.

Nas últimas décadas, o processo de urbanização brasileiro adquire uma característica que altera o modelo altamente concentrador para expandir em número e tamanho as cidades médias.

O forte processo de urbanização experimentado pela maioria das cidades no decorrer do século passado apontou a necessidade de uma compreensão mais apurada a respeito desse fenômeno e da sua repercussão na organização econômica e política das cidades, bem como na vida das pessoas. Nesse sentido, a geografia, a economia, as ciências sociais, entre outras ciências, têm apresentado, em suas análises, a preocupação em oferecer subsídios para a compreensão da urbanização contemporânea.

Até o momento, a urbanização é entendida, por alguns estudiosos, como um fenômeno econômico, ao passo que, por outros, é concebida como um processo de caráter quantitativo, marcado pelo aumento da população urbana em relação à rural. Não obstante, para os especialistas, a urbanização pode ser caracterizada como um processo de mudanças profundas no estilo de vida das pessoas.

Villaça (2003) diz que não se pode mais avançar na visão economicista de que a urbanização é, por si só, decorrente dos padrões de distribuição da atividade econômica. Do mesmo modo, também se deve ir além da leitura dos demógrafos, que pregam ser a urbanização meramente um processo de elevado aumento da população nas cidades. A análise do fenômeno apenas como transformação de modos de vida, como propõem os sociólogos também tem sido insuficiente. (Villaça, 2003).

Dessa forma, a dimensão econômica somada à concentração de população nas cidades e às mudanças nos modos de vida incorporadas pelas pessoas precisam ser analisadas como partes importantes e complementares de um conjunto de fatores de ordem econômica, política e cultural, vitais na análise do processo de urbanização. De acordo com Schvasberg, para se compreender o processo de urbanização:

[...], há que se considerar as transformações sócio-econômicas e espaciais como um todo, a dinâmica demográfica, mudanças no mercado de trabalho, as conseqüentes transformações nas estruturas ocupacionais, desigualdades regionais e modelos urbanísticos de ocupação territorial, dentre outros. (Schvasberg, 1986, p. 45)

A urbanização se intensificou ao longo dos anos e o fenômeno persiste, embora com peculiaridades em cada país, estado ou região. Novas tendências relativas à divisão internacional do trabalho, à modernização do campo, à reestruturação das redes urbanas, e ao crescimento econômico e demográfico das cidades se apresentam como aspectos marcantes para a reestruturação urbana e apontam o significado dos papéis das cidades diante da urbanização atual.

Na primeira metade do século passado, nos primórdios da urbanização brasileira, as pessoas tinham como destino migratório as grandes cidades, que eram aquelas que ofereciam maiores oportunidades de trabalho e melhores condições de vida. Foi nesse contexto que São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, dentre outras capitais, aumentaram de forma acelerada sua população. Ao assumir elevados contingentes populacionais, no entanto, as grandes cidades não têm conseguido oferecer condições dignas de vida a grande parte de seus moradores. Elas têm exibido, com maior intensidade em relação às médias e pequenas cidades, altos índices de violência e desigualdade social, entre outros problemas. Em decorrência dessa realidade, em que as grandes cidades e metrópoles crescem aceleradamente, com infraestrutura urbana inadequada ao atendimento de toda a população residente, assiste-se a uma perda expressiva da qualidade de vida de seus moradores. Essas questões, somadas às exigências da nova divisão internacional de trabalho que se impõe na atualidade e à abertura de novos espaços nacionais, ocasionaram uma recente dinâmica urbana no país. Assim, ganham importância política, econômica e demográfica as cidades pequenas e médias, que têm atraído indústrias, gerado fluxo comercial e prestação de serviços e, por conseguinte, resultado em expressivos contingentes populacionais. Nessa ordem de idéias, Soares, Bessa e Borges (2001) salientam que a emergência das cidades médias se relaciona diretamente à urbanização das cidades:

O processo de urbanização, que ocorreu no Brasil entre 1940 e 1990, foi responsável por uma verdadeira revolução urbana, redefinindo os papéis das metrópoles, das cidades grandes, médias e pequenas, visto que estas apresentaram importantes transformações demográficas e econômicas e, por conseguinte, criaram novas funcionalidades urbanas. (SOARES; BESSA; BORGES, 2001, p.2).

As cidades médias, de acordo com estudos de diversos geógrafos, dentre eles Amorim Filho (1973, 1979, 2003, 2005, 2007), Soares (2001) e Sposito (2001)

despontam com importante potencial de crescimento na rede urbana brasileira e na economia do país. Nessa linha, manifestou-se também Schvasberg (1986, p.45), informando que a participação do crescimento metropolitano no total cai expressivamente, enquanto as cidades de pequeno e médio porte⁶ passam a registrar uma maior participação.

2.4.1 – Cidades Médias Brasileiras

No Brasil, seguindo o que propõe Sposito (2006), são chamadas ‘cidades de porte médio’ aquelas que têm entre 50 mil e 500 mil habitantes, porém, não se pode conceituar essas cidades como médias apenas empregando o elemento demográfico. A população de uma cidade, como critério preponderante e isolado, não apresenta, nos novos estudos, consistência na definição do papel de uma cidade e as funções que ela desempenha na rede urbana na intermediação regional.

A leitura e a análise de uma cidade média, bem como de uma pequena, devem estar articuladas em diferentes escalas de análise, a partir de combinações particulares entre o tamanho demográfico, o plano morfológico e as funções e usos urbanos que as colocam em diferentes papéis, posições e situações não hierarquicamente rígidas na rede urbana.

Nesta direção, a visão espacial hierárquica e classificatória dos estudos sobre as redes urbanas deve ser convertida em outra possibilidade de leitura, conforme a proposta de Dias (2007), considerando os fluxos e a conectividade (propriedade de conexão), fazendo de algumas cidades médias os ‘nós’ das novas redes, lugares de conexão, de poder e referência. Cabe fazer um alerta, a partir da idéia de Harvey (2001), uma vez que, com a inserção das cidades em uma rede urbana mundializada, com fluxos intensos de informações, mercadorias e pessoas, existe uma tendência à visualização e à estruturação da cidade como um conglomerado, que incorpora processos e diversificações (divisões do trabalho, de funções de estilo de vida e valores), na qual a produção dos ambientes construídos, do espaço, passam a ser divergentes daquelas estabelecidas localmente.

⁶ As cidades médias comumente recebem a denominação de cidades de porte médio, Soares (2005, p.2) destaca a diferença entre ambas: [...] as diferenças entre cidades de porte médio, que considera o tamanho demográfico e cidades médias, regionais ou intermediárias, cuja compreensão passa por um caminho metodológico mais complexo, tendo em vista seu caráter funcional, influência regional, existência de equipamentos urbanos e políticas públicas de preservação, entre outros.

De acordo com pesquisas realizadas pelo IPEA/IBGE/UNICAMP-NESUR⁷ (1999, p. 35), constatou-se que, em termos demográficos, o estágio atual da urbanização no Brasil tem conformado padrões relativamente baixos de crescimento das regiões metropolitanas, sobretudo de suas sedes, em peso crescente do conjunto das cidades de médias.

Nesse sentido, o aumento populacional das cidades médias, bem como a maior participação que elas têm desempenhado na economia nacional apontam sua importância na atualidade. Elas atuam como *lócus* de atração de grande parte de migrantes provenientes de cidades pequenas e do campo, além de atraírem as pessoas que resolvem sair dos grandes centros e retornar à sua cidade de origem, ou mesmo tentar a sorte em cidades médias.

Ao recepcionar um número expressivo de população migrante, as cidades médias vão se tornando complexas e dinâmicas, e se inovam constantemente. Elas disponibilizam serviços e comércio, possuem moderno aparato industrial, além de forte produção agrícola. Ademais, essas cidades têm conseguido oferecer relativa qualidade de vida aos seus habitantes, se comparadas às metrópoles. (Soares; Bessa, 2000).

Dentre os espaços para os quais a indústria se deslocou no Brasil, destacam-se as cidades médias, que, desde então, têm recebido importantes fluxos populacionais, bem como experimentado importantes transformações espaciais, culturais, econômicas e políticas. (Pereira; Lemos, 2004, Andrade; Serra, 1998). Foi nesse contexto brasileiro que as cidades médias se despontaram como os pólos de atração da atividade industrial, conforme destaca Pereira e Lemos (2004):

Uma das direções do processo de desconcentração da atividade industrial da AMSP foi para as cidades médias, especialmente do Sul e Sudeste, que se tornaram localidades potenciais para a absorção dos empreendimentos, pois possuem, em geral, algum tipo de economia de aglomeração, ao mesmo tempo em que não incorrem em deseconomias de aglomeração típicas das grandes metrópoles. Dentre as cidades médias existem algumas que apresentam um grau maior de polarização de capacidade de desenvolvimento de seu entorno. (PEREIRA; LEMOS; 2004, p.1).

⁷ IPEA Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas; IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; UNICAMP Universidade Estadual de Campinas e NESUR Núcleo de Economia Social, Urbana e Regional.

As cidades médias são concebidas pelos empreendedores econômicos (comerciantes, agricultores, empresários e industriais) como áreas potenciais à circulação de capital, já que possuem um amplo mercado consumidor. Tal fato as torna alvo de investimento público estatal e de grupos privados. Além disso, as cidades médias ainda dispõem de boas condições materiais, como, por exemplo, infraestrutura urbana: água, luz, energia e esgoto, entre outros equipamentos urbanos. Todos esses aspectos apresentam-se como cruciais para a atração, localização e manutenção das atividades econômicas, agrícolas, industriais e de serviços em qualquer tipo de cidade. Em relação à atração exercida sobre as pessoas, as cidades médias são escolhidas por serem espaços que oferecem emprego e condições de bem-estar suficientes para uma boa vida, ou seja, elas oferecem uma boa qualidade de vida.

Tais informações revelam a importância de os estudiosos da geografia urbana e de outras ciências repensarem as cidades médias e o papel que essas exercem no país e no entorno da região onde se inserem, considerando a importância socioeconômica, cultural e política que elas têm assumido nos últimos tempos.

Soares (2005) relaciona as razões que devem motivar aqueles pesquisadores interessados em estudar as cidades médias na atualidade.

- a) A necessidade de compreender sua dinâmica sócio-espacial;
- b) Novas relações entre o local e o global, o lugar e o mundo, tendo em vista o desenvolvimento da ciência, técnica e informação, considerando-se que o local é único e singular;
- c) Novos questionamentos que se apresentam a essas cidades que têm um potencial de crescimento econômico e elevados índices de qualidade de vida;
- d) Essas aglomerações vêm resistindo melhor às recentes crises econômicas no que diz respeito à oferta de trabalho e oportunidades à sua população;
- e) Número cada vez maior de cidades que vêm apresentando um número demográfico expressivo.
- f) Existe hoje um sentimento generalizado contra a forma de vida existente nas grandes cidades;
- g) As cidades médias atravessam um momento de grande desafio para o futuro.

Diante do exposto, restam algumas indagações: O que é uma cidade média? Como definir e classificar essas cidades? Em que contexto seu estudo tornou-se preocupação para governos e pesquisadores no Brasil? A trajetória do estudo das cidades médias no país e sua definição serão abordadas neste momento, a fim de enriquecer a sua importância no contexto brasileiro e regional.

O estudo desenvolvido pelo IPEA, IBGE, UNICAMP e NESUR, denominado *Caracterização da atual configuração, evolução e tendências da rede urbana do Brasil: determinantes do processo de urbanização e implicações para a proposição de políticas públicas (1999)* classificou algumas das cidades médias do cerrado mineiro. Essa classificação considera que muitos dos centros regionais desempenham função de coleta, beneficiamento e comercialização de produtos agrícolas produzidos em suas hinterlândias locais ou regionais, como café, arroz, cacau, fumo e outros. Outros centros urbanos localizados em áreas pastoris tinham a função de centro de drenagem e consumo da renda fundiária.

2.4.2 As Cidades Médias no Contexto Nacional

No início da segunda metade do século XX, o mundo vivenciou grandes mudanças econômicas, sociais, políticas, tecnológicas e científicas, que resultaram em novas dinâmicas nos espaços nacionais. Com isso, a Rede Urbana Brasileira se modificou profundamente e assistiu-se, dentre outras transformações no espaço econômico nacional, à descentralização do comando da metrópole paulista por meio da desconcentração industrial e territorial rumo a outras direções não restritas ao sudeste brasileiro.

A expansão industrial, no Brasil, propiciou a urbanização com acelerada concentração populacional nas grandes cidades, sobretudo nas metrópoles nacionais: São Paulo e Rio de Janeiro. Essas cidades, por conseguinte, começaram a se degradar devido à intensa concentração populacional que a elas se dirigia. O Brasil constituía, naquele período, especialmente no estado de São Paulo, o referencial da indústria nacional moderna e diversificada, porém altamente concentrada na região Sudeste. A concentração industrial nessa região acarretou também uma concentração populacional elevada em São Paulo e na região Sudeste. Observa-se, então, um desequilíbrio regional também proveniente da

concentração da produção industrial em São Paulo. Não obstante isso, após a década de 1970, a desconcentração da atividade industrial no Sudeste se generalizou em direção às diversas regiões do país e, conseqüentemente, ocorreu a desconcentração populacional. (Pereira; Lemos, 2004; Andrade; Serra, 1998).

Na década de 1970, o governo federal, por meio de políticas públicas de ordenamento territorial, começa a incentivar a criação de novos pólos de desenvolvimento em regiões periféricas, a fim de frear a migração rumo às metrópoles e incentivar o desenvolvimento de cidades de porte médio. Essas medidas governamentais eram de cunho desenvolvimentista e visavam a políticas de regionalização para o país. Objetivava-se a descentralização territorial e populacional das metrópoles nacionais, que redundaria em descentralização econômica também. (Soares, Melo, Luz, 2005; Soares, Silva, 2002; Pontes, 2000).

Para Rochefort (1998), as ações de desenvolvimento das cidades médias objetivavam: [...] desenvolver, prioritariamente, algumas cidades médias para refrear o crescimento das metrópoles e, à medida que as cidades são escolhidas no interior do território, levar para esses espaços subdesenvolvidos atividades e homens que permitam um desenvolvimento da economia regional. (ROCHEFORT, 1998, p. 93)

Nesse sentido, Andrade e Serra (1998) afirmam que ocorreu, nas últimas décadas, uma reversão dos fluxos migratórios no país, sendo que as cidades médias cumprem, nesse processo de transformação do movimento migratório, um papel decisivo na redistribuição da população urbana brasileira.

Para colocar em prática sua intervenção a favor da desconcentração das grandes aglomerações e das possibilidades de desenvolvimento das cidades médias, o Estado atuou com intervenção direta por meio do II Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - II PND. O II PND viria promover a desconcentração espacial da indústria em São Paulo e incentivar o desenvolvimento deste setor, bem como daqueles a ele complementares, em diferentes espaços nacionais. Esse plano estava inserido nas estratégias do governo para dar continuidade ao momento que o país vivenciava, o chamado Milagre Econômico, em que o Brasil exibia elevadas taxas de crescimento econômico. O plano tinha como metas a manutenção do crescimento econômico e industrial, o investimento em setores de transporte (ferrovias e hidrovias) e comunicação, e a modernização das regiões não industrializadas através da descentralização espacial dos projetos de

investimentos. O II PND contou com os financiamentos de empresas estatais e do setor privado, além de investimentos públicos.

Mattos descreve o contexto em que o II PND foi criado e as suas principais funções no âmbito nacional:

Nos anos 70, porém, os formuladores da política econômica reconheciam explicitamente que a concentração regional do desenvolvimento econômico era uma questão a ser equacionada. O II PND, no governo Geisel (1974-1979), promoveu investimentos em diversas regiões do país, procurando cumprir um de seus objetivos, que era o de atenuar a desigualdade regional de desenvolvimento econômico, promovendo a definitiva "integração nacional". Na década de 70, o desenvolvimento econômico das regiões periféricas foi favorecido, entre outros fatores, pela expansão da fronteira agrícola, pelo desenvolvimento acelerado dos setores de transportes e de comunicações e pela presença, nestas regiões, de recursos naturais abundantes - fato especialmente importante por atender a outro dos principais objetivos do II PND, qual seja, o de promover o crescimento do setor de bens intermediários, visando à consolidação da integração da estrutura industrial brasileira. (MATTOS, 1998, p. 16)

O Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio o PNCCPM - era parte integrante do II PND, por meio da Comissão Nacional de Regiões Metropolitanas e Política Urbana do Ministério de Planejamento (CNPU) da época. Essa comissão elaborou uma série de classificações conceituais para as cidades médias brasileiras, justificou a importância de se estudar essas cidades e traçou hipóteses para a classificação funcional das cidades médias brasileiras.

De acordo com Pontes (2000), a referida Comissão dividiu as cidades médias brasileiras em dois grandes grupos, sendo um formado pelas cidades médias integradas à rede urbana e o outro pelas cidades situadas às margens das redes urbanas hierarquizadas. O primeiro grupo compõe-se de cidades que sofrem influência da metrópole, localizadas, predominantemente, no Sudeste e no Sul do país. Por outro lado, pertencem ao segundo grupo aquelas cidades médias que constituem centros terciários das zonas de agricultura tradicional, as cidades que servem de ponto de apoio às zonas de colonização agrícola, as cidades essencialmente administrativas e as cidades que canalizam produtos básicos destinados à exportação. (Pontes, 2000).

Para a Comissão Nacional de Regiões Metropolitanas e Política Urbana CNPU, o estudo das cidades médias era importante por que essas cidades estavam se constituindo em:

a) - Lugares centrais comercializadores e fornecedores de serviços para áreas rurais e centros urbanos de hierarquia inferior, apresentando base terciária relativamente complexa e diversificada; b) - centros industriais com diversificação de estrutura industrial para atendimento de sua região de influencia especialmente bens de consumo ou especialização para atendimento de mercado macrorregional ou nacional; - c) - pólos ou complexos industriais implantados por decisões governamentais. (PONTES, 2000, p.17).

Essa comissão ainda destacou que os centros comerciais de médio porte poderiam colaborar no espaço interno brasileiro

a) para maior eficiência do sistema industrial, na medida em que se organizaram espacialmente de forma a descentralizar os núcleos metropolitanos sem perda das suas vantagens de aglomerações; b) para a promoção de maior equidade inter-regional na medida em que propiciaram uma distribuição de metrópoles regionais, inclusive pelo fortalecimento de lugares centrais ou de lugares centrais transformados em centros industriais. (PONTES, 2000, p.17).

O Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio – PNCCPM escolheu como critério para definição de cidades de porte médio o tamanho demográfico (ou seja, aquelas com população entre 50 mil a 250 mil habitantes), o dinamismo econômico e a função regional. Concomitantemente ao desenvolvimento do programa, as cidades médias passaram a exibir expressivas taxas de crescimento, fruto do seu dinamismo econômico, político e social, que foi viabilizado pela intervenção do Estado.

Na década de 1970, no início do PNCCPM -, o Brasil possuía 95 cidades que, de acordo com os critérios do programa, estavam dentro do padrão cidade média. Desse total, beneficiaram-se do programa apenas 39 cidades, concentradas em sua maioria no Sudeste e Nordeste do país (Holanda, 2000). O Quadro 5 exhibe as regiões brasileiras e as cidades médias beneficiadas, cada uma delas com o PNCCPM no início da década de 1970.

QUADRO 5 – Cidades Médias Brasileiras Beneficiadas pelo PNCCPM em 1974

Região	Cidades Médias	Número Total
Norte	Santarém	1
Centro-Oeste	Goiânia, Anápolis, Cuiabá e Campo Grande	4
Nordeste	Petrolina, Juazeiro, Feira de Santana, Vitória da Conquista, Maceió, Aracaju, João Pessoa, Campina Grande, Natal, Crato, Juazeiro do Norte, Terezinha e Imperatriz.	13
Sudeste	São José dos Campos, Jacareí, São João do Rio Preto, Bauru, Barra Mansa, Volta Redonda, Vitória, Montes Claros, Teófilo Otoni , Juiz de Fora e Uberlândia.	11
Total de cidades médias em 1974 para o PNCCPM		39

Fonte: HOLANDA, V. C. C de, 2000 p. 4.

Sobre a seleção das cidades médias e a inclusão de outras cidades no programa, Holanda comenta que:

Essa seleção gerou muita polêmica e pressões políticas, possivelmente pela existência de um recurso financeiro de onde poucas se beneficiariam. [...] Em 1978, esse número foi revisto e a lista de cidades médias brasileiras foi então ampliada para 112 cidades. (Holanda, 2000, p. 4)

Conclui-se que a partir dos anos 1950 e com maior intensidade na década de 1970, uma série de estudos priorizaram as redes urbanas, conduzindo a atenção dos estudiosos para o interurbano em detrimento do intra-urbano. As razões para esse interesse foram conduzidas pelas demandas das instituições de planejamento territorial e regional. De acordo com o estudo do IPEA, IBGE, NESUR, 1999 *apud* Amorim Filho, Arruda, 2002:

A rede urbana nacional é formada por centros, com dimensões variadas, que estabelecem relações dinâmicas entre si como campos de forças de diferentes magnitudes. São essas interações que respondem não apenas pela atual conformação espacial da rede, mas também por sua evolução futura, cuja compreensão é fundamental para o estabelecimento de metas de políticas públicas de desenvolvimento. (Amorim Filho, Arruda, 2002 p. 32)

2.4.3 Estudos sobre a rede urbana mineira

De acordo com Amorim Filho e Arruda (2002), o conhecimento da evolução e da configuração dos sistemas e subsistemas urbanos mineiros é fundamental para o

entendimento da dinâmica econômica do Estado sendo as características da rede urbana um reflexo dos processos econômicos vigentes em um determinado território e as cidades no papel de atores desses processos econômicos.

Até 1950 a rede urbana brasileira era fragmentada, esparsa, desarticulada e nucleada em faixas próximas do litoral e somente a partir do final dos anos 1960 que as cidades de Minas Gerais passaram a provocar o interesse de acadêmicos e planejadores. A partir dos anos 1970, uma gama de estudos versando sobre a situação e evolução dos sistemas urbanos mineiros foram produzidos e publicados. Apresentaremos a seguir alguns desses estudos.

2.4.3.1 O estudo de YVES LELOUP (1970)

Yves Leloup foi o pioneiro dos estudos que apresentaram uma tipologia para as cidades de Minas Gerais nas décadas de 1950 e 1960. De acordo com as características observadas no estudo o autor identificou quatro tipos de cidades que ele chamou de “*coloniais, agrícolas, company towns e aglomerado*”. (Leloup, 1970 *apud* Amorim Filho e Arruda 2002).

Para o autor as cidades coloniais são as cidades mineiras surgidas no período colonial durante o ciclo do ouro e dos diamantes e que tinham papel existencial voltado para a exploração dessas riquezas. Após a falência do modelo exploratório dessas riquezas, as cidades se voltaram para outro tipo de função tais como a religiosa, administrativa e universitária. Como modelo podemos citar a cidade de Ouro Preto/MG que no século passado passou a acumular uma nova função desta vez ligada ao turismo.

Já as cidades agrícolas são as cidades originadas de centros urbanos em regiões de exploração agropecuária sendo as atividades de pecuária e agricultura de café as atividades mais exercidas. Esse perfil de cidade se localiza em maior número na região sul do Estado.

Outra tipologia apresentada por Leloup (1970) é a de *Company Town* que seriam cidades resultantes do aparecimento de aglomerações isoladas ou justapostas. Como exemplo Leloup cita a região do Vale do Aço em Minas Gerais receptora de grandes empresas do ramo siderúrgico. O desenvolvimento destas cidades está ligado ao desenvolvimento da cadeia de empresas e das políticas das mesmas principalmente no que se refere à organização, capacitação e manutenção

da força de trabalho necessária à operacionalização das ações das empresas. Agregando alguns fatores à análise de Leloup poderemos citar a conformação dos benefícios sociais do trabalhador brasileiro à época da instalação dessas empresas no cenário brasileiro. A legislação trabalhista ainda estava sendo organizada e grande parte da massa trabalhadora não podia contar com a proteção social do Estado Nacional sendo essa função exercida pela empresa ao qual esse trabalhador estaria ligado. Assim, equipamentos como hospitais, escolas, clubes, redes de abastecimento de alimentos, entre outros, foram deflagrados pela iniciativa privada com o intuito de proporcionar uma certa qualidade de vida à mão de obra necessária para a reprodução e maximização do capital para exemplificar Leloup apresentou o exemplo da cidade de João Monlevade/MG.

Por fim, as Cidades-aglomerado são aquelas resultantes de crescimento muito rápido e localizadas em posição *carrefour* (perto de eixos rodoviários). No estudo, Leloup apresenta as cidades de Nanuque, Uberlândia, Ituiutaba, Governador Valadares e Coronel Fabriciano.

Já a cidade de Belo Horizonte é apresentada por Leloup (1970) *apud* Amorim Filho e Arruda (2002) como:

um caso absolutamente excepcional de *explosão urbana*, com uma população que, em 1900 era de apenas 8.000 habitantes; evoluindo para 177.000 em 1940 e 642.912, em 1960. Em 1967, sua população já superava 1 milhão de habitantes, colocando Belo Horizonte ao lado de Recife e apenas atrás do Rio de Janeiro e de São Paulo. (Amorim Filho, Arruda, 2002 p. 39)

Depois de caracterizar as cidades tipologicamente, Leloup (1970) elaborou uma hierarquização entre elas que apresentamos a seguir:

Quadro 6 - Hierarquia Urbana de Minas Gerais 1950

1. Capitais Regionais	Belo Horizonte e Juiz de Fora
2. Grandes Centros Regionais	Uberlândia e Uberaba
3. Centros Regionais	Montes Claros, Teófilo Otoni, Governador Valadares, Araguari, Caratinga, Ponte Nova, Barbacena, São João Del Rei, Itajubá e Poços de Caldas.
4. Centros Intermediários	Ituiutaba, Patos, Diamantina, Araxá, Passos, Formiga, Lavras, Ubá, Leopoldina, Muriaé, Manhuaçu, Varginha, Três Corações e Pouso Alegre.
5. Centros Industriais	Pirapora, Curvelo, Sete Lagoas, Divinópolis, Nova Lima, Ouro Preto, Conselheiro Lafaiete, Santos Dumont, Cataguases, Além Paraíba.
6. As demais cidades são Centros Locais	

Fonte: Leloup, 1970 *apud* AMORIM FILHO e ARRUDA (2002)

Quadro 7 - Hierarquia Urbana de Minas Gerais 1960

1. MetrÓpole Regional	Belo Horizonte
2. Grandes Centros Regionais	Juiz de Fora, Governador Valadares, Uberlândia e Uberaba.
3. Centros Regionais	Montes Claros, Teófilo Otoni, Araguari, Patos de Minas, Ituiutaba, Ponte Nova, Barbacena, Poços de Caldas e Varginha.
4. Centros Regionais Industriais	Divinópolis, Barbacena e Itajubá.
5. Centros Intermediários de Serviços	Diamantina, Araxá, São Sebastião do Paraíso, Passos, Guaxupé, Alfenas, Pouso Alegre, Formiga, Lavras, Oliveira, São Lourenço, Ubá, Muriaé, Carangola, Manhuaçu e Caratinga.
6. Centros Intermediários Industriais	Curvelo, Sete Lagoas, Coronel Fabriciano, Conselheiro Lafaiete, São João Del Rei e Leopoldina.
7. Pequenas Cidades Industriais	Nanuque, Itabira, João Monlevade, Caeté, Nova Lima, Pará de Minas, Betim, Itabirito, Outro Preto, Santos Dumont, São João Nepomuceno, Além Paraíba, Cataguases e Itaúna.
8. As demais cidades são Centros Locais	

Fonte: Leloup, 1970 *apud* AMORIM FILHO e ARRUDA (2002)

Continuando os estudos sobre as cidades mineiras, Leloup (1970) analisa as relações e fluxos entre as cidades observando a dinâmica das redes e sistemas urbanos mineiros e o grau de polarização de algumas cidades.

Quadro 8 - Esquema da Rede Urbana e Regiões Polarizadas em Minas Gerais - 1960

Metrópoles	Grandes Centros Regionais	Centros Regionais	Centros Intermediários
Belo Horizonte	→		Sete Lagoas, Curvelo, Cel. Fabriciano, Ponte Nova, Conselheiro Lafaiete, Lavras.
	→	→ Divinópolis	Formiga
	→	→ Patos de Minas	Patrocínio
	→ Montes Claros		
Rio de Janeiro	→ Juiz de Fora		Leopoldina, Ubá
		→ Barbacena	São João Del Rei
	→	→ Muriaé	Carangola, Manhuaçu, Manhumirim
	→	Governador Valadares → Teófilo Otoni	
	→		Caratinga
São Paulo	→		Pouso Alegre, Itajubá, Alfenas, São Lourenço
	→	→ Varginha	
	→	Campinas → Poços de Caldas	
	→	Ribeirão Preto →	Passos, São Sebastião do Paraíso
	→	Uberaba →	Araxá
	→	Uberlândia →	Araguari
	→	→ Ituiutaba	

Fonte: Leloup, 1970 *apud* Amorim Filho e Arruda (2002)

Nos anos 50 e 60, as redes urbanas mineiras se tornaram mais integradas e complexas devido a uma série de fatores deflagrados no cenário brasileiro tais como o avanço do processo de industrialização encabeçado pelo estado brasileiro, a construção da capital federal Brasília e os vultosos investimentos realizados no que diz respeito a abertura de novas fronteiras tendo o acesso rodoviário papel fundamental neste processo.

Como se pode observar no estudo de Leloup (1970) na década de 1950 e na de 1960 a cidade de Teófilo Otoni/MG não aparece na sua classificação. Isso se verifica porque a conexão entre os subsistemas urbanos ainda era muito pequena pois a malha rodoviária ainda era tênue. Leloup (1970) identificou dois subsistemas de relações regionais no que se refere ao norte e nordeste do Estado de Minas Gerais: o subsistema de Teófilo Otoni no nordeste do Estado e Montes Claros no norte ressaltando que esses subsistemas se encontravam muito mal equipados de forma que a polarização por eles exercida seria também pouco intensa fato esse que só seria alterado mediante a reversão da situação relativa à área dos transportes.

2.4.3.2 O Estudo do Instituto de Geociências Aplicadas - IGA

Na década de 1980 o Instituto de Geociências Aplicadas – IGA realizou um estudo sobre a hierarquia urbana de Minas Gerais na década anterior. O estudo versou sobre a análise de fluxos de ônibus verificando o total das viagens entre as localidades centrais e as menores.

Quadro 9 – Hierarquia das Cidades de Minas Gerais baseada na Circulação de Ônibus Intermunicipais (Níveis Hierárquicos Superiores)

1. Metrópole Regional	Belo Horizonte
2. Centro Regional (2ª ordem A)	Juiz de Fora
3. Centros Regionais (2ª ordem B)	Barbacena, Divinópolis, Governador Valadares, Itajubá, Montes Claros, Poços de Caldas, Muriaé, Uberaba, Uberlândia, Varginha.
4. Centros Sub-regionais (3ª ordem A)	Caratinga, Cataguases, Conselheiro Lafaiete, Formiga, João Monlevade, Passos, Patos de Minas, Ponte Nova, Pouso Alegre, São João del Rei, São Lourenço, Sete Lagoas, Teófilo Otoni , Ubá.
5. Centros Sub-regionais (3ª ordem B)	Alfenas, Almenara, Araguari, Araxá, Bom Despacho, Carangola, Curvelo, Frutal, Ipatinga, Ituiutaba, Lavras, Manhuaçu, Nanuque, Ouro Fino, Ouro Preto, Paracatu, Pará de Minas, Patrocínio, Viçosa (conurbação)

Fonte: IGA, 1980 *apud* Amorim Filho e Arruda (2002) p. 34

O estudo do IGA descreveu o subsistema de Teófilo Otoni que à época se ligava a 39 outros municípios. No estudo, Teófilo Otoni estava classificado como centro sub-regional de 3ª ordem A. (Quadro 9)

2.4.3.3 – O Estudo de Amorim Filho, Bueno e Abreu (1982)

Esse estudo foi realizado em 1982 e teve o universo de 102 cidades mineiras (com exceção das cidades da região metropolitana de Belo Horizonte) que possuíam mais de 10.000 habitantes. Tal critério foi escolhido porque uma outra abordagem, desta vez baseada no critério do tamanho demográfico, estava sendo somada à abordagem tradicional de classificação. Após a seleção das 102 cidades foram aplicadas técnicas quantitativas e cartográficas aliadas ao trabalho de campo ao longo de 3 anos. Através desse trabalho obteve-se a seguinte classificação das cidades:

Quadro 10 – Hierarquia das Cidades de Porte Médio em Minas Gerais - 1982

Nível 1	Grande Centro Regional: Juiz de Fora
Nível 2	Cidades Médias de Nível Superior: Uberlândia, Uberaba, Barbacena, Varginha, Poços de Caldas, Itajubá, Pouso Alegre, Governador Valadares, Sete Lagoas, Montes Claros, Divinópolis, São Lourenço e Caxambu.
Nível 3	Cidades Médias Propriamente Ditas: Teófilo Otoni , Patos de Minas, Ituiutaba, Caratinga, Araguari, Passos, São João Del Rei, Formiga, Curvelo, Diamantina, Ubá, Araxá, Machado, Viçosa, Carangola, Itabira, Ponte Nova, Lavras, Alfenas, São Sebastião do Paraíso, Oliveira, Conselheiro Lafaiete, Três Corações, Itaúna, Leopoldina, Ouro Preto, Ouro Fino, Santa Rita do Sapucaí, Guaxupé, João Monlevade, Além Paraíba, Cel Fabriciano, Pará de Mias, Cataguases, Ipatinga, Congonhas, Santos Dumont, Visconde do Rio Branco, Boa Esperança, Muriaé, São João Nepomuceno, Campo Belo, Nanuque.
Nível 4	Centros Emergentes: Patrocínio, Bom Despacho, Pirapora, Timóteo, Frutal, Tupaciguara, Manhuaçu, Sacramento, Manhumirim, Três Pontas, Arcos, Dolores do Indaiá, São Gonçalo do Sapucaí, Itabirito, Nova Era, Bambui, Janaúba, Monte Carmelo, Carmo do Paraíba, Pium-i, Abaeté, Ibiá, Lagoa da Prata, Mantena, Corinto, Pedra Azul, São Gotardo, Santa Bárbara, Itapeçerica, Resplendor, Raul Soares, Paracatu, Unai, João Pinheiro, Itambacuri, Aimorés, Carlos Chagas, Januária, Bocaiúva, Conselheiro Pena, Araçuaí, Almenara, Salinas, Jequitinhonha, Mariana.

Fonte: Amorim Filho e Arruda (2002) p. 36

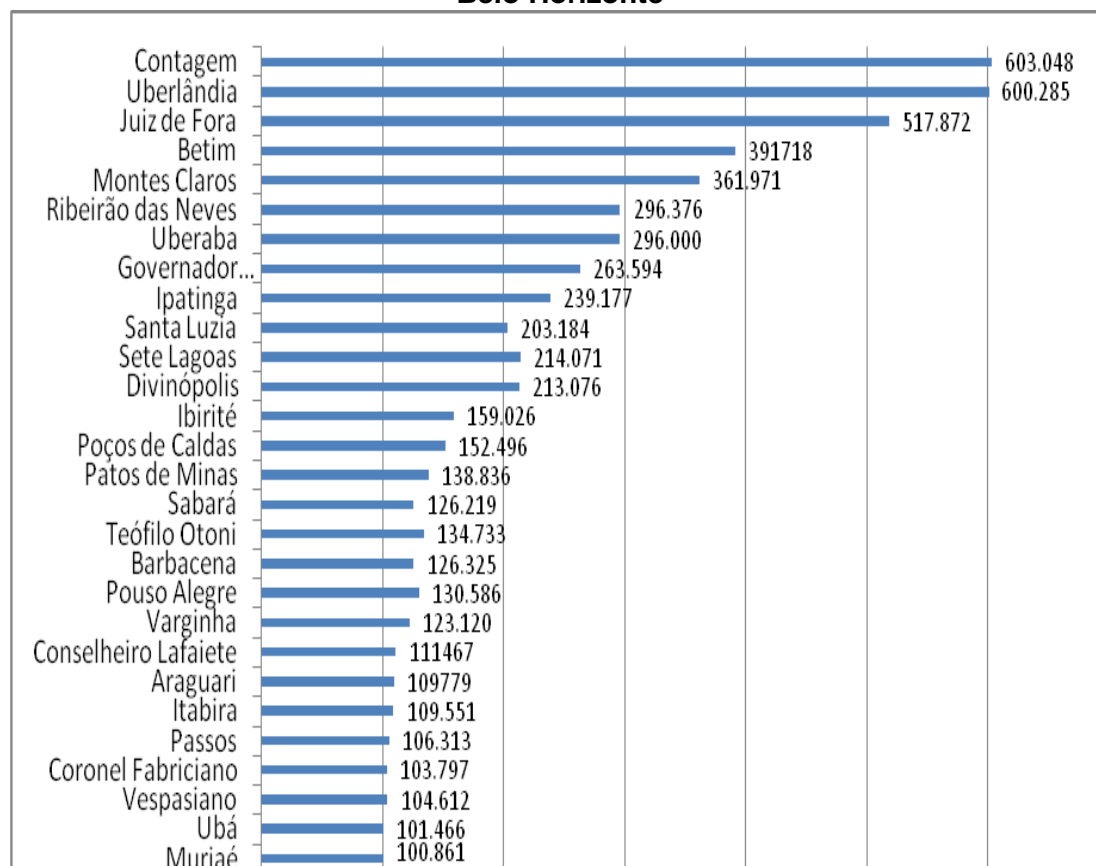
Nesta classificação a cidade de Teófilo Otoni estava no nível 3 sendo considerada uma Cidade Média Propriamente Dita. Teófilo Otoni, segundo o autor, integrava o subsistema do Mucuri tendo a cidade de Itambacuri na sua órbita.

2.4.3.4 Cidades Médias Mineiras: Estudo BDMG

Concomitante ao período de vigência do II Plano Nacional de Desenvolvimento II PND -, a partir da década de 1970, o estado de Minas Gerais apresentou expressivo crescimento demográfico e econômico. A economia mineira se industrializou rapidamente por meio da concessão de incentivos tributários e fiscais, que viabilizou a atração de grandes empresas. Com isso, o estado se dinamizou economicamente e o desenvolvimento da atividade industrial resultou na multiplicação de atividades ligadas ao ramo industrial de elevado poder de geração de renda. (Mattos, 1998). Conforme a figura 8, e, considerando-se o mesmo critério do IBGE, existia no estado de Minas Gerais, no ano de 2010, 28 cidades classificadas como médias⁸.

⁸ O estado de MG possuía na década de 1980 11 municípios com população entre 100.000 e 500.000 mil habitantes, em 1991 esse número aumentou para 17 e na última contagem do censo esse nº foi de 28 cidades. (IBGE, 2010).

Figura 8: Cidades Mineiras com mais de 100.000 habitantes em 2010, excetuando Belo Horizonte



Fonte: IBGE, 2010

Devido à heterogeneidade de cada país, por exemplo, no Brasil, especialmente no que se refere à elevada dimensão territorial e à acentuada concentração espacial da renda, cada cidade média, independente de sua localização geográfica ou administração política, carrega em si um significado particular, não cabendo aos administradores urbanos e estudiosos analisá-las conjuntamente, sem considerar as escalas espaciais, temporais e regionais. Tal procedimento legaria às cidades médias um perfil de análise pobre e o desrespeito às suas particularidades. Soares (2005, p.3) defende que esse é um dos aspectos que deve ser considerado no estudo das cidades médias: [...] sendo assim, uma cidade média no Ceará deve ter características singulares que não existem em Minas Gerais. A nosso ver, existem vários perfis de cidades médias no Brasil, que merecem ser estudados.

A cidade de Teófilo Otoni/MG constitui uma realidade singular no tocante a essa discussão, sobretudo em função de como se deu seu peculiar processo de crescimento econômico e expansão urbana, de modo que passou a assumir uma

posição de centralidade intra e interurbana, consolidando-se como o núcleo urbano mais expressivo da região em que se insere, - o nordeste de Minas Gerais. Essa cidade se individualiza no nordeste mineiro por apresentar uma formação sócio-espacial singular, como será demonstrado ao longo deste estudo.

QUADRO 11- Estrutura espacial de Minas Gerais – identificação da hierarquia das cidades e dos sistemas de polarização urbana baseada na teoria dos lugares centrais de Christaller (1933).

HIERARQUIA URBANA DO ESTADO DE MINAS GERAIS (SEIS NÍVEIS SUPERIORES)	
NÍVEIS HIERÁRQUICOS	CENTROS URBANOS
1º	Belo Horizonte
2º	Juiz de Fora, Uberlândia
3º	Governador Valadares, Montes Claros, Uberaba, Varginha
4º	Barbacena, Contagem, Divinópolis, Poços de Caldas, Pouso Alegre, Teófilo Otoni.
5º	Alfenas, Araguari, Araxá, Caratinga, Coronel Fabriciano, Curvelo, Ipatinga, Itajubá, Ituiutaba, Lavras, Muriáe, Passo, Patos de Minas, Ponte Nova, São João Del Rei, Sete Lagoas, Ubá.
6º	Betim, Campo Belo, Carangola, Cataguases, Conselheiro Lafaiete, Diamantina, Formiga, Guaxupé, Itabira, Itaúna, Janaúba, João Monlevade, Leopoldina, Manhuaçu, Ouro Preto, Paracatu, Pará de Minas, Patrocínio, Pirapora, São Lourenço, São Sebastião do Paraíso, Timóteo, Três Corações, Unaí, Viçosa

Fonte: Fundação João Pinheiro, 1988, *apud* AMORIM FILHO e ARRUDA (2002)

QUADRO 12 – Redes Urbanas em Minas Gerais – Zonas de Influência da Cidade de Belo Horizonte

Centro de Macrorregião	Centros e Regiões	Centros de Microrregiões (Nº de municípios subordinados)
Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte (44), Campo Belo (6), Conselheiro Lafaiete (19), Curvelo (12), Diamantina (13), Itabira (7), Guanhães (Centro de apoio, 13), João Monlevade (10), Lavras (11), Manhuaçu (19), Oliveira (7), Pará de Minas (8), Patos de Mias (13), Ponte Nova (15), Sete Lagoas (16), Vale do Aço (12), Viçosa (11).
	Barbacena	Barbacena (18), São João Del Rei (13)
	Divinópolis	Abaeté (Centro de apoio, 6), Divinópolis (22), Formiga (14)
	Governador Valadares	Aimorés (Centro de apoio, também subordinado por Colatina – ES, 2), Caratinga (5), Governador Valadares (32)
	Montes Claros	Janaúba (Centro de apoio, 8), Montes Claros (26), Pirapora (9)
	Teófilo Otoni	Almenara (Centro de apoio, 12), Araçuaí, (Centro de apoio, 6), Capelinha (Centro de apoio, 10), Nanuque (3), Pedra Azul (Centro de apoio subordinado por Vitória da Conquista, 6), Teófilo Otoni (22)

Fonte: Fundação João Pinheiro, 1988, *apud* Amorim Filho e Arruda (2002)

QUADRO 13 – Cidades Médias de Minas Gerais, 1999.

Nível 1	Grandes Centros Regionais: Juiz de Fora, Uberlândia;
Nível 2	Cidades Médias de Nível Superior: Alfenas, Araguari, Barbacena, Divinópolis, Governador Valadares, Ipatinga (aglomeração), Itajubá, Ituiutaba, Lavras, Montes Claros, Passos, Patos de Minas, Poços de Caldas, Pouso Alegre, Sete Lagoas, Uberaba, Varginha.
Nível 3	Cidades Médias Propriamente Ditas: Araxá, Caratinga, Cataguases, Conselheiro Lafaiete, Curvelo, Formiga, Frutal, Guaxupé, Itabira, Itaúna, João Monlevade, Leopoldina, Muriaé, Ouro Preto, Paracatu, Pará de Minas, Patrocínio, Santa Rita do Sapucaí, São João Del Rei, São Lourenço, São Sebastião do Paraíso, Três Corações, Teófilo Otoni , Ubá, Viçosa.
Nível 4	Centros Emergentes: Abaeté, Aimorés, Além Paraíba, Almenara, Andradas, Araçuaí, Arcos, Bambuí, Barão de Cocais, Boa Esperança, Bocaiúva, Bom Despacho, Campo Belo, Carangola, Carlos Chagas, Carmo do Paranaíba, Caxambu, Congonhas, Conselheiro Pena, Corinto, Diamantina, Dolores do Indaiá, Ibiá, Itabirito, Itambacuri, Itapeçerica, Janaúba, Iturama, Januária, Jequitinhonha, João Pinheiro, Lagoa da Prata, Machado, Manhuaçu, Manhumirim, Mantena, Mariana, Monte Carmelo, Nanuque, Nova Era, Nova Serrana, Oliveira, Ouro Branco, Ouro Fino, Pedra Azul, Pirapora, Pium-í, Raul Soares, Resplendor, Sacramento, Salinas, Santa Bárbara, Santos Dumont, São Gonçalo do Sapucaí, São Gotardo, Três Pontas, Tupaciguara, Unaí, Visconde do Rio Branco.

Fonte: Amorim Filho e Abreu, 1999 (dados de 1991, 1996, 1997, excluía a RMBH)

2.5 – Contribuições da ReCiMe – Rede de Pesquisadores em Cidades Médias

Desde meados da década de 1990, um grupo de professores de diversas universidades brasileiras começou a trocar idéias e fazer parcerias tendo em vista o interesse pelo estudo dos espaços não metropolitanos. Houve também, nesse contexto, o aumento dos cursos de pós-graduação em Geografia nas universidades não localizadas em regiões metropolitanas, o que favoreceu ainda mais o desenvolvimento da temática cidade média. A partir desse diálogo e dessa conjuntura, foi criada a Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe), que é constituída por pesquisadores de 18 instituições brasileiras de ensino superior, duas instituições argentinas e uma chilena.

O caminho iniciou-se no Simpósio Nacional de Geografia Urbana em Salvador em outubro de 1997. A partir desse encontro, começaram as parcerias e a elaboração de projetos e trabalhos coletivos, de criação da rede de intercâmbio entre programas de pós-graduação e os grupos brasileiros, argentinos e chilenos de pesquisa.

Os projetos aprovados nas agências de fomento, as publicações divulgadas, as dissertações e teses defendidas sobre a temática demonstram a consolidação da rede e a diversidade de níveis de formação intelectual, bem como a multiplicidade de áreas de interesse nos estudos urbanos não metropolitanos. Temos que apontar ainda que:

[...] percursos diferenciados também expressam em pontos de vista teórico conceituais que não são idênticos, ainda que não sejam completamente divergentes entre si, o que foi um desafio para a elaboração de uma proposta coletiva e da metodologia da investigação, mas ao mesmo tempo um potencial, porque tem possibilitado dialogar, crescer e, sobretudo, ver um dado fato, dinâmica ou processo a partir de perspectivas variadas, quer que se considere o recorte temático e analítico, quer que se tome como base o referencial teórico adotado para a análise (Sposito et al., 2010, p. 8).

A ReCiMe (Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias) vem realizando, há cerca de dez anos, um intercâmbio de idéias, por meio de diferentes atividades acadêmicas, especialmente da área de Geografia. Atualmente, a Coordenação geral da rede de pesquisadores está a cargo da Profa. Dra. Denise Elias / Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza/CE e da Profa. Dra. Maria Encarnação B. Sposito / Universidade Estadual Paulista (Unesp), Presidente Prudente/SP.

As instituições que integram a rede de pesquisadores no Brasil segundo o site oficial da pesquisa são:

- a) Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Itajaí/SC
- b) Universidade Comunitária Regional, Chapecó/SC
- c) Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus/AM
- d) Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiânia/GO
- e) Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza/CE
- f) Universidade Estadual Paulista (Unesp), Presidente Prudente/SP
- g) Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados/MS
- h) Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa/PB
- i) Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife/PE
- j) Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia/MG

- k) Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza/CE
- l) Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém/PA
- m) Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro/RJ
- n) Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS

A ReCiMe também está presente em centros de pesquisas em outros países:

- a) Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Tandil/ARG
- b) Pontificia Universidad Catolica, Santiago/CHI

Os principais temas norteadores da rede giram em torno da difusão da agricultura científica e do agronegócio; descentralização da produção industrial; difusão do comércio e dos serviços especializados; e o estudo do aprofundamento das desigualdades socioespaciais. A ReCiMe tem como metodologia a organização de *workshops* com todos os pesquisadores da rede, visando o detalhamento dos procedimentos metodológicos e discussão dos elementos de método fundamentais; a realização de trabalhos de campo nas cidades escolhidas; a organização de um Banco de Dados, segundo variáveis escolhidas e sistematizadas a partir de dados secundários, assim como de outros reconhecidos em trabalho de campo; e a escolha de recortes temáticos, segundo diferentes pesquisadores que integrem o grupo. As estratégias de ação da rede se dividem em variáveis a serem operacionalizadas e que estão agrupadas em quatro eixos:

- a) Ramos de atividades econômicas representativas da atuação dos novos agentes econômicos;
- b) Dinâmica populacional e mercado de trabalho;
- c) Equipamentos e infraestrutura;
- d) Condições da moradia.

Os principais resultados esperados pela ReCiMe são:

- a) Banco de Dados e Servidor de Mapas;
- b) Composição de metodologia aplicável às demais cidades médias;
- c) Publicação de trabalhos em anais de eventos científicos, artigos em periódicos e dois livros;
- d) Bibliografia comentada sobre cidades de porte médio;
- e) Dissertações e teses defendidas;
- f) Apresentação de trabalhos em reuniões científicas;
- g) Consolidação da ReCiMe.

Os estudos desenvolvidos pela Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe) têm demonstrado que as cidades médias brasileiras apresentam sim similaridades, mas também muitas singularidades e particularidades só possíveis de serem desvendadas com o trabalho em campo. Além disso, é sabido que, se a análise das atividades econômicas é fundamental, cada vez mais se reafirma a necessidade de se investigarem os costumes, os hábitos, a vida cotidiana dos habitantes e ainda o tempo que rege essas localidades.

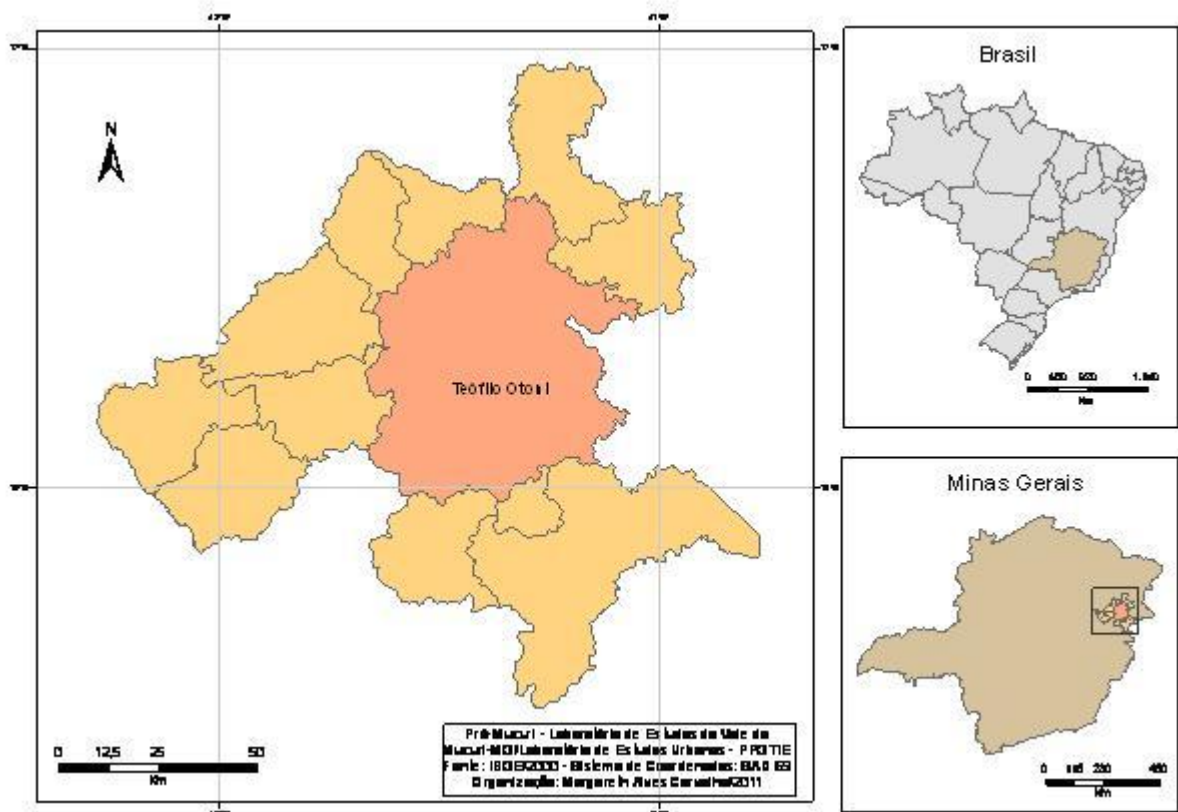
3. TEÓFILO OTONI: UMA CIDADE MÉDIA NO NORDESTE DE MINAS GERAIS

A seguir apresentaremos a cidade de Teófilo Otoni no contexto regional.

3.1 A posição geográfica de Teófilo Otoni/MG

No ano de 1974, o Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio PNCCPM contemplou 37 cidades com o perfil de porte médio no Brasil, estando as mesmas localizadas, principalmente, no Sudeste e no Nordeste do país. Compondo o grupo das primeiras cidades selecionadas pelo programa na região Sudeste, estava Teófilo Otoni, a única cidade da região nordeste de Minas Gerais. Pode-se dizer que o início do crescimento expressivo dessa cidade, do ponto de vista econômico e infraestrutural, se dá a partir dos anos 1950.

Figura 9: Localização de Teófilo Otoni/MG na mesorregião do Vale do Mucuri



Fonte: CARVALHO, 2011

A cidade de Teófilo Otoni está a 450 quilômetros da capital do Estado de Minas Gerais, Teófilo Otoni é a sede da mesorregião do Vale do Mucuri e para ela convergem os interesses de dois outros vales: São Mateus e Jequitinhonha.

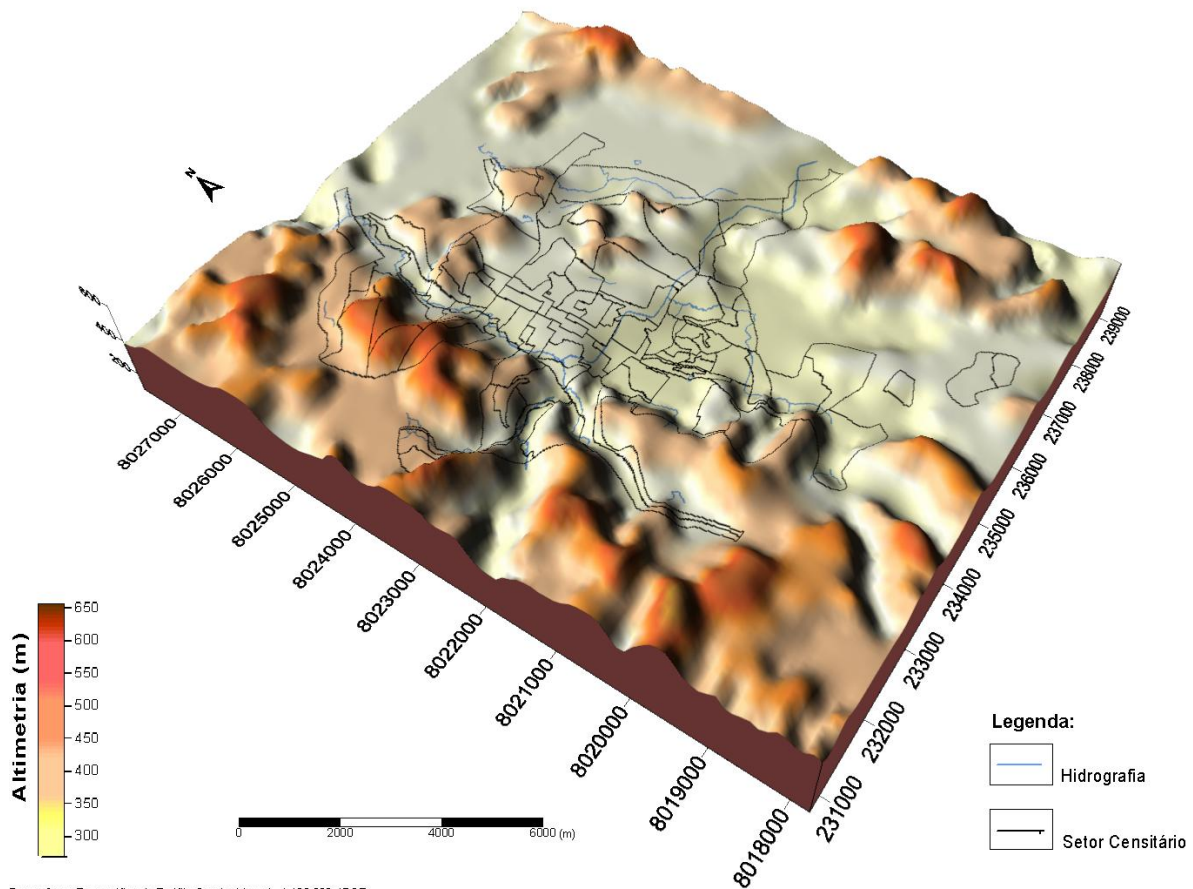
Teófilo Otoni vem aumentando, de forma progressiva, demográfica e economicamente, sua área de influência consolidada nas regiões nordeste de Minas, Sul da Bahia e Vale do Jequitinhonha. A cidade reúne serviços importantes, que são consumidos em demasia por essas regiões que influencia, com destaque para os setores de saúde e de educação.

O fato de Teófilo Otoni realizar trocas econômicas em uma região com baixos indicadores sócio-econômicos oferece a essa cidade uma posição de grande relevância, que deve ser considerada juntamente com as suas especificidades. Todavia, a discussão quanto à natureza da posição dessa cidade requer cautela e uma especial atenção tendo em vista as particularidades de Teófilo Otoni bem como sua relação com o entorno, e pode-se somar a isso o fato de essa cidade combinar características de cidade média (dinâmico setor de comércio e serviços, boa infraestrutura urbana) concomitante com a sua localização geográfica e a situação econômica do seu entorno.

3.1.1 Uma breve história de Teófilo Otoni

A região onde hoje se situa a cidade de Teófilo Otoni – o chamado Vale do Mucuri - foi uma das últimas do território mineiro a ser desbravada e povoada. Grande parte desta dificuldade foi alimentada pelos “mares de morros” florestados do Brasil de Sudeste (Ab´Sáber, 2003) que ao longo da ocupação humana foram se degradando tornando as atividades ligadas à agricultura cada vez mais inviáveis (fig. 10).

Figura 10: Altimetria do sítio de Teófilo Otoni/MG



Fonte: Carta Topográfica de Teófilo Otoni e Mucuri - 1:100.000. IBGE
Organização: Lab. Estudos Urbanos e Regionais. PPG/TIE PUC- Minas, 2007. PALHARES, R.H

Fonte: PIRES, C. A. A. (2007)

Theophilo Benedicto Otoni, após renunciar ao seu mandato de deputado, em 1849, inicia a colonização do Vale do Mucuri, a partir de 1852 levando o desenvolvimento para aquela região. Ele fundou uma companhia de comércio e navegação denominada Companhia do Mucuri com o intuito de realizar a integração da região onde hoje é o Vale do Mucuri com o litoral baiano através do Rio Mucuri e de estradas ligando outras localidades a essa hidrovia. Fundou a cidade de Filadélfia (que mais tarde viria a ter o seu nome) e que passou a ser a cidade-base de todas as atividades da companhia. Para aumentar a produção destinada à exportação era necessário povoar a região com agricultores. Foi então que ele se voltou para a imigração proporcionando o assentamento de portugueses, alemães, franceses, italianos, suíços, belgas, holandeses, espanhóis, resolvendo em parte o problema da mão-de-obra. Ressalte-se que Theophilo Benedicto Otoni tinha restrições contra o

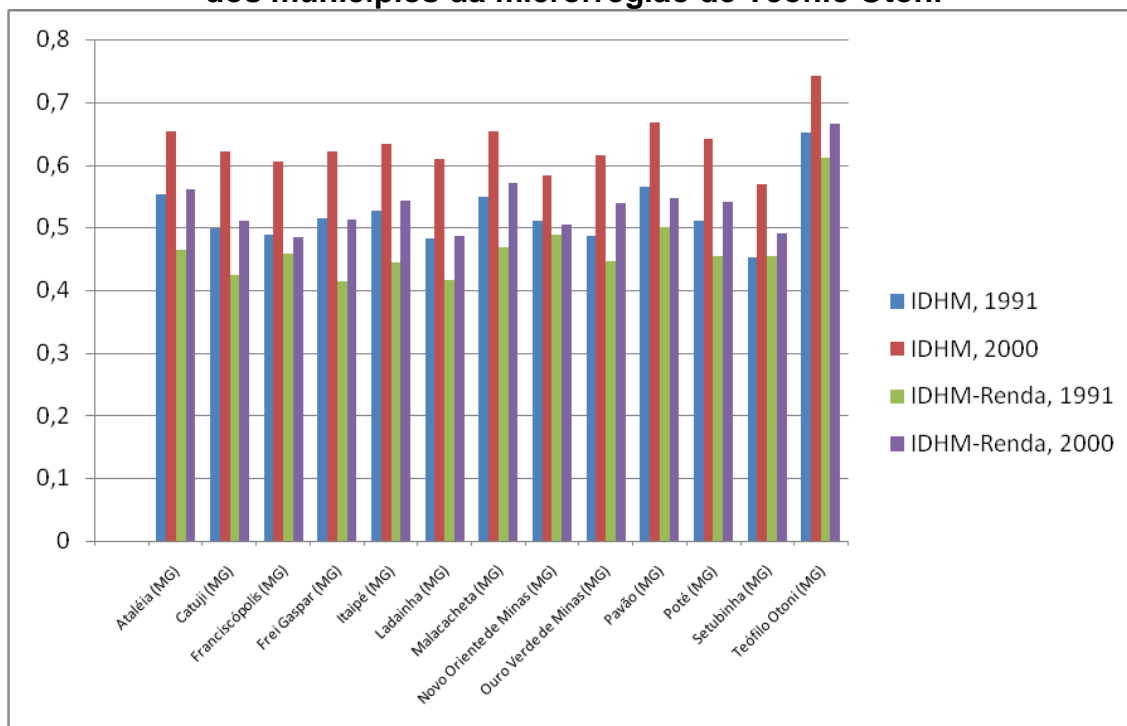
trabalho escravo. A Companhia do Mucuri fundada por ele não chegou a possuir escravos. (ARAUJO, 2007)

A história do Vale do Mucuri a partir da década de 1930 mostra a quebra sucessiva das relações tradicionais entre o homem e a terra. A agricultura começava a ser trocada pelo gado e entre 1940 e 1950, a construção da BR-116, em seu trecho Rio – Bahia substituiu os rios no processo de circulação de mercadorias e integrou a região ao Nordeste e ao Sudeste do País.

Outra atividade importante que se fez notar e que deu fama internacional à cidade foi a exploração e comercialização de gemas. Tal atividade econômica fez da cidade de Teófilo Otoni uma grande referência no comércio de pedras preciosas a partir da segunda metade do século XX, movimentando pessoas e grandes somas de recursos não somente para a cidade mas para todo o Vale do Mucuri em geral. A cidade experimentou um frenesi de desenvolvimento que durou até meados da década de oitenta; a partir do final dos anos a cidade é conduzida a uma estagnação social e econômica facilmente comprovável através do indicador de IDH-M⁹ (índice de desenvolvimento humano municipal), que é uma adaptação do IDH (índice de desenvolvimento humano), produzido pela Fundação João Pinheiro e seus parceiros. Trata-se de um índice que visa representar a complexidade das condições de vida dos municípios, tomando-se como base as dimensões renda, longevidade e educação.

⁹ O IDHM - índice de desenvolvimento humano municipal é uma adaptação do IDH (índice de desenvolvimento humano), produzido pela Fundação João Pinheiro e seus parceiros.

Gráfico 2 - Índice de Desenvolvimento Humano - Municipal, 1991 e 2000 dos municípios da microrregião de Teófilo Otoni



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil – PNUD, 2003

Em 1991, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal-Renda do Brasil era 0,681. Através do gráfico é possível aferir que neste mesmo ano, dentre os municípios da microrregião de Teófilo Otoni, o município com o melhor valor era Teófilo Otoni (MG), com um valor de 0,612, e o município com o pior valor era Frei Gaspar (MG), com um valor de 0,415. Dos 13 municípios da microrregião, 11 (84,6%) tinham um valor entre 0,350 e 0,500; 2 (15,4%) tinham um valor entre 0,500 e 0,650.

Já em 2000, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal-Renda do Brasil era 0,723 e Teófilo Otoni continuou detendo o melhor valor para o indicador que foi 0,666, e o município com o pior valor foi Franciscópolis (MG), com um valor de 0,485. Dos 13 municípios da microrregião, 3 (23,1%) tinham um valor entre 0,350 e 0,500; 9 (69,2%) tinham um valor entre 0,500 e 0,650; 1 (7,7%) tinha um valor entre 0,650 e 0,800. Em termos de população, 31.549 (12,1%) pessoas viviam em municípios com um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal-Renda entre 0,350 e 0,500; 99.944 (38,3%) entre 0,500 e 0,650; 129.424 (49,6%) entre 0,650 e 0,800; e 0 (0,0%) entre 0,800 e 1,000.

Mas, esta não foi somente uma característica particular da cidade de Teófilo Otoni e sim do panorama brasileiro em geral. A década de 80 do ponto de vista econômico foi chamada de década perdida visto que ainda amargávamos os resultados da crise do petróleo ocorrida em 1973, mas, do ponto de vista político foi uma época riquíssima para o cenário político brasileiro. Época de grandes movimentações em torno da abertura política e rechaço à situação excludente e periférica em que a maioria dos brasileiros se encontravam submetidos devido ao período ditatorial. Minas Gerais possui um quadro de desequilíbrios regionais instalado e esse é um fator de enclave ao desenvolvimento de algumas regiões e dentre essas regiões a do Jequitinhonha/Mucuri é bastante afetada. Teófilo Otoni é o centro de maior expressão na hierarquia urbana da região de planejamento Jequitinhonha/Mucuri responsabilizando-se, pela articulação da rede urbana regional e, especial do Vale do Mucuri.

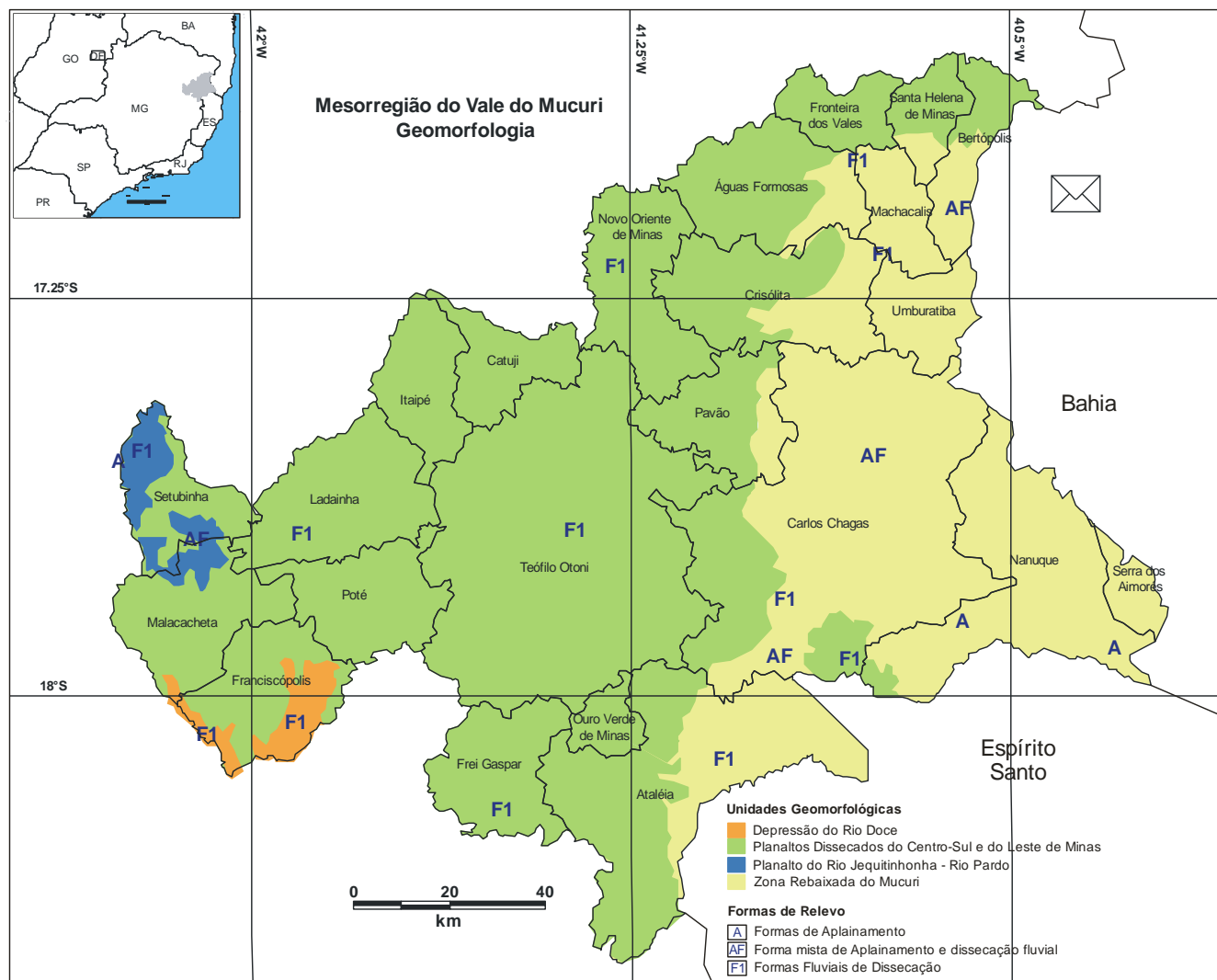
Com a decadência da atividade pecuária leiteira, onde 80% das unidades produtivas contam com produção inferior à 50 litros/dia, os pequenos produtores passaram a dedicar-se também, à produção de grãos (milho, feijão, arroz) e mandioca. Como a região apresenta topografia de relevo ondulado ou montanhoso (“mares de morro”) é fundamental a ênfase na conservação do solo o que muitas vezes se torna inviável dado a relação custo benefício.

O conteúdo geológico ou, mais propriamente, o fato geológico, na área urbana de Teófilo Otoni, é representado pelo substrato de idade proterozóica (COMIG - Projeto Leste), pelo Quaternário Pré-Tecnogênico e pelo Tecnogênico. O substrato proterozóico é relativamente homogêneo, compreendendo rochas granito-gnáissicas com componentes alcalinos, classificadas como tonalito (Tonalito São Vítor), envolvendo ou em contato com biotita gnaisse granítico e xisto do Grupo Rio Doce (Formação Tumiritinga). A foliação, quando presente, é tipicamente um bandamento gnáissico de direção predominantemente nordeste com mergulho médio a alto para sudeste. A base da consulta é o Projeto Leste elaborada em conjunto pela COMIG (atual CODEMIG) e CPRM, integrante do Programa Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil (2000). O PROJETO LESTE é um conjunto de 29 mapas geológicos, impressos a cores, na escala 1:100.000. O Projeto, já concluído, foi viabilizado através de um Convênio entre o Governo do Estado de Minas Gerais (através da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e da COMIG) e o Governo Federal, por meio da CPRM - Serviço Geológico do Brasil, à

qual coube a execução e o gerenciamento técnico e administrativo. Por esta característica gemológica o município apresenta uma atividade singular.

A atividade diz respeito a exploração, lapidação e comercialização de pedras preciosas e semi-preciosas. Em todos os municípios que fazem parte do Vale do Mucuri são exploradas lavras. Teófilo Otoni é conhecida como a “Cidade das Pedras Preciosas”. O município, segundo informações extra-oficiais, possui mais de 2.000 lapidários e Teófilo Otoni possui tradição em relação a comercialização de pedras preciosas e semi-preciosas. Também é sabido que a atividade extrativa de pedras preciosas gera poucos empregos e causa grandes impactos ambientais e sociais além de não oferecer boas perspectivas no longo prazo. Aliadas - a falta de políticas de incentivo ao pequeno produtor e a formalização da cadeia de negócios em torno do comércio de gemas – levaram a uma acumulação de gargalos institucionais que proporcionaram o aumento da disparidade entre a região de Planejamento do Vale do Jequitinhonha/Mucuri e as outras regiões de Minas Gerais.

Figura 11 - Mapa geomorfológico do Vale do Mucuri



Fonte: Apolinario, 2011

Tabela 1

**RENDA *PER CAPITA* MENSAL: VALOR E TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL
BRASIL, MINAS GERAIS E REGIÕES DE PLANEJAMENTO
2000 e 2010**

REGIÃO DE PLANEJAMENTO	Renda Domiciliar <i>Per Capita</i> (R\$ de ago/2010)		Taxa média de crescimento anual 2000 a 2010 (%)
	2000	2010	
ALTO PARANAÍBA	573,65	761,04	2,87
CENTRAL	663,25	961,82	3,79
CENTRO OESTE	526,53	721,28	3,20
JEQUITINHONHA/MUCURI	244,23	431,75	5,86
MATA	499,26	710,11	3,59
NOROESTE	448,92	622,67	3,33
NORTE	260,30	455,33	5,75
RIO DOCE	412,76	599,69	3,81
SUL	564,71	727,66	2,57
TRIÂNGULO	677,75	908,04	2,97
Minas Gerais	539,86	773,41	3,66
Brasil	580,22	830,85	3,66

Fonte: IBGE, Sinopse dos Resultados do Censo 2010.

Elaboração: Fundação João Pinheiro

TABELA 2: RENDA PER CAPITA MENSAL: VALOR TOTAL E POR SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO, TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL E RANKING BRASIL, MINAS GERAIS E MUNICÍPIOS DE MG COM RENDA PER CAPITA INFERIOR A R\$300 2000 e 2010

Município	Região de Planejamento	Renda per capita mensal 2010 - em R\$ de ago/2010 ⁽¹⁾				Ranking da renda per capita total			
		Valor Total	Valor conforme situação do domicílio		Taxa de Crescimento anual da renda per capita total (2000-2010) (%)	Minas Gerais			Brasil 2010 (2)
			Urbana	Rural		2000	2010	Diferença no ranking	
BRASIL		830,85	904,71	366,92	3,66				
MINAS GERAIS		773,41	829,50	419,14	3,66				11
SÃO JOÃO DAS MISSÕES	Norte de Minas	238,60	376,10	193,09	8,19	852	853	-1	5348
PAI PEDRO	Norte de Minas	250,74	309,15	221,88	6,03	822	852	-30	5227
SANTO ANTÔNIO DO RETIRO	Norte de Minas	258,69	386,79	212,70	7,97	846	851	-5	5145
NINHEIRA	Norte de Minas	259,00	378,56	208,88	5,77	814	850	-36	5138
FREI LAGONEGRO	Rio Doce	267,73	376,16	238,96	6,00	811	849	-38	5022
BONITO DE MINAS	Norte de Minas	270,83	391,77	223,28	10,94	853	848	5	4973
CARAÍ	Jequitinhonha/Mucuri	270,88	353,04	227,44	5,13	793	847	-54	4972
SETUBINHA	Jequitinhonha/Mucuri	276,38	424,39	211,00	6,80	818	846	-28	4909
PEDRA BONITA	Mata	280,36	371,18	239,16	0,14	555	845	-290	4845
SÃO JOÃO DA PONTE	Norte de Minas	281,68	369,50	228,78	5,31	785	844	-59	4825
JUVENÍLIA	Norte de Minas	281,79	291,90	243,88	7,97	835	843	-8	4824
MONTE FORMOSO	Jequitinhonha/Mucuri	288,89	372,05	233,49	8,91	842	842	0	4721
LADAINHA	Jequitinhonha/Mucuri	288,94	451,97	220,58	7,47	821	841	-20	4719
SANTA HELENA DE MINAS	Jequitinhonha/Mucuri	292,82	314,60	248,38	6,05	796	840	-44	4648
IBIRACATU	Norte de Minas	293,53	342,04	230,97	9,28	844	839	5	4640
CATUTI	Norte de Minas	293,85	327,64	241,72	8,48	837	838	-1	4638
JOSENÓPOLIS	Norte de Minas	294,01	349,85	222,39	8,58	839	837	2	4632
JAPONVAR	Norte de Minas	294,23	361,89	251,57	9,45	847	836	11	4628
BOTUMIRIM	Norte de Minas	294,91	333,93	244,85	7,55	819	835	-16	4612
BERIZAL	Norte de Minas	297,24	312,80	277,64	7,44	816	834	-18	4575
URUCUIA	Norte de Minas	299,00	361,86	235,97	6,08	790	833	-43	4540

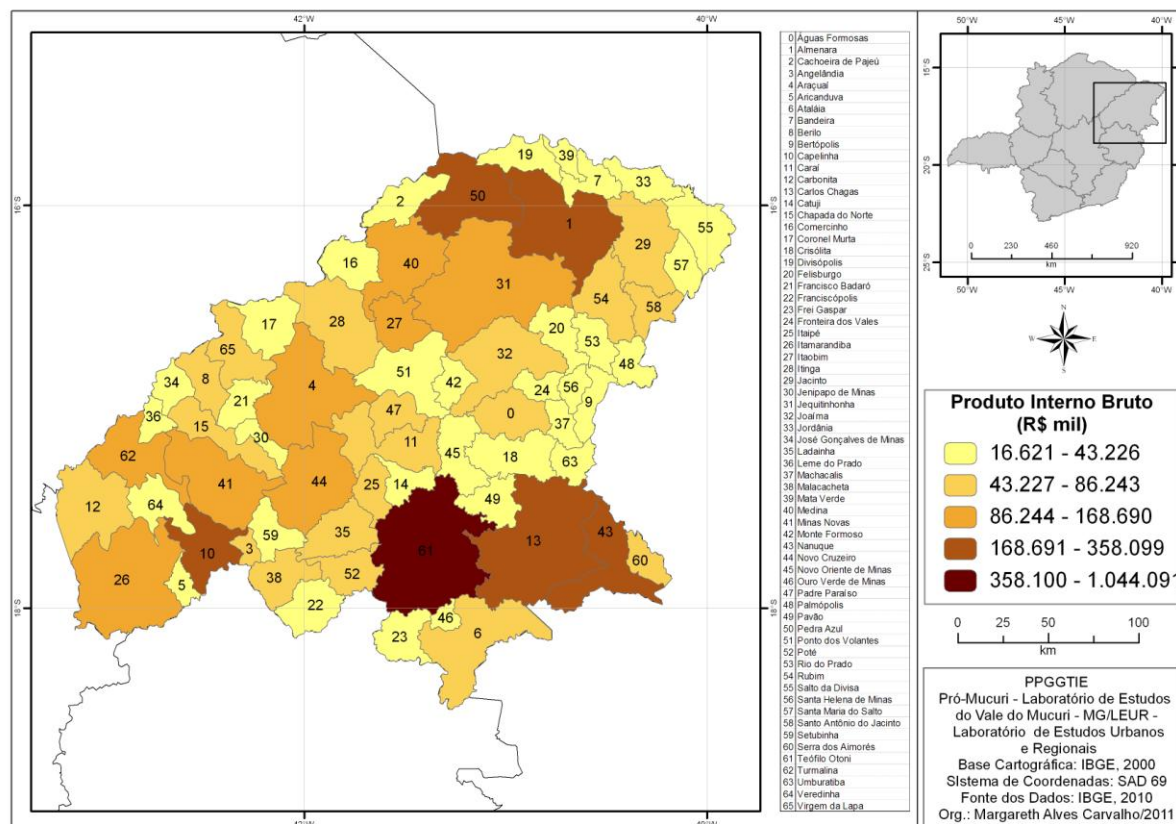
Fonte: IBGE, Censo 2000 e Sinopse dos Resultados do Censo 2010. Elaboração: Fundação João Pinheiro

(1) Exclui domicílios coletivos e com renda nula(2) Em 2010, o número de municípios brasileiros é de 5.565 municípios. Em 2000 este número era 5.504

Tabela 3 - População, domicílio e renda (2010)

MUNICÍPIO	Localização do município conforme Regionalizações		População			Número de Domicílios particulares ¹			Renda mensal per capita ⁽¹⁾ (R\$ de ago/2010)					
	MICRORREGIÃO	MESORREGIÃO	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Média			Mediana		
	Nome	Nome							Valor Total	Urbano	Rural	Valor Total	Urbano	Rural
Águas Formosas	Nanuque	Vale do Mucuri	18.479	14.318	4.161	5.124	4.032	1.092	423,03	464,46	270,05	255,00	267,00	170,00
Ataléia	Teófilo Otoni		14.455	7.199	7.256	4.195	2.153	2.042	384,33	428,24	338,03	255,00	284,00	255,00
Bertópolis	Nanuque		4.498	2.731	1.767	1.203	786	417	352,11	373,64	311,53	250,00	255,00	190,00
Carlos Chagas	Nanuque		20.069	12.964	7.105	5.937	3.911	2.026	491,15	546,48	384,32	300,00	340,00	255,00
Catuji	Teófilo Otoni		6.708	1.692	5.016	1.526	450	1.076	302,76	457,68	237,97	200,00	306,00	170,00
Crisólita	Nanuque		6.047	3.489	2.558	1.678	974	704	373,76	324,55	441,84	250,00	255,00	217,50
Franciscópolis	Teófilo Otoni		5.800	2.398	3.402	1.573	682	891	346,80	404,89	302,34	250,00	258,50	200,00
Frei Gaspar	Teófilo Otoni		5.879	1.916	3.963	1.631	525	1.106	342,95	398,69	316,49	255,00	300,00	223,50
Fronteira dos Vales	Nanuque		4.687	3.038	1.649	1.346	879	467	318,54	342,23	273,97	234,00	255,00	200,00
Itaipé	Teófilo Otoni		11.798	4.943	6.855	2.932	1.318	1.614	313,95	401,00	242,86	218,00	285,50	170,00
Ladainha	Teófilo Otoni		16.994	4.310	12.684	3.899	1.152	2.747	288,94	451,97	220,58	178,00	330,50	142,00
Machacalis	Nanuque		6.976	5.749	1.227	2.101	1.738	363	395,13	400,58	369,06	255,00	267,00	237,00
Malacacheta	Teófilo Otoni		18.776	11.818	6.958	5.119	3.289	1.830	388,19	437,37	299,80	255,00	300,00	217,00
Nanuque	Nanuque		40.834	36.789	4.045	12.519	11.274	1.245	668,16	683,35	530,66	359,00	375,00	267,00
Novo Oriente de Minas	Teófilo Otoni		10.339	4.421	5.918	2.543	1.269	1.274	335,91	401,93	270,15	254,00	300,00	181,50
Ouro Verde de Minas	Teófilo Otoni		6.016	3.629	2.387	1.639	1.002	637	334,63	376,12	269,38	245,00	255,00	170,00
Pavão	Teófilo Otoni		8.589	5.204	3.385	2.311	1.396	915	412,66	438,28	373,57	255,00	256,00	255,00
Poté	Teófilo Otoni		15.667	9.337	6.330	4.345	2.642	1.703	381,55	407,41	341,42	255,00	291,00	222,00
Santa Helena de Minas	Nanuque		6.055	3.769	2.286	1.508	1.012	496	292,82	314,60	248,38	200,00	240,00	150,00
Setubinha	Teófilo Otoni		10.885	2.802	8.083	2.376	728	1.648	276,38	424,39	211,00	172,00	260,00	145,00
Serra dos Aimorés	Nanuque	8.412	6.774	1.638	2.543	2.077	466	445,31	432,88	500,71	300,00	303,00	259,00	
Teófilo Otoni	Teófilo Otoni	134.745	110.076	24.669	38.685	32.243	6.442	636,90	697,54	333,41	383,00	425,00	255,00	
Umburatiba	Nanuque	2.705	1.558	1.147	787	444	343	385,26	409,06	354,44	255,00	257,00	255,00	
TOTAL	MUCURI		385.413	260.924	124.489	107.520	75.976	31.544	431,75	504,42	295,86	286,52	317,49	190,13

Figura 12 – Produto Interno Bruto (R\$ mil) – região de planejamento Jequitinhonha Mucuri (2009)



Fonte: IBGE, 2010

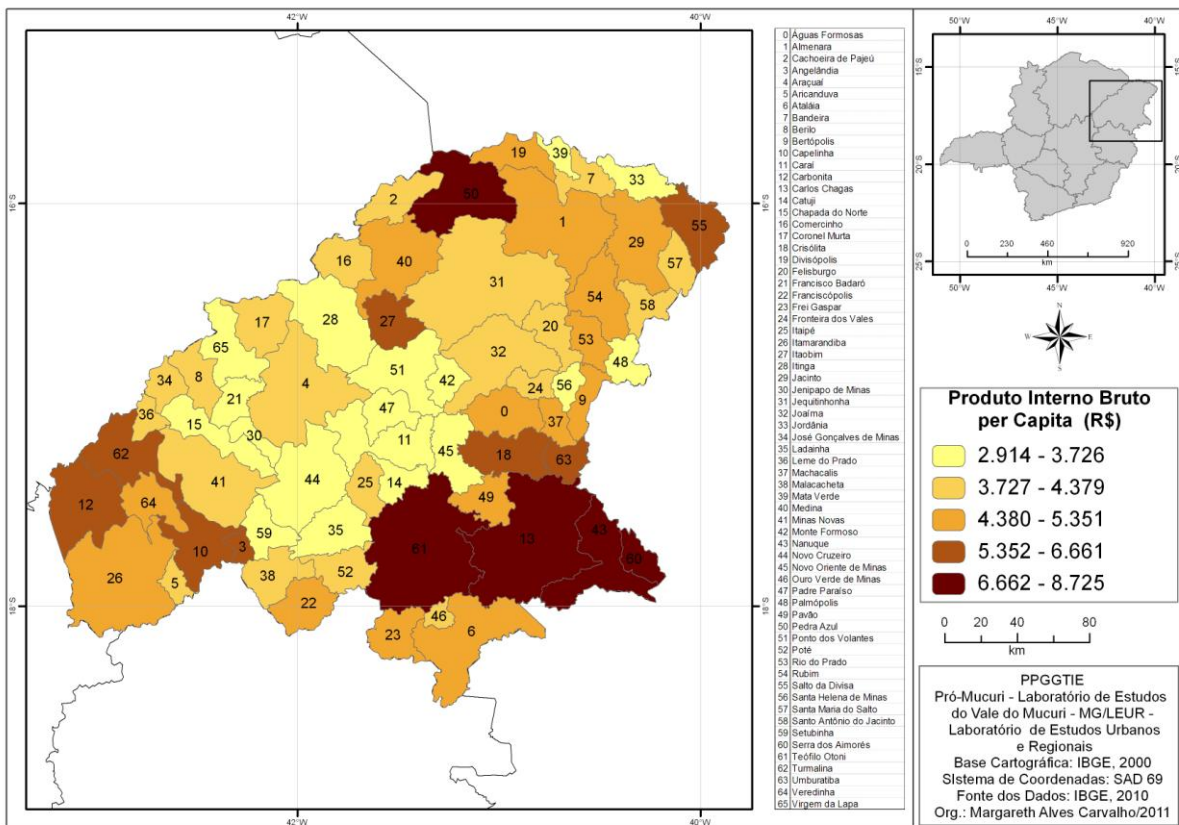
Pelo mapa (figura 12) é possível observar que o maior PIB dentro da região de planejamento Jequitinhonha/Mucuri pertence a Teófilo Otoni. O setor terciário, que compreende a atividade comercial, os serviços e os transportes, contribuiu fortemente para o incremento do PIB no município de Teófilo Otoni durante as últimas décadas.

O comércio da cidade é basicamente varejista, formado por empresas de pequeno, médio e grande porte, portanto mostra-se competitivo e polarizador em relação ao comércio das regiões vizinhas. O comércio de Teófilo Otoni é, em parte, direcionado ao atendimento regional, sendo muito visitado por pessoas de cidades circunvizinhas. Destacam-se o comércio de supermercados, farmácias, lojas de eletrodomésticos, de material de construção e elétricos, feiras, bares, restaurantes, além de profissionais liberais como: médicos, dentistas, fisioterapeutas, advogados, contadores, despachantes, psicólogos, etc.

O município também é pólo na área de prestação de serviços a outros municípios, tendo um alcance na região do Vale do Mucuri, do Médio Jequitinhonha

- Araçuaí e adjacências, no Baixo Jequitinhonha, Almenara e adjacências, além de municípios do sul da Bahia e norte do Espírito Santo. Essa prestação de serviços é mais intensa nos setores de saúde, educação, comercialização de motos e automóveis e instituições financeiras.

Figura 13 – Produto Interno Bruto per capita (R\$) – região de planejamento Jequitinhonha Mucuri (2010)



Fonte: IBGE, 2010

Por outro lado, o setor de pedras é responsável por grande aporte de recursos na região, bem como pela geração de milhares de postos de trabalho, ainda que informais, no garimpo, na indústria de lapidação, no setor de corretagem e no comércio de gemas. O setor realiza anualmente eventos visando impulsionar o comércio de pedras, servindo de catalisador para geração de divisas para vários segmentos do município, tendo como grande parceiro a Prefeitura Municipal. São duas feiras que ocorrem paralelamente e que se estabelecem como uma oportunidade ímpar para a realização de negócios em grande escala, além de

inúmeros contatos que se abrem na área. Os eventos são: a FIPP - Feira Internacional de Pedras Preciosas e a Feira Livre de Pedras Preciosas.

3.2 Questões Demográficas e Econômicas em Teófilo Otoni/MG

A última contagem da população realizada pelo IBGE em 2010 informa uma população de 134745 pessoas residindo em Teófilo Otoni. Este dado confirma uma tendência observada no município desde a década de 1990: a diminuição do tamanho da população total. Este fenômeno também ocorreu entre as décadas de 1970 e 1980, quando a taxa média de crescimento anual da população foi de -0,32% (a.a.). Entre os anos de 1980 e 1991, único momento do período em análise onde o crescimento foi positivo, esta taxa foi de 0,81% (a.a.). Este incremento na população está ligado à intensificação das atividades de extração e comercialização de pedras preciosas ocorrida na década de 1980. Porém, entre os anos de 1991 e 2000 houve novas perdas populacionais em função de processos de emancipação e emigração. Neste período a taxa média de crescimento anual foi de -0,93. Em 2000, a população do município representava 0,72% da população do Estado e 0,08% da população do país.

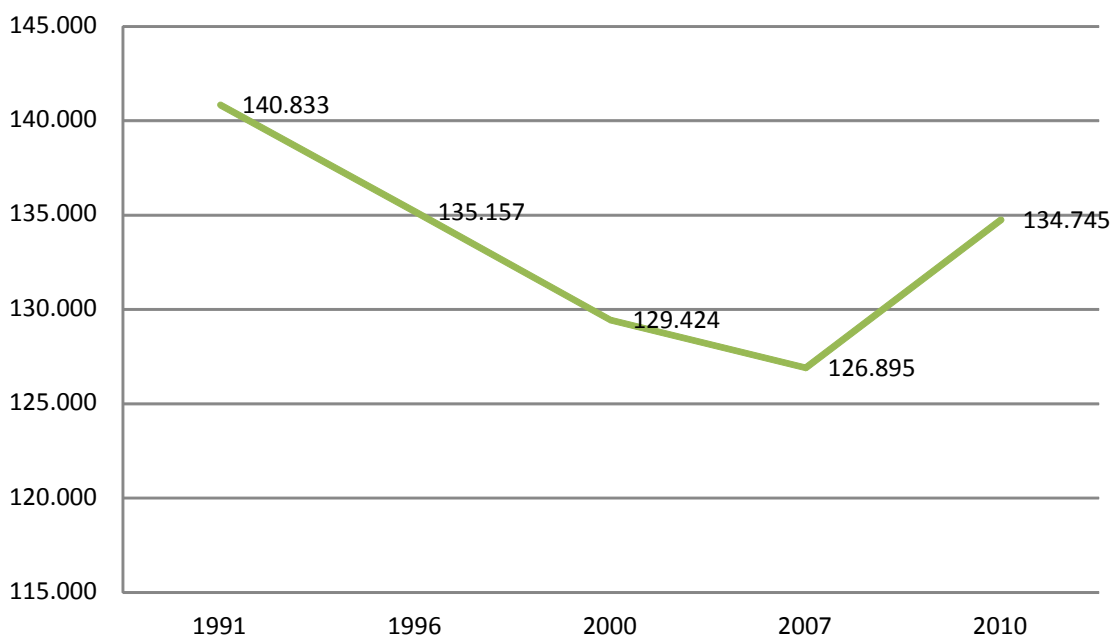
Vale ressaltar que a decisão de permanecer ou não em sua terra natal ou se deslocar para outro local, a cada momento de sua vida, reflete a maneira como o indivíduo percebe sua condição no aqui e agora, ou sua expectativa de melhor viver em outro lugar. Esse conjunto complexo de fatos é condicionado pelas condições macro, conjunturais e estruturais, dadas pela ação do poder público, pela dinâmica econômica e pelo conjunto das ações individuais, que às vezes assume certa autonomia aparente.

A análise da estrutura da população por situação de domicílio mostra que, ao longo do tempo, a população do município de Teófilo Otoni tornou-se mais urbana, passando de um percentual de 50,44% em 1.970 para 79,43% em 2.000.

QUADRO 14 – Evolução da População Total, urbana e rural (1970 a 2010)

	1970	1980	1991	2000	2010
Total	133.017	128.826	140.833	129.424	134.745
Urbana	67.094	87.957	101.966	102.812	110.076
Rural	65.923	40.869	38.867	26.612	24.669

Fonte: IBGE (Censos, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010)

Gráfico 3 – Evolução da População de Teófilo Otoni (1991-2010)

Fonte: IBGE (2010)

A população da cidade de Teófilo Otoni passou nos últimos 40 anos pelo processo chamado transição demográfica¹⁰.

Ao longo das últimas quatro décadas a estrutura etária da população em Teófilo Otoni se alterou significativamente, fato patente no formato das pirâmides etárias em cada um dos últimos censos demográficos. Há progressiva contração da base das pirâmides ao longo do tempo; simultaneamente os grupos de idade intermediários tornam-se maiores, abrigando maior parcela da população.

Já em 1970 notamos a diminuição do ritmo do crescimento populacional. A tendência de queda permanece no censo seguinte: o grupo 0-4 anos é apenas levemente maior que o que o antecedeu. A situação se reforça nos censos seguintes, à medida que a pirâmide assume o aspecto "bojudo" que caracteriza as populações em envelhecimento. Ainda assim a população do município permanece

¹⁰ Em todo o mundo, nos últimos dois séculos, e no Brasil especialmente nos últimos 60 anos, vem ocorrendo um grande processo de mudanças demográficas geralmente denominado transição demográfica. Tal processo pode ser resumido como a transição das populações de um regime demográfico marcado por alta fecundidade e alta mortalidade, para um novo regime onde a incidência de ambas é baixa. Esta mudança liga-se, sobretudo à ascensão das chamadas sociedades de mercado, ou capitalistas, fato que determinou profundas mudanças no comportamento reprodutivo das populações.

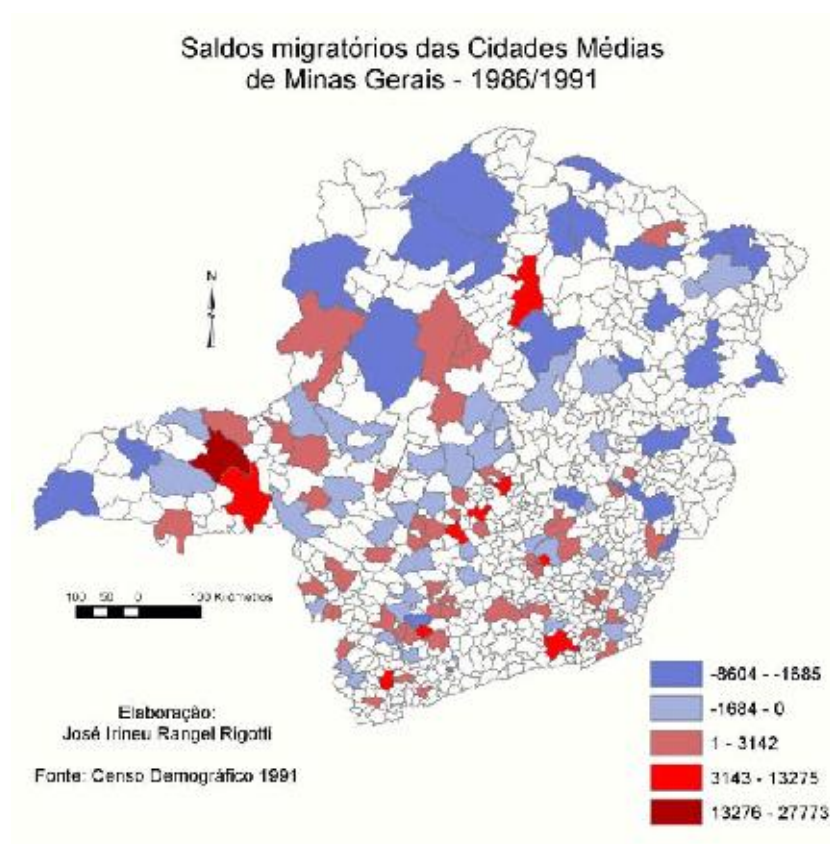
jovem. Se em 1970 algo em torno de 65% da população da cidade estava abaixo de 20 anos, esse quadro muda com a desaceleração da fecundidade, mas em 2000 esse percentual ainda chega a 49 %, caracterizando uma população ainda jovem.

Outra informação subjacente às pirâmides etárias refere-se ao impacto da migração sobre a distribuição etária da população no município. Consideramos agora a população por situação de domicílio. No censo de 1970 nos grupos de 10-29, aproximadamente, a população urbana feminina é bastante maior que a de homens, indicando possível fluxo migratório masculino intenso. A população rural repete a característica em grupos um pouco mais elevados. Além disso a população do meio rural vivia em 1970 um processo menos acentuado de queda da fecundidade.

As perdas de população aparentes no formato das pirâmides podem ser corroboradas pelo fato de que a microrregião de Teófilo Otoni obteve taxas líquidas de migração negativas de 7,9 e 6,43 nos períodos 1986-1991 e 1995-2000, respectivamente: a resultante dos movimentos migratórios respondeu pelo fato de que a população da microrregião seria quase 8 % e cerca de 6,5% maior ao fim de cada um dos dois quinquênios, na ausência de migrações.

Rigotti e Campos (2006) mostraram que as cidades médias identificadas no trabalho de Amorim Filho *et al* (2007) apresentaram grande heterogeneidade em relação aos saldos líquidos migratórios do período 1986-1991. Mostraram que não se pode generalizar a suposta capacidade das cidades médias em atrair população, uma vez que vários municípios (66 de um total de 131) apresentaram saldos migratórios negativos e que metade dos municípios mostrou o seu dinamismo através de sua capacidade de ganhar população. Chamaram a atenção para o fato de que o conjunto destes municípios não foi capaz de absorver sua própria população e das localidades vizinhas, uma vez que os saldos migratórios globais foram negativos, em pouco mais de 11 mil pessoas (Rigotti, J. I R., Campos, J. 2006)

Figura 14 – Saldos Migratórios das Cidades Médias de Minas Gerais – 1986-1991



Fonte: Rigotti, J. I. R. e Campos, J. (2006)

3.3 – Alguns indicadores socioeconômicos de Teófilo Otoni/MG

Para dar subsídio à análise, realizamos a análise de alguns indicadores socioeconômicos como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) apresentado a seguir.

3.3.1 Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)

O IDH foi criado para mensurar o nível de desenvolvimento humano dos países, mas vem sendo utilizado pelas administrações municipais e pelo governo federal para comparar a posição ocupada por um município em relação aos demais.

Esse índice é uma média aritmética dos valores dos indicadores de longevidade, educação e renda, que são calculados pela expectativa de vida ao

nascer, pela taxa de alfabetização e de escolarização e pelo PIB per capita ou pela renda per capita de cada localidade.

O índice varia de 0 a 1 e quanto mais próximo de 1 mais desenvolvida é a localidade. Três categorias são utilizadas na classificação do IDH:

- a) O IDH até 0,499 é considerado baixo;
- b) O IDH entre 0,500 e 0,799 é considerado médio;
- c) O IDH maior que 0,8 é considerado alto.

O IDH do Brasil tem crescido gradativamente e desde o ano de 2005 chegou ao nível considerado alto (0,8) tendo em 2007 alcançado 0,813 (PNUD, 2008).

O estado de Minas Gerais também teve um crescimento em seu índice, passando de 0,780 em 2000 para 0,800 em 2005 (PNUD, 2005). O crescimento no índice estadual reflete uma grande heterogeneidade em relação aos municípios pois, existem no estado municípios com IDH alto e outros com IDH considerado baixo.

No período 1991-2000, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de Teófilo Otoni cresceu 13,98%, passando de 0,651 em 1991 para 0,742 em 2000.

Tabela 4 – IDH-M do município de Teófilo Otoni (1991 e 2000)

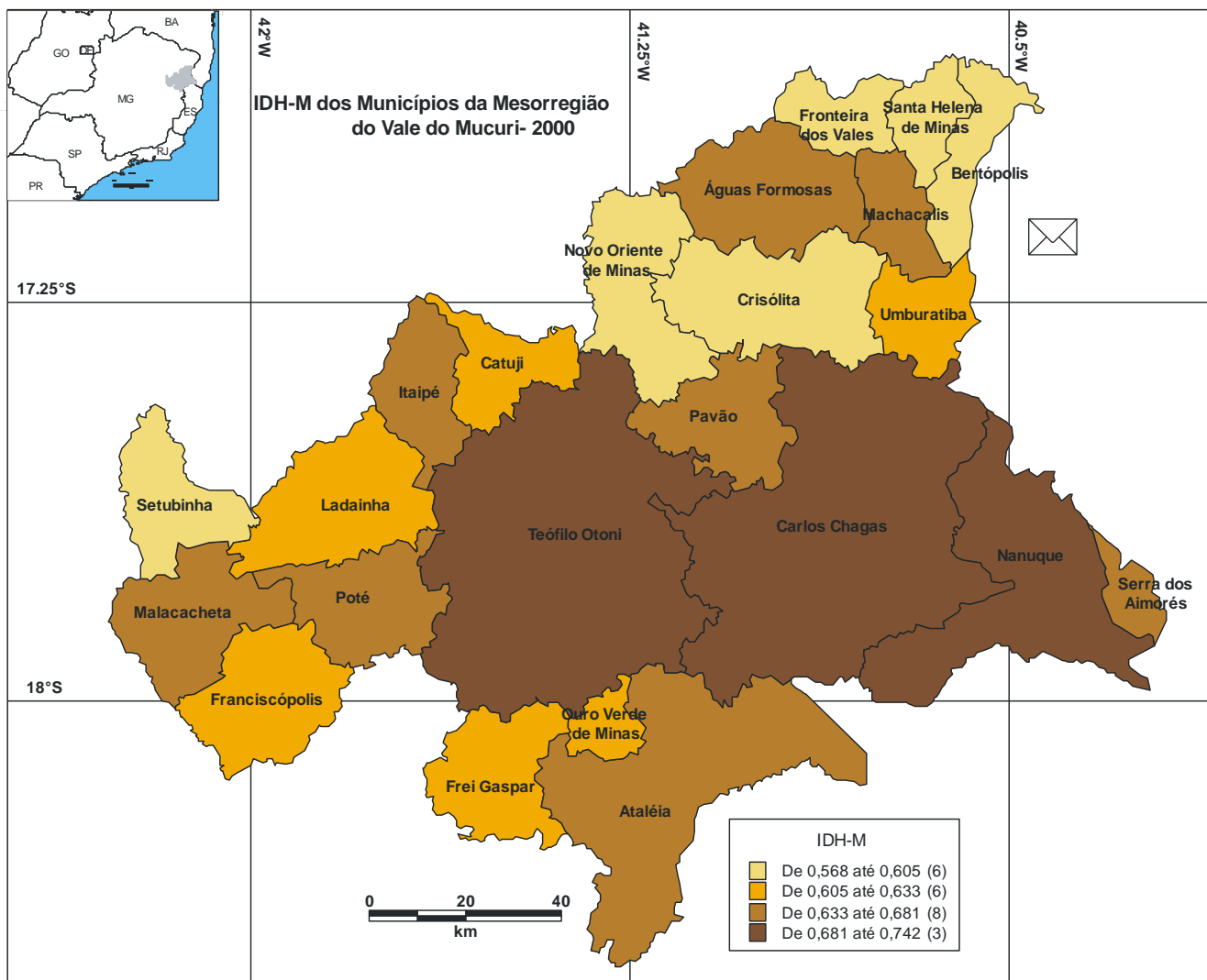
	1991	2000
Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	0,651	0,742
Educação	0,702	0,814
Longevidade	0,64	0,746
Renda	0,612	0,666

Fonte: FJP e PNUD, 2003

A dimensão que mais contribuiu para este crescimento foi a Educação, com 41,2%, seguida pela Longevidade, com 39,0% e pela Renda, com 19,9%.

Segundo a classificação do PNUD, o IDH-M de 0,742 em 2000, coloca o município na categoria médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8). Em relação aos outros municípios do Estado de Minas Gerais, Teófilo Otoni apresenta uma situação intermediária: ocupa a 343ª posição, sendo que 342 municípios (40,1%) estão em situação melhor e 510 municípios (59,9%) estão em situação pior ou igual.

Figura 15: Mapa de IDHM do Vale do Mucuri



Fonte: Apolinario, F (2011)

Tabela 5 – PEA e NPEA por Gênero em Teófilo Otoni (2000)

População	Homens	Mulheres	Total
Economicamente ativa	34.883	24539	59.422
Não economicamente ativa	15.211	31027	46.238
Total	50.094	55566	105.660

Fonte: IBGE (Censo, 2000) e Fundação João Pinheiro – FJP

A PEA nos vários setores de atividade evidencia a predominância do setor terciário, enquanto gerador de ocupação (66,7% em 2000). Anteriormente, o setor primário era o mais importante, respondendo pela ocupação de mais de 50% da população economicamente ativa local em 1970, declinando como se pode observar no quadro 3, para 17% em 2000.

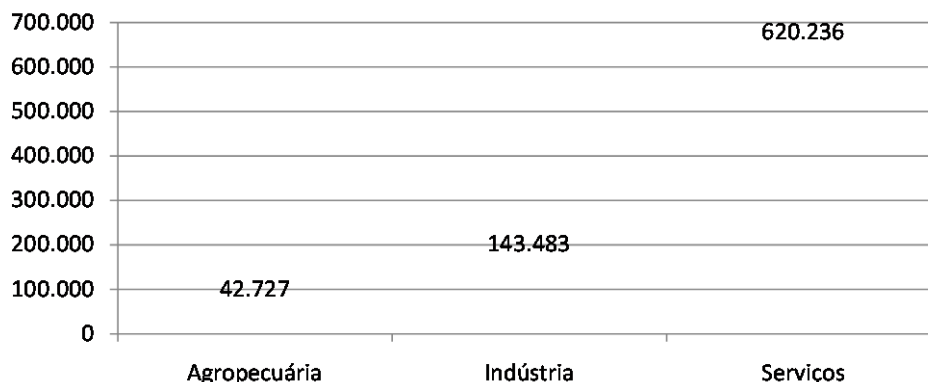
Tabela 6 – População ocupada por setores econômicos em Teófilo Otoni

Setores	Nº de pessoas
Agropecuário, extração vegetal e pesca	8.274
Industrial	8.106
Comércio de mercadorias	10.205
Serviços	22.704
Total	49.289

Fonte: IBGE (Censo, 2000)

O setor que mais emprega no município de Teófilo Otoni é o setor terciário, vindo logo em seguida o setor agropecuário e por último, o setor industrial.

Gráfico 4 – Produto Interno Bruto de Teófilo Otoni (Valor Adicionado - 2007 em Reais Mil)



Fonte: IBGE (2009)

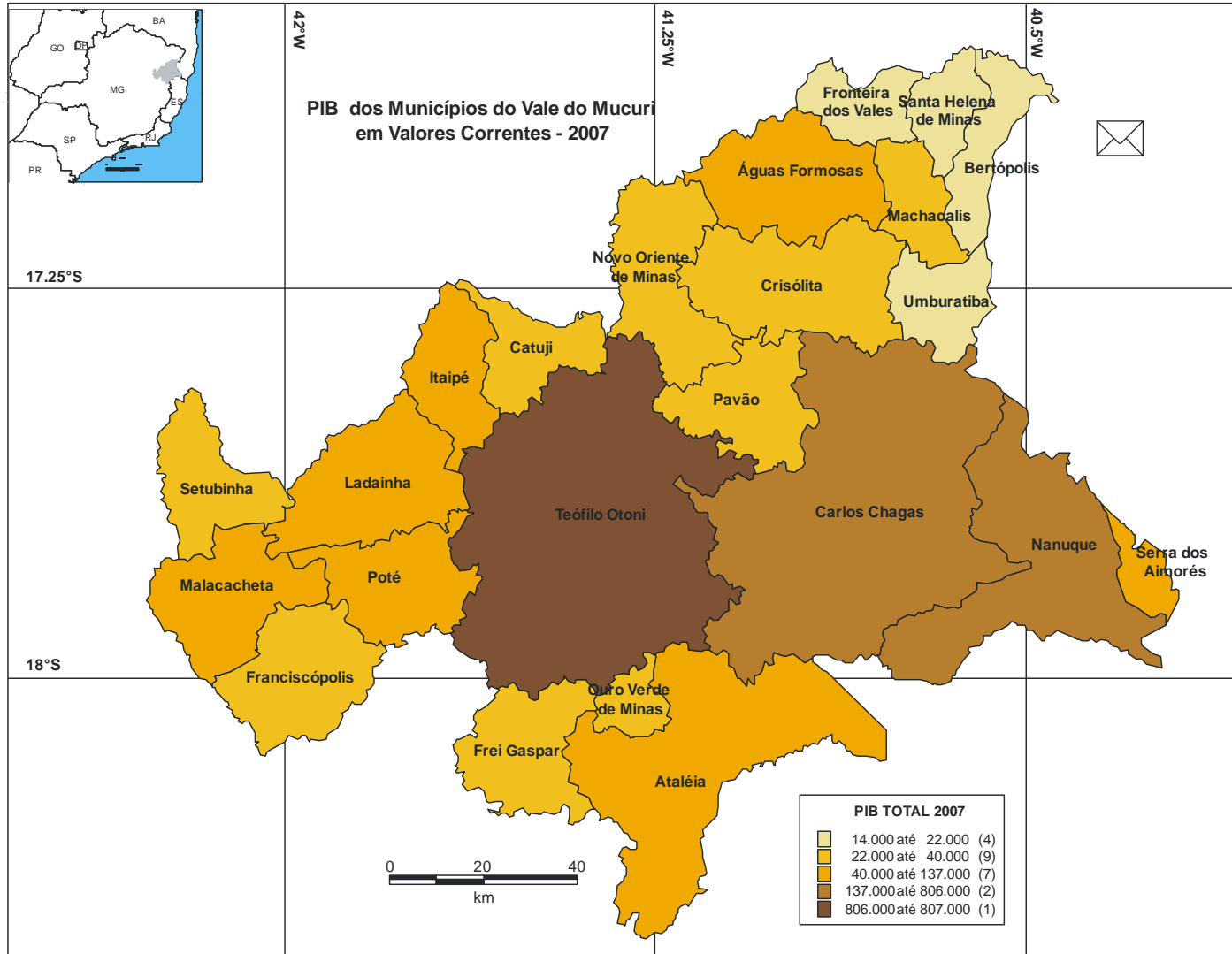
Não obstante a participação de aproximadamente 70% do setor terciário na formação do PIB total do município, este setor tem se mostrado apenas moderadamente dinâmico, em virtude do seu inchaço, pois não consegue gerar os postos de trabalho suficientes para absorver a população que chega ao mercado de trabalho a cada ano. Por outro lado, o setor agropecuário é o que mais emprega no município depois do setor terciário e o que menos participa da formação do PIB.

Teófilo Otoni é polo regional, principalmente na área de comércios e serviços (saúde e educação). Uma preocupação em relação à dinâmica econômica é que boa parte do que é consumido no município vem de fora, da mesma forma que parte da riqueza gerada é levada para fora do município, demonstrando que a renda gerada circula muito pouco na economia local, resultando em perda do dinamismo econômico no município. A cidade possui várias agências de correios o que marca a importância do município como pólo regional de serviços. A localização privilegiada do município de Teófilo Otoni propicia ser centro logístico de distribuição dos Correios no atendimento ao Nordeste de Minas. Fato este que expõe o potencial logístico que o município oferece como elo de ligação do estado de Minas Gerais à região Nordeste do Brasil e ao norte do estado do Espírito Santo.

Alguns órgãos públicos sediados no município: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER-MG), Instituto Estadual de Florestas (IEF), Instituto

Mineiro de Agropecuária (IMA), Polícia Florestal, Polícia Militar, Polícia Civil, Secretaria Fazenda do Estado de Minas Gerais (SEFMG), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG), Companhia de Saneamento de Minas Gerais (COPASA), Secretaria da Receita Federal, Vara do Trabalho, Departamento Estadual de Transportes (DETRAN), Departamento Nacional de Transportes (DNIT), Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), Instituto de Desenvolvimento do Norte Nordeste de Minas Gerais (IDENE), Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais (IPSEMG), Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão (SEPLAG), Secretaria de Estado Recursos Humanos e Administração, Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), Superintendência Regional de Ensino, Fórum da Comarca de Teófilo Otoni, Procuradoria Geral de Justiça do Estado de Minas Gerais, Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, Tribunal Regional do trabalho da Terceira Região, Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Secretaria de Estado da Saúde, Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), Polícia Rodoviária Federal, Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA-MG), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e SEBRAE-MG.

Figura 16: Mapa do PIB dos municípios do Vale do Mucuri (preços corrente)



Fonte: Apolinario, F (2011)

4. ESTRUTURA E MORFOLOGIA INTRA-URBANAS DE TEÓFILO OTONI

Nesta seção apresentaremos uma descrição do espaço intra-urbano de Teófilo Otoni iniciando pela expansão urbana e a seguir, descreveremos o zoneamento morfológico-funcional da cidade.

4.1 – Expansão urbana em Teófilo Otoni

O espaço urbano de Teófilo Otoni está, em grande parte, organizado a partir de um polígono incompleto formado pelos dois eixos rodoviários que a cruzam - a BR116 (Rio-Bahia) e a MGT 418 (Estrada do Boi) - e a Avenida Luís Boali que margeia o Rio Todos os Santos. Estas vias também acabam por conformar e delinear, mesmo que de maneira incompleta, a área pericentral da cidade.

Internamente, dois eixos viários principais, compostos pela Avenida Getúlio Vargas e pela Avenida Epaminondas Otoni, estruturam a Área Central da cidade, que se desenvolve entre o Mercado Central, passando pela Praça Tiradentes e termina no conjunto da Praça Germânica/CEMIG e seu entorno, o qual se liga à Estrada do Boi pela Avenida Getúlio Vargas. Outros dois importantes eixos estruturantes da Área Central, que a ligam à BR 116, são as avenidas Francisco Sá e Visconde do Rio Branco. Estas duas avenidas, além de articularem o Centro com as rodovias, configuram-se como importantes corredores de atividades comerciais e de serviços. A conformação descrita deriva do próprio traçado original da cidade e da construção, nas décadas de 40 e 60 do séc. XX, da BR 116 e da MGT 418, respectivamente.

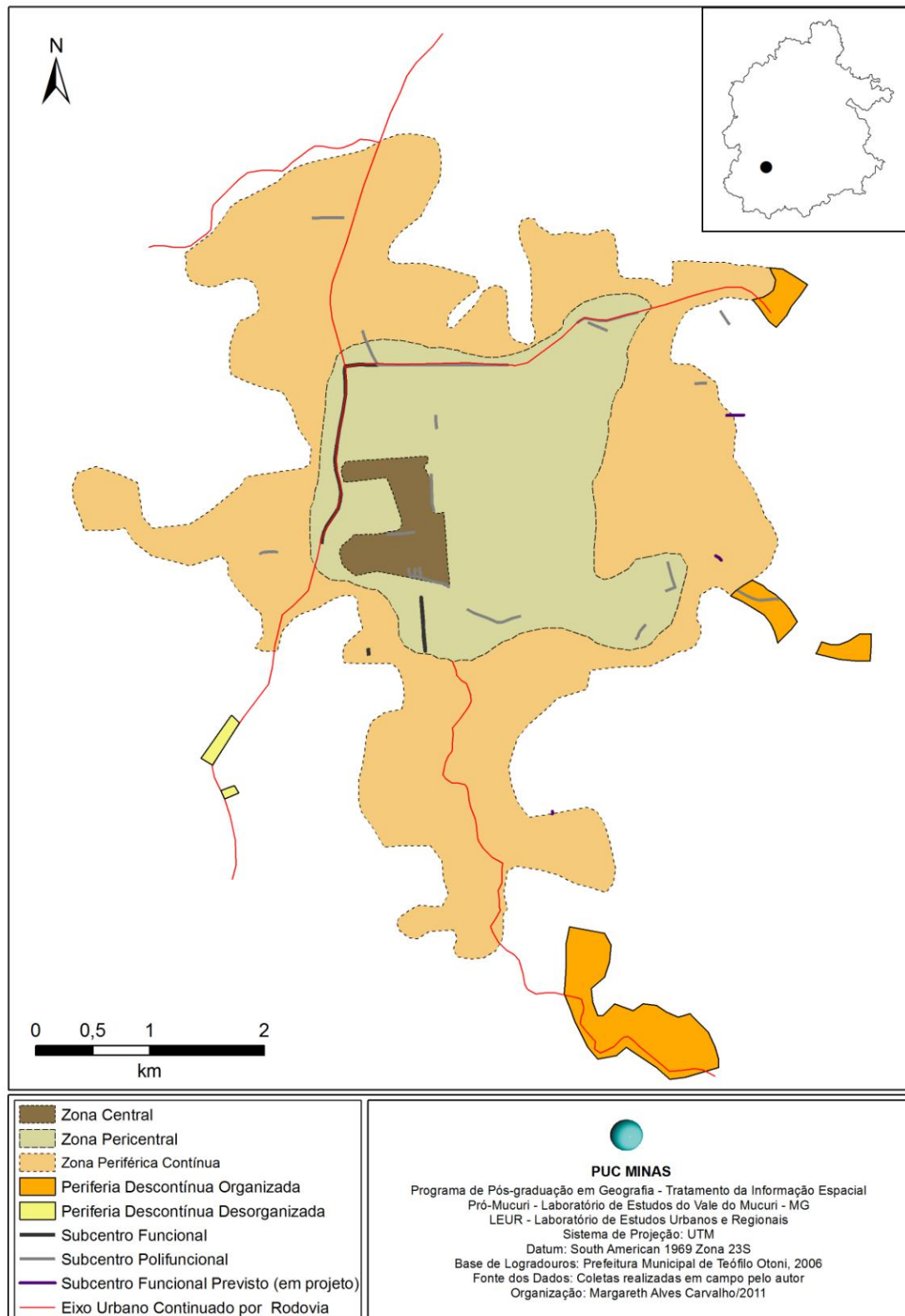
Outro elemento histórico definidor da estrutura urbana de Teófilo Otoni foi o eixo da Estrada de Ferro Bahia-Minas, construída no último quartel do século XIX e que desapareceu depois de 1967, deixando assim de influenciar os movimentos de expansão das áreas central e pericentral da cidade no último período do século XX. Hoje, este outrora importante eixo estruturador da dinâmica urbana local - era a ligação da cidade com o Brasil e o mundo, através do litoral apresenta-se como um eixo secundário de ligação entre a área central e a periferia, tanto no sentido centro-oeste quanto no sentido centro-leste da mancha urbana. Constituem este eixo as avenidas Engenheiro

Argolo e Floriano Peixoto, no sentido centro-leste, e a rua Júlio da Costa no sentido centro-oeste.

A construção da RIO-BAHIA e a concretização da Estrada do Boi como rodovia regional importante viraram de ponta-cabeça a orientação macro-regional da cidade: ela pode ser a ligação expressa da Mesorregião do Mucuri com outras mesorregiões importantes, como a do vale do Rio Doce, a Região Metropolitana do Vale do Aço, a Mesorregião do Vale do Rio São Mateus, no norte do Estado do Espírito Santo, toda a região sul do Estado da Bahia, toda a Mesorregião do Vale do Jequitinhonha e toda a região do Norte Mineiro, além de servir como grande encruzilhada entre o Norte e o Sul do País.

4.2 – O Zoneamento Morfológico-Funcional – Novas Configurações do Espaço Intra-urbano

Figura 17 - Cartograma: Divisão Morfológico-funcional da cidade de Teófilo Otoni/MG (2010)



Fonte: Carvalho, 2011

A temática envolvendo as cidades médias faz parte das pesquisas de Amorim Filho desde o início da década de 70, sendo inclusive objeto de sua tese de doutorado em Bordeaux, em 1973, colocando-se assim, dentre os primeiros estudos sobre este tema já realizados, tanto em Minas Gerais como no Brasil. Estes estudos tiveram como desdobramento uma série de artigos sobre o tema, tanto no Brasil como na América Latina. Em Minas Gerais, duas cidades médias, Formiga e Patos de Minas, foram as primeiras a terem estudos minuciosos e inéditos sobre sua geografia urbana, enquanto cidades médias. Assim, após longos anos de trabalho teórico e de campo, Amorim Filho desenvolveu um modelo gráfico para a caracterização das cidades médias mineiras através de sua morfologia urbana. Neste trabalho aplicaremos o modelo citado às cidades estudadas, observando a funcionalidade do mesmo. Trata-se, portanto, de um trabalho inédito, no qual o espaço intra-urbano de Teófilo Otoni (fig. 17) será estudado.

4.2.1 A área central de Teófilo Otoni: notas históricas e características gerais

No interior das cidades, as áreas centrais expressam espaços onde coexistem usos comerciais e residenciais, o que denota uma organização sócio-espacial bastante complexa. Existe uma tendência de as áreas centrais se firmarem como espaço quase que exclusivamente terciário, com a retirada de famílias que vendem suas habitações para residir em outras regiões das cidades. Em razão disso, a área central é valorizada, gerando, por conseguinte, a especulação imobiliária e a transformação em um espaço dotado de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, marcado pela boa infraestrutura urbana. As áreas centrais recebem grande circulação de pessoas, mercadorias e capitais, que possibilitam o consumo e a dinâmica econômica desses espaços.

O principal eixo da cidade sempre foi definido pelas avenidas Getúlio Vargas (Rua Direita) e Epaminondas Otoni, mas certamente o eixo da Ferrovia Bahia-Minas estruturava toda a cidade no sentido leste-oeste. Com a desativação da ferrovia (em 1966), este eixo passa a ocupar uma posição coadjuvante em relação aos grandes eixos rodoviários que direcionam as

expansões urbanas a partir da década de 70. Assim, grande parte do dinamismo de Teófilo Otoni se dá ao longo do eixo norte-sul, principalmente norte, induzido pela BR116. Sua expansão no sentido leste-oeste também se dá ao longo de outro grande eixo rodoviário, a MGT 418 (Estrada do Boi).

Antes da abertura da BR 116 as principais ligações da cidade se realizavam pela saída em direção à Frei Gaspar que ligava a cidade até Itambacuri e de lá em direção Governador Valadares ou pela Ferrovia Bahia-Minas em direção ao sul do estado da Bahia e norte do estado do Espírito Santo.

Até a década de 50 a cidade apresentava uma expansão radial em torno do centro com um processo de periferização um pouco mais intenso ao longo do eixo definido pela Avenida João XXIII, até uma certa altura, e a Avenida Altamiro Nunes Leite seguindo em direção à Frei Gaspar na altura do bairro Vila Barreiros.

Hoje Teófilo Otoni já começa a mostrar uma morfologia e algumas características próprias de grandes centros urbanos. Dentre estas características destacam-se o aparecimento de subcentros dinâmicos em áreas periféricas (avenida Rachid Handere no bairro Bela Vista e praça Sívio Burmann no bairro São Jacinto); processos de periferização intensos e desordenados em áreas de interesse social: Boiadeiro, Eucalipto, Pindorama etc., parcelamento de áreas periurbanas carentes de infraestrutura (bairros São Benedito e Taquara); aparecimento de funções administrativas de grau hierárquico mais alto – por exemplo, representações do governo estadual; capacidade de fixação de migrantes, mesmo que precariamente instalados, e excelente capacidade de atuar como elemento de ligação entre seus núcleos rurais e sua região de influência direta e os maiores centros urbanos de Minas e de outros estados.

Em Teófilo Otoni, como citado anteriormente, temos a presença de dois eixos viários principais, que são compostos pela avenida Getúlio Vargas e pela avenida Epaminondas Otoni. Estes eixos estruturam a **área central** da cidade, que se desenvolve entre o Mercado Municipal (fig. 18), passando pela Praça Tiradentes (fig. 19) e termina na Praça Germânica (fig. 20).

Figura 18 – Mercado Municipal de Teófilo Otoni/MG. Área central



Fonte: Carvalho, 2008

Figura 19 – Praça Tiradentes. Área central da cidade



Fonte: Carvalho, 2008

Figura 20 – Praça Germânica área central da cidade

Fonte: Carvalho, 2008

4.2.2. A relevância do setor de serviços na área central de Teófilo Otoni

Núcleo primordial da vitalidade urbana, o Centro engloba os equipamentos representativos dos Poderes Públicos (Prefeitura, Câmara de Vereadores, Órgãos Estaduais, entre outros) e do Poder Financeiro – todos os Bancos - bem como os mais importantes equipamentos e espaços ligados ao referencial simbólico da cidade como a Igreja Matriz da Imaculada Conceição e as praças Tiradentes e Germânica (que se destacam como referenciais positivos no imaginário local). São também significativos, neste sentido simbólico referencial: o Mercado, a Rodoviária e o próprio rio Todos os Santos, apesar de todos eles se destacarem, contemporaneamente, como referências negativas na paisagem urbana dada a precariedade ambiental que apresentam, cada um a seu modo. Sua recuperação impõe-se, por isso mesmo, como fundamental.

O Centro é a área de concentração comercial mais diversificada de Teófilo Otoni, inclusive abrigando as atividades ligadas à inserção internacional da cidade, aquilo que a faz denominar-se “Capital Mundial das Pedras”. Seus movimentos de expansão mais expressivos se dão, de maneira geral, na direção definida pelos dois grandes eixos rodoviários já citados, a Rio Bahia e a Estrada do Boi. Acompanham também, no sentido centro-leste, o eixo da Avenida Luiz Boali no bairro Ipiranga e a Avenida Floriano Peixoto em direção ao bairro Veneta. A Avenida Luiz Boali aparece como um espaço moderno, sendo indicação disso a presença de residências de alta renda no bairro Ipiranga e determinados equipamentos e atividades mais sofisticadas, além de servir como local para exercícios físicos.

Entretanto, esta avenida ainda mostra uma atividade econômica pouco intensa em sua extensão leste, talvez por margear o rio Todos os Santos: a ausência de pontes dificulta sobremaneira a mobilidade entre as duas margens do rio. A Avenida Floriano Peixoto - acompanhando o leito da antiga ferrovia - apresenta uma ocupação mais antiga e de mais baixa renda, fazendo com que a expansão do Centro neste eixo seja refreada pela precariedade da estrutura urbana e sua ocupação por um estrato social mais baixo.

No sentido centro-oeste o eixo de expansão tende a seguir a Avenida Júlio da Costa - também acompanhando o leito da antiga ferrovia - mas é contido pela barreira da RIO-BAHIA. Este fato levou ao surgimento de um pequeno centro comercial isolado, ainda na sua extensão, na altura do Bairro Palmeiras - uma das áreas de menor renda da cidade.

Já o comércio e serviços de menor porte, que garantem a abrangência em escala de cidade por seu conjunto, ficam distribuídos na área, devendo ser notado que os eixos preferenciais de localização estão constituídos pelas av. Getúlio Vargas, Epaminondas Otoni, Luiz Boali e rua Dr. Manoel Esteves.

Tabela 7: Distribuição do Setor de Serviços de Teófilo Otoni, por porte (2007)

Porte	Estabelecimentos	%	Empregados	%
Micro	1.508	92,9	1561	27,2
Pequeno	103	6,3	2130	37,2
Médio	6	0,4	418	7,3
Grande	7	0,4	1624	28,3
Total	1624	100	5.733	100

Fonte: TEM/Rais 2007

Tabela 8: Grau de Instrução dos Trabalhadores do Setor de Serviços de Teófilo Otoni (2007)

Instrução	2007	%
Analfabeto	29	0,5
Até o 5º ano Incompleto do Ensino Fundamental	226	3,9
5º ano Completo do Ensino Fundamental	284	5,0
Do 6º ao 9º ano Incompleto do Ensino fundamental	668	11,7
Ensino Fundamental Completo	562	9,8
Ensino Médio Incompleto	517	9,0
Ensino Médio Completo	2.291	40,0
Educação Superior Incompleta	215	3,8
Educação Superior Completa	900	15,7
Mestrado Completo	40	0,7
Doutorado Completo	1	0,0
TOTAL	5.733	100,0

Fonte: TEM/Rais 2007

Tabela 9: Remuneração Média por Trabalhador no Setor de Serviços de Teófilo Otoni - 2007

Porte	Empregados	R\$
Micro	1.561	550,36
Pequeno	2.130	842,76
Médio	418	1.216,98
Grande	1.624	828,80
Total	5.733	786,48

Fonte: TEM/Rais 2007

Outros Serviços: Saúde (2004): 6 Hospitais e 453 Leitos (Fonte: Sus – Ministério da Saúde); Hotéis (2000): 27 (Fonte: Associação Brasileira de Indústria de Hotéis – ABIH); Instituições Financeiras (2004): Banco ABN AMRO S.A., Banco Bradesco S.A., Banco do Brasil S.A., Banco Itaú S.A., Banco Mercantil do Brasil S.A., Caixa Econômica Federal, Banco HSBC Bamerindus S.A., Unibanco - União de Bancos Brasileiros S.A, (Fonte: Banco Central do Brasil)

Segundo Rigotti e Campos,

Outra característica típica das cidades médias refere-se ao exercício de uma função de intermediação entre seu entorno e os grandes centros, recebendo e emanando fluxos materiais e imateriais, bem como fornecendo serviços e produtos que as pequenas cidades não dispõem. Acrescente-se que, cada vez mais, a mobilidade populacional tem adquirido novos contornos, com rebatimentos sobre as estruturas urbanas. Entre estes poderíamos destacar os movimentos pendulares, nos quais as pessoas trabalham e/ou estudam em outras cidades. Seria de se esperar, então, que as cidades médias atraiam trabalhadores ou estudantes de áreas vizinhas, o que confirmaria o dinamismo que delas se espera na rede urbana da qual fazem parte. (Rigotti e Campos, 2006, p. 3)

Assim, Teófilo Otoni atrai um contingente de pessoas nesses movimentos pendulares haja visto o grande número de pessoas que transitam nas rodovias que dão acesso à cidade em direção às escolas, faculdade e universidades principalmente nos finais de semana.

A zona central da cidade atualmente coincide, em parte com o centro histórico. Os antigos casarões ou foram restaurados ou cederam lugar às novas construções. Nessa área central são desenvolvidas importantes funções terciárias da cidade. Há um acúmulo de equipamentos considerados centrais tais como agências bancárias e financeiras. Nesta área central estão localizados 8 (oito) agências bancárias diferentes e 8 (oito) postos de atendimento bancário (Fonte: Federação dos Bancos do Brasil, 2008). Também neste centro estão localizadas grandes lojas de redes nacionais de distribuição de eletrodomésticos (fig. 21). Essa concentração de “equipamentos raros” contribui para um maior adensamento demográfico, um intenso fluxo de veículos e demanda uma infraestrutura adequada para o acesso a tais equipamentos.

Figura 21 – Lojas de eletrodomésticos – área central da cidade



Fonte: Carvalho, 2008.

Na zona central, a função residencial não é predominante. Pelo contrário. Algumas moradias são observadas, mas em número bastante reduzido. O que se nota é um incremento na verticalização, uma movimentação intensa de pessoas durante o dia e a presença predominante de atividades ligadas ao comércio. O que comprova as características descritas por Amorim Filho e Sena (2007) para a zona central das cidades médias.

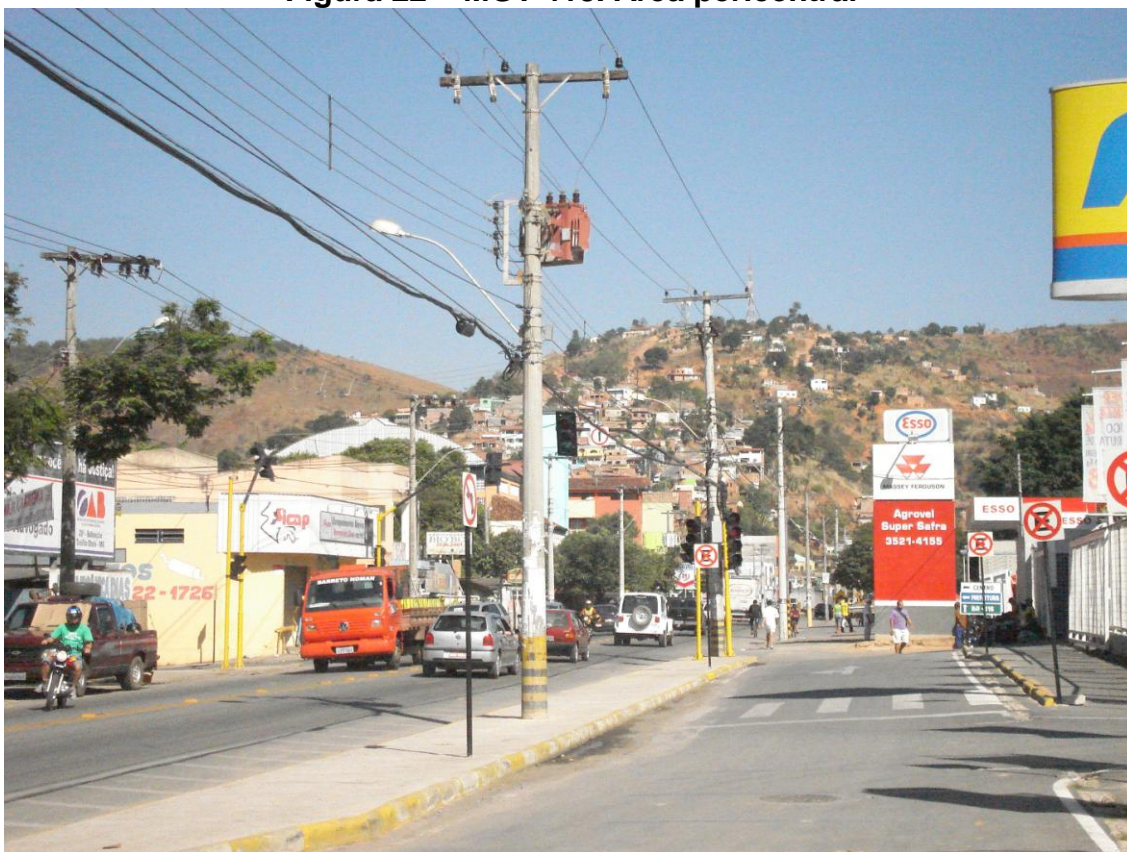
Zona Central – caracterizada pela predominância de funções terciárias. Na zona central há um adensamento populacional, os espaços livres são reduzidos e há uma intensa verticalização. No centro existe uma concentração significativa de pedestres e veículos. O centro não apresenta um percentual de área equivalente à sua importância. (Amorim Filho e Sena, 2007 p. 35)

As zonas centrais em especial, as ruas e praças mais antigas, geralmente não estão adaptadas às características da vida moderna. Assim, congestionamento, envelhecimento dos prédios, ruas estreitas, construções antigas, concebidas para necessidades de outras épocas se fazem perceber. Em Teófilo Otoni, essa zona central tradicional é configurada pelas avenidas

Francisco Sá e Visconde do Rio Branco¹¹, sendo que estas duas avenidas, além de articularem a zona central com as rodovias, também abrigam um grande número de atividades comerciais e de serviços. Essa modernidade vertical quase toda ela ocorre na região central da cidade, o que reforça a idéia de grande demanda sobre uma área de status privilegiado e de oferta escassa.

Conformando o limite da área central têm-se as avenidas Getúlio Vargas e Luiz Boali. Vale ressaltar que esta conformação deriva do traçado original da cidade e da construção, nas décadas de 40 e 60 (século XX), das já citadas vias BR 116 e MGT 418.

Figura 22 – MGT 418. Área pericentral



Fonte: Carvalho, 2008

4.2.3 Infraestrutura e Mobilidade Urbana em Teófilo Otoni/MG

Como foi exposto quando da descrição histórica de Teófilo Otoni, um outro elemento que definiu a estrutura urbana da cidade foi o eixo da Estrada

¹¹ Essas avenidas ligam a Área Central à BR 116 (Estrada Rio-Bahia).

de Ferro Bahia - Minas. Até a sua desativação, esse eixo comandava a expansão da cidade. Hoje, este eixo estruturador da dinâmica urbana local tornou-se secundário no que se refere à ligação entre a área central e a periferia. Representam esse eixo as avenidas Engenheiro Argolo e Floriano Peixoto e a rua Dr. Júlio Rodrigues (fig. 23).

Figura 23 – Rua Dr. Júlio Rodrigues. Área pericentral



Fonte: Carvalho, 2008

A região central da cidade caracteriza-se como o grande polo atrativo de viagens do município, uma vez que concentra a maioria das atividades comerciais, bancárias e de prestação de serviços. Essa característica se reflete na rede de transporte coletivo: as linhas de ônibus são quase que em sua totalidade, radiais (bairro-centro-bairro). Além disso, vários polos de interesse e geradores de tráfego estão situados nessa área, tais como a Prefeitura, a Câmara Municipal, o Mercado Municipal, a Cemig, o Supermercado Araújo, o Cine Palácio, a Matriz e a Escola Estadual Alfredo Sá. Outro polo gerador de viagens é a Região da Rodoviária, uma vez que a cidade situa-se no entroncamento de grandes rodovias, além de ser polo regional. As faculdades

e escolas também constituem polos de viagem, acarretando um grande volume de trânsito local, nos horários de entrada e saída das aulas, que geralmente coincidem com os horários de picos de fim de expediente e horários de almoço.

O transporte coletivo é realizado por apenas uma empresa, a Viação Vale do Mucuri, com uma frota operacional de 31 veículos, distribuídos em 24 linhas que atendem a diversos bairros da cidade. Essas linhas são predominantemente radiais.

4.2.4 A Zona Central do Espaço Intra-urbano de Teófilo Otoni - A descentralização da área central em Teófilo Otoni e a emergência de novos subcentros.

Hoje, os eixos de expansão da cidade são a avenida Dr. Júlio Rodrigues (que manteve a posição de eixo de expansão) no bairro Marajoara, a avenida Dr. Sidônio Ottoni (Estrada do Boi) entre os bairros de Fátima e Grão Pará e a Av. Luis Boali (bairros Ipiranga e Castro Pires). Ressalta-se que esta avenida alocou por um tempo o campus avançado da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri¹². Após a instalação do campus avançado, um grande fluxo de pessoas se direcionou para a região e vários serviços começaram a ser oferecidos, dinamizando a área. Seguindo esse eixo, na zona pericentral da cidade, observa-se uma concentração de equipamentos industriais (Bairro Santa Clara e Frimusa) tais como: frigorífico, fábrica de temperos, empresas de processamento de leite, serraria, olaria. Aí se encontra o polígono industrial da cidade, que tende a se expandir mais ainda com a ativação da Zona de Processamento para Exportação (ZPE), que também se encontra nessa região – bairros São Jacinto, Castro Pires e Santa Clara. O início das atividades da ZPE está e irá atrair um grande número de novas empresas. Outra atividade prevista para esse eixo é a criação de um Centro de Convenções e de um Distrito Industrial.

¹² Em caráter temporário até o término da construção do prédio definitivo da UFVJM no bairro São Paulo. Mesmo o *campus* da Universidade se mudando para o outro lado da cidade, esse eixo de crescimento se manterá em virtude do início das atividades da ZPE quando aprovadas.

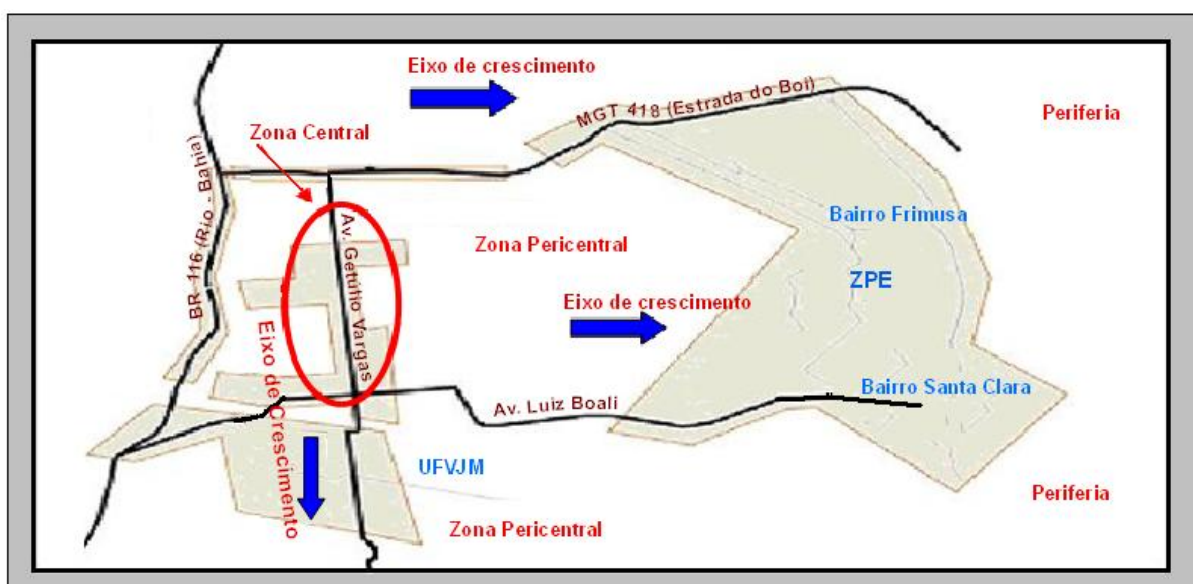
No sentido centro-norte, além do eixo da própria BR116, há uma pressão de expansão na avenida Rachid Handeri, na altura do bairro Bela Vista. Localizada também numa área empobrecida, esta zona tende a configurar outro centro periférico, mas de muita vitalidade e dinamismo, ao contrário do anterior. A Avenida Rachid sofre um problema ambiental grave – regularmente, é inundada pela lama que desce das encostas que a cercam a leste, em qualquer período de chuva forte.

No sentido centro-nordeste temos um movimento importante de expansão ao longo da MGT 418 (Estrada do Boi), extremamente dinâmico, onde tem se observado o aparecimento de equipamentos comerciais de grande porte e abrangência.

4.3 A Zona Pericentral - Os Subcentros São Jacinto, Castro Pires e Marajoara

Teófilo Otoni apresenta morfologia e características próprias de grandes centros urbanos. Dentre estas características pode-se destacar o aparecimento de subcentros dinâmicos em áreas consideradas pericentrais (Fig. 24)

Figura 24 - Croqui eixos de crescimento de Teófilo Otoni/MG (2010)



Fonte: Carvalho, 2011 – trabalho de campo.

4.3.1 O Bairro São Jacinto

A MGT 418 (Estrada do Boi) teve um importante papel econômico na década de 70 do século XX, ao substituir a Estrada de Ferro Bahia-Minas, desativada pelo governo militar em 1966, como articulação interna da região do Mucuri e sua ligação com o litoral. Hoje, no entorno da rodovia está em formação acelerada um importante centro secundário urbano, com equipamentos comerciais de abrangência em escala de conjuntos de bairros e mesmo urbana, complementares ao Centro tradicional.

Destacam-se supermercados de grande porte e concessionárias de veículos. A Estrada do Boi é o segundo eixo rodoviário mais importante do município e realiza também uma articulação fundamental - ainda que hoje quase potencial - de toda a região urbana norte com as áreas urbanas centrais, através dos eixos viários da região leste da malha urbana, formando assim um possível anel alternativo aos eixos tradicionais de ligação (avenidas Getúlio Vargas e Epaminondas Ottoni) e potencializando uma expansão urbana para leste e sudeste.

Este trecho da rodovia recebeu o nome de Avenida Sidônio Ottoni - a diferença de tipologia do tráfego em relação à BR 116. O tráfego parece muito mais urbano, com muito menos veículos pesados e também com muito menos segurança, pois não existe qualquer tratamento da via neste sentido. Ao final da Avenida Sidônio Ottoni nos deparamos com o Bairro São Jacinto que apresenta um subcentro funcional.

Figura 25 – Subcentro - Praça Sílvio Burmann no bairro São Jacinto. Zona pericentral



Fonte: Carvalho, 2008

Nesta zona, há uma predominância de funções residenciais, com presença de equipamentos principalmente terciários como a Faculdade Doctum e o Batalhão de Polícia Militar e Centro de Capacitação do Sistema SESIMINAS e secundários como supermercado Magoo. Esta zona não é de forma alguma homogênea apresentando grande número de residências ao lado de subcentros especializados em educação, segurança e comércio.

4.3.1.1. O subcentro São Jacinto: Potencialidades Econômicas I

Esse subcentro está localizado em uma área que tem ocupado uma posição relativamente secundária na dinâmica de expansão da cidade nos últimos 40 anos. A presença do Internato Rural, configurando uma barreira entre a mancha urbana e o parque de exposições da Pampulhinha, e a desativação da EFBM contribuíram muito para que ele permanecesse, de certa forma, preservado do processo de expansão da cidade. Uma outra possível

razão é a situação periférica do setor em relação à BR 116 e à própria Área Central.

A BR 116 ou Rio-Bahia situa-se no entorno da grande referência de mudança histórica da cidade, a rodovia federal que liga o Sudeste ao Nordeste do Brasil, a nova articulação da cidade com o País. De repente, uma nova orientação geográfica, de uma cidade voltada ao distante mar para uma cidade “*carrefour*”, rota de passagem, caminho de viajantes para o interior. Novos potenciais são colocados para Teófilo Otoni.

A descrição feita anteriormente permite prever o que ocorre neste centro comercial e de serviços: há uma nítida orientação para o usuário viajante e seu veículo transportador. São inúmeras lojas de serviços e equipamentos automotivos, postos de abastecimento de veículos, hotéis, restaurantes, terminais alternativos de ônibus intermunicipais. A tabela e as imagens de satélite a seguir mostram os estabelecimentos comerciais voltados para o setor de autopeças. Os pontos vermelhos destacados na figura 26 são esses estabelecimentos.

Para a obtenção das coordenadas geográficas de cada ponto utilizamos a ferramenta “**propriedade – editar marcador**”. Os pontos plotados no mapa têm as seguintes coordenadas geográficas:

Quadro 15: Estabelecimentos relacionados ao Comércio de autopeças

N	LOCALIZAÇÃO DA ATIVIDADE (SERVIÇOS N = 84)	LAT	LONG
1	AV ALFREDO SÁ, 2854	17°51'19.14"S	41°30'51.55"O
2	AV. ALFREDO SÁ 3090	17°51'26.55"S	41°30'53.48"O
3	AV. ALFREDO SÁ 3477	17°51'37.36"S	41°30'54.51"O
4	AV. ALFREDO SÁ 2187	17°50'58.04"S	41°30'56.03"O
5	AV. ALFREDO SÁ 1331	17°50'31.38"S	41°30'51.47"O
6	AV. ALFREDO SÁ 2331	17°51'2.47"S	41°30'54.68"O
7	AV. ALFREDO SÁ 2160	17°50'57.07"S	41°30'56.36"O
8	AV. ALFREDO SÁ, 3288	17°51'32.84"S	41°30'56.41"O
9	AV. ALFREDO SÁ, 3197	17°51'29.08"S	41°30'54.67"O
10	AV. ALFREDO SÁ, 3160	17°51'28.61"S	41°30'55.56"O
11	AV. ALFREDO SÁ, 2955	17°51'21.39"S	41°30'53.15"O
12	AV. ALFREDO SÁ, 3301	17°51'32.29"S	41°30'55.45"O
13	AV. ALFREDO SÁ, 3151 A	17°51'27.61"S	41°30'54.39"O
14	AV. ALFREDO SÁ, 2843	17°51'17.83"S	41°30'52.45"O
15	AV. ALFREDO SÁ, 2729	17°51'14.14"S	41°30'52.28"O
16	AV. ALFREDO SÁ, 2201	17°50'58.48"S	41°30'55.95"O
17	AV. ALFREDO SÁ, 3498	17°51'39.36"S	41°30'56.16"O
18	AV. ALFREDO SÁ, 2894	17°51'19.80"S	41°30'53.66"O
19	AV. ALFREDO SÁ 3292	17°51'32.92"S	41°30'56.44"O
20	AV. ALFREDO SÁ 35	17°49'52.28"S	41°30'36.04"O
21	AV. ALFREDO SÁ 3136	17°51'27.81"S	41°30'55.38"O
22	AV. ALFREDO SÁ 5100	17°52'25.04"S	41°31'14.67"O
23	AV. ALFREDO SÁ 5277	17°52'30.43"S	41°31'15.00"O
24	AV. ALFREDO SÁ 5449	17°52'35.88"S	41°31'15.99"O
25	AV. ALFREDO SÁ 5177	17°52'27.33"S	41°31'14.22"O
26	AV. ALFREDO SÁ 3159	17°51'27.87"S	41°30'54.44"O

27	AV. ALFREDO SÁ 2781	17°51'15.83"S	41°30'52.24"O
28	AV. ALFREDO SÁ 3093	17°51'25.78"S	41°30'53.99"O
29	AV. ALFREDO SÁ 2784	17°51'16.32"S	41°30'53.14"O
30	AV. ALFREDO SÁ 4975	17°52'21.04"S	41°31'12.83"O
31	AV. ALFREDO SÁ 3470	17°51'38.47"S	41°30'56.28"O
32	AV. SIDÓNIO OTONI 249	17°51'8.20"S	41°30'44.11"O
33	AV. ALFREDO SÁ 51	17°49'52.77"S	41°30'36.17"O
34	AV. FRANCISCO SÁ 539	17°51'37.23"S	41°30'49.10"O
35	AV. ALFREDO SÁ 2000	17°50'52.01"S	41°30'57.38"O
36	AV. ALFREDO SÁ 2950	17°51'21.67"S	41°30'53.95"O
37	AV. ALFREDO SÁ 3723	17°51'46.35"S	41°30'54.72"O
38	AV. ALFREDO SÁ 266	17°49'58.72"S	41°30'39.60"O
39	AV. ALFREDO SÁ 2685	17°51'12.80"S	41°30'52.28"O
40	AV. ALFREDO SÁ 3141	17°51'27.30"S	41°30'54.33"O
41	AV. ALFREDO SÁ 5533	17°52'38.43"S	41°31'16.92"O
42	AV. ALFREDO SÁ 3558	17°51'41.24"S	41°30'55.78"O
43	AV. ALFREDO SÁ 3155	17°51'27.74"S	41°30'54.41"O
44	AV. ALFREDO SÁ 5165	17°52'26.95"S	41°31'14.13"O
45	AV. ALFREDO SÁ 2997	17°51'22.72"S	41°30'53.48"O
46	AV. ALFREDO SÁ 3362	17°51'35.04"S	41°30'56.71"O
47	AV. ALFREDO SÁ 2199	17°50'58.42"S	41°30'55.96"O
48	AV. ALFREDO SÁ 5575	17°52'39.65"S	41°31'17.56"O
49	AV. ALFREDO SÁ 2978	17°51'22.59"S	41°30'54.17"O
50	AV. ALFREDO SÁ 2331	17°51'2.47"S	41°30'54.68"O
51	AV. ALFREDO SÁ 5083	17°52'24.32"S	41°31'13.76"O
52	AV. ALFREDO SÁ 3069	17°51'25.01"S	41°30'53.82"O
53	AV. ALFREDO SÁ 3239	17°51'30.42"S	41°30'54.94"O
54	AV. ALFREDO SÁ 3049	17°51'24.36"S	41°30'53.76"O

Figura 26 – Distribuição espacial de estabelecimentos de serviços (ramo automotivo)



Fonte: Googlemaps – base dados (2006)

4.3.2 O Bairro Castro Pires

Mesmo com a existência de uma ligação franca entre a Avenida Luis Boali, no bairro Castro Pires, e a Estrada do Boi no bairro Jardim Serra Verde, passando pelo Parque de Exposições, o setor sempre se manteve vazio, o que o identifica quase como área periurbana, para além das fronteiras periféricas da mancha urbana, garantindo assim transição entre o urbano e o rural.

Talvez por isso mesmo - terras periurbanas são mais baratas que as urbanas - houve a possibilidade de implantar-se ali grandes equipamentos, de escala regional, que, não obstante, pouco dinamismo trouxeram à área.

Três questões se impõem como cruciais para inclusão definitiva deste setor na zona de expansão urbana da cidade, o que parece ser desejável, dado as boas condições de articulação viária com os eixos de importação-exportação da cidade (as rodovias), sem necessitar passar pelo centro, e a existência de grandes áreas vagas, várias delas com topografia pouco acidentada.

A primeira é o destino do enorme vazio conformado pelas áreas pertencentes ao Internato Rural e que, até o presente momento, têm sido destinadas ao uso essencialmente rural. Sua transformação em área passível de parcelamento transformaria o que hoje se apresenta como uma barreira numa continuidade da mancha urbana conjugando quatro bairros: Pampulhinha, Castro Pires, Ipiranga e São Jacinto.

A segunda questão trata da própria indução da expansão urbana no sentido do eixo do antigo leito da ferrovia Bahia-Minas, em direção à Turma 36 e ao distrito de Pedro Versiani. Isto se daria através da extensão da Avenida Luís Boali aproveitando as baixas declividades dos terrenos nesta região. Tais terrenos, como já referido, encontram-se já numa área periurbana e seu uso é essencialmente rural.

4.3.2.1 - A Zona de Processamento para Exportação – ZPE no subcentro Castro Pires: potencialidades econômicas II.

E, por fim, a terceira questão a ser notada é a pequena quantidade de proprietários nessas áreas. Se, por um lado, esta característica pode implicar

em retenção especulativa de terrenos no caso da dinamização da área (a retenção de terrenos em torno da área onde está localizado o prédio da ZPE é um exemplo claro), por outro implica na possibilidade de desenvolver projetos integrados de urbanização, inclusive com o desenvolvimento de parcerias entre o Poder Público e o Setor Privado. Entretanto, é preciso extremo cuidado na utilização destas áreas, pois existem situações desfavoráveis, tanto em termos de topografias acidentadas quanto de baixadas com problemas potenciais de esgotamento sanitário. Daí impor-se, por razões desta vez ambientais e não puramente econômicas, o desenho de projetos mais amplos, com uma visão integrada.

4.3.3 O Bairro Marajoara

Esse bairro está em uma área próxima à via de entrada da cidade – Avenida Adib Cadah, e o prolongamento do eixo da avenida Getúlio Vargas, através da praça do Lyons Club e da avenida Dr. Júlio Rodrigues.

Assim, pode ser considerada uma área que sofre a influência simultânea da RIO-BAHIA e da Área Central. Entretanto, não apresenta dinamismo próprio - não consolidou nenhum centro terciário significativo - talvez pela força das áreas Central e RIO-BAHIA. Em termos viários, a característica principal é a articulação problemática com os principais eixos urbanos. A área possui equipamentos urbanos importantes – a exemplo das escolas de nível superior, situadas próximo à Área Central, mas todos eles ocorrem de forma isolada. Um fato novo tende a mudar este quadro: a instalação do Campus da UFVJM (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri) localizado entre os Bairros Jardim São Paulo e Funcionários tendo como um dos acessos a passagem pelo bairro Marajoara.

Como a área está inserida em um bolsão de pobreza bastante expressivo - bairros Jardim São Paulo, Pindorama, Vila Barreiros, Funcionários e Soares da Costa (ver Mapa - Renda, IBGE) – a implantação do novo equipamento pode trazer impactos importantes. É possível prever uma valorização imobiliária dos terrenos, o que levaria à expulsão de boa parte dos moradores atuais. Outro problema é a fraca articulação viária em relação ao conjunto urbano.

Estas questões devem ser consideradas no projeto de implantação do Campus, tratando-o, a exemplo do que foi sugerido para o Setor Leste, como um projeto mais amplo, cujas repercussões, tanto positivas como negativas têm de ser trabalhadas em conjunto. Outro equipamento urbano constitutivo do Setor Sul de importância regional é o Aeroporto – ainda que hoje suas condições físicas comprometam este papel. O aeroporto apresenta problemas de localização que afetam a segurança dos vôos de maior escala, gerando custos operacionais que o tornam pouco atrativo para as companhias aéreas.

Entretanto, a viabilização do aeroporto é de extrema importância para a dinamização econômica da cidade e da região.

Clínicas diversas conforme o quadro 14 abaixo mostra, se fixaram nesta região da cidade. A Avenida Dr. Júlio Rodrigues é o local de destino de grande parte dos estabelecimentos ligados ao setor de saúde.

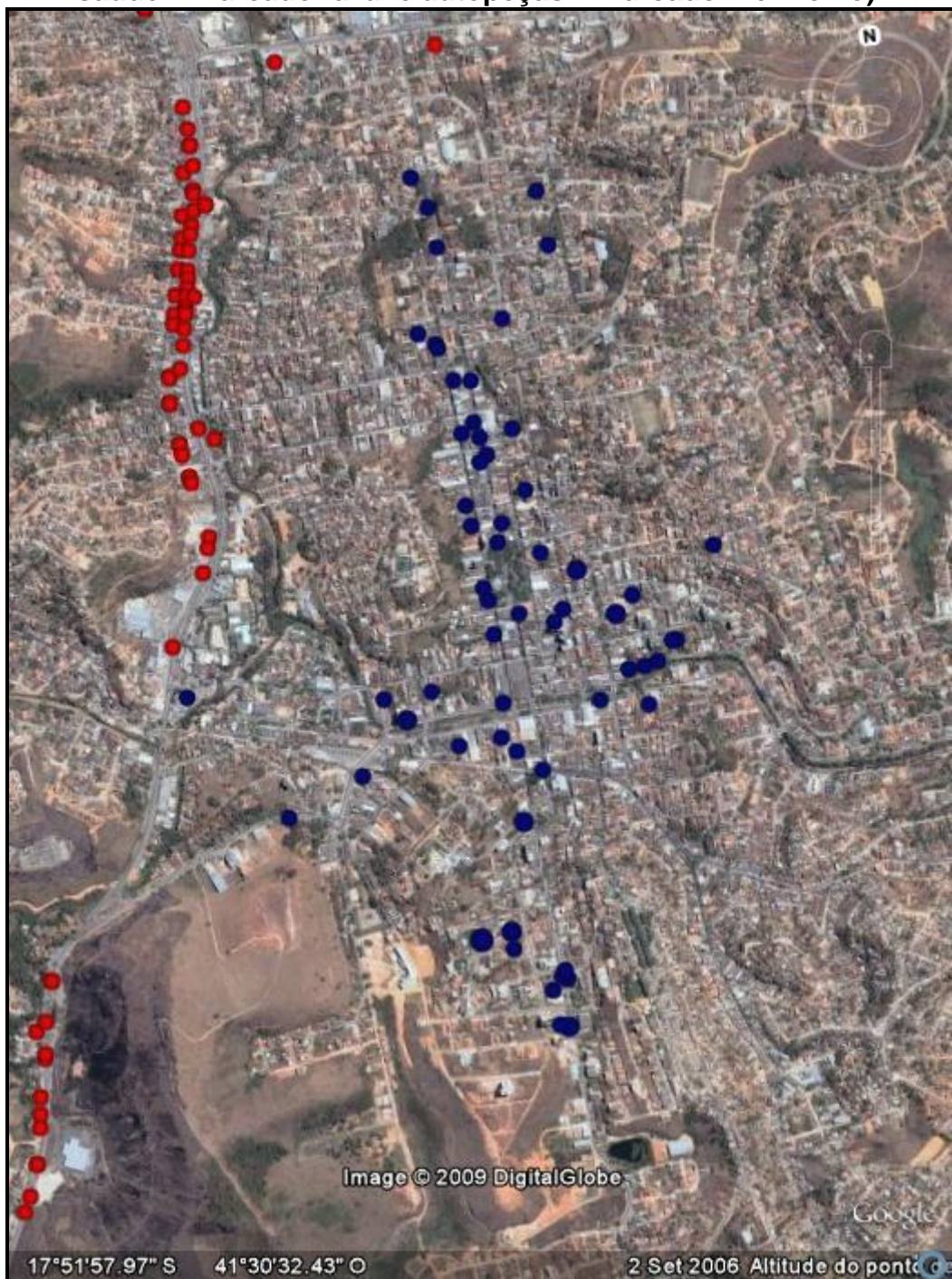
Quadro 16: Estabelecimentos relacionados a atividades de saúde

ATIVIDADE (SERVIÇOS – ÁREA: SAÚDE)ENDEREÇO	LAT	LONG
AV. DR. JULIO RODRIGUES 346	17°52'25.47"S	41°30'30.59"O
AV. DR. JULIO RODRIGUES 335	17°52'25.22"S	41°30'30.09"O
R. REVERENDO ARMANDO FERREIRA	17°52'21.96"S	41°30'35.53"O
AV. DR. JÚLIO RODRIGUES 345	17°52'25.54"S	41°30'30.06"O
AV. DR. JÚLIO RODRIGUES 335	17°52'25.22"S	41°30'30.09"O
R. DR. CARVALHO BORGES 411	17°52'8.66"S	41°30'28.56"O
AV. GETÚLIO VARGAS 517	17°51'24.57"S	41°30'33.15"O
AV. GETÚLIO VARGAS, 1300	17°51'49.42"S	41°30'31.24"O
R. WENEFREDO PORTELA, 141	17°51'59.61"S	41°30'18.65"O
R. WENEFREDO PORTELA,107	17°51'59.36"S	41°30'19.74"O
R. PADRE VIRGULINO, 545	17°51'52.64"S	41°30'23.53"O
AV. GETÚLIO VARGAS, 344	17°51'18.98"S	41°30'33.67"O
R. WENEFREDO PORTELA, 107	17°51'59.36"S	41°30'19.74"O
R. EPAM. OTONI 510	17°51'47.89"S	41°30'33.11"O
R. LÍBIO DE OLIVEIRA 249	17°52'21.57"S	41°30'32.88"O
R. TEODOLINO PEREIRA 166	17°51'25.84"S	41°30'22.60"O
R. OTÁVIO ESTEVES OTONI 15	17°52'7.40"S	41°30'44.04"O
R. LÍBIO DE OLIVEIRA	17°52'23.01"S	41°30'32.87"O
AV. GETÚLIO VARGAS 1027	17°51'40.90"S	41°30'30.48"O
R. DR. MANOEL ESTEVES	17°52'1.17"S	41°30'37.26"O
R. ADALBERTO HOLLEBACH 74	17°50'59.85"S	41°29'41.59"O
R. DR. JOÃO ANTÔNIO 259	17°51'48.11"S	41°30'29.48"O
R. DR. ONOFRI 575	17°51'45.61"S	41°30'27.15"O
AV. DR. JÚLIO RODRIGUES 475	17°52'29.88"S	41°30'28.92"O
R. EPAM. OTONI 1111	17°52'6.81"S	41°30'31.47"O
R. EPAM. OTONI 799	17°51'57.05"S	41°30'32.30"O
R. EPAM. OTONI 458	17°51'46.24"S	41°30'33.24"O
R. ANTÔNIO A. BENJAMIN 185	17°51'56.71"S	41°30'26.00"O
R. TANCREDO NEVES 14		
R. WENEFREDO PORTELA 233	17°51'59.32"S	41°30'15.70"O
PÇA BENEDITO VALADARES 115 - ALMENARA		
R. BERNADA LAENDER 189		
R. ENG. ANTUNES 05 LJ 01	17°51'55.25"S	41°30'19.04"O
R. EPAM. OTONI 677	17°51'53.23"S	41°30'32.56"O
R. PASTOR HOLLERBACH 218	17°51'31.38"S	41°30'27.31"O
R. EPAM. OTONI 35	17°51'33.18"S	41°30'33.14"O
R. ENG. ANTUNES 203	17°51'55.74"S	41°30'25.15"O
R. EPAM. OTONI 799	17°51'57.05"S	41°30'32.30"O
R. EPAM. OTONI 702	17°51'54.00"S	41°30'32.65"O

AV. GET. VARGAS 875	17°51'35.94"S	41°30'32.14"O
AV. DR. JÚLIO RODRIGUES 346		
AV. DR. JÚLIO RODRIGUES 335		
AV. DR. JÚLIO RODRIGUES 345		
AV. DR. JÚLIO RODRIGUES 335		
R. CONSELHEIRO MAYRINCK 389	17°51'51.97"S	41°30'11.57"O
R. TEODOLINO PEREIRA 309	17°51'21.30"S	41°30'23.04"O
RUA ARY GRAÇA 39	17°52'10.09"S	41°30'50.78"O
R. DR. JOÃO ANTÔNIO 259	17°51'48.11"S	41°30'29.48"O
R. ROMEU GAZINELLI, 58	17°52'12.73"S	41°30'30.69"O
R. INHA M. BLANC, 21	17°52'4.37"S	41°30'18.74"O
R. EPAMINONDAS OTONI, 35, SALA 203	17°51'32.97"S	41°30'34.19"O
R. LÍBIO C. OLIVEIRA, 249	17°52'21.57"S	41°30'32.88"O
AV. GETÚLIO VARGAS, 1439	17°51'55.66"S	41°30'28.95"O
R. EPAMINONDAS OTONI, 990, SALA 102	17°52'3.02"S	41°30'31.99"O
R. DR. MANOEL ESTEVES, 348	17°52'1.34"S	41°30'41.42"O
R. PASTOR HOLLERBACH 112	17°51'31.13"S	41°30'24.04"O
AV. GETÚLIO VARGAS, 1084	17°51'42.61"S	41°30'31.77"O
R. ARY GRAÇA, 39	17°52'10.09"S	41°30'50.78"O
R. PASTOR HOLLERBACH, 218	17°51'31.38"S	41°30'27.31"O
R. DR. ONOFRE 411	17°51'40.49"S	41°30'27.63"O
R. WENEFREDO PORTELA, 160	17°51'59.70"S	41°30'18.05"O
AV. GETÚLIO VARGAS, 986 SALA 301	17°51'39.49"S	41°30'32.02"O
AV. DR. JÚLIO RODRIGUES, 383	17°52'26.76"S	41°30'29.94"O
R. DR. WENEFREDO PORTELA, 221	17°51'59.36"S	41°30'16.08"O
R. LÍBIO C. OLIVEIRA, 85	17°52'16.44"S	41°30'33.35"O
R. JORGE MATTAR, 40, BL A, ANDAR 4 SALA 407	17°51'56.64"S	41°30'20.64"O
R. RACHID HANDERE, 543	17°50'52.85"S	41°30'48.71"O
R. LÍBIO C. OLIVEIRA, 249	17°52'21.57"S	41°30'32.88"O
AV. GETÚLIO VARGAS, 1014 LOJA 15	17°51'40.39"S	41°30'31.97"O
RUA PE VIRGULINO, 893	17°52'3.53"S	41°30'22.88"O
R. EPAMINONDAS OTONI, 35, SALA 9	17°51'32.97"S	41°30'34.19"O
R. DR. JOÃO ANTÔNIO 78	17°51'42.37"S	41°30'30.06"O
R. ANTÔNIO A. BENJAMIN 1	17°51'50.88"S	41°30'26.47"O
AV. GETÚLIO VARGAS, 420	17°51'21.42"S	41°30'33.50"O
AV. LUIZ B. PORTO SALMAN, 194	17°52'5.89"S	41°30'35.47"O
R. ENG. LINDEMBERG, 62	17°52'3.24"S	41°30'39.65"O
AV. GETÚLIO VARGAS, 880 SALA 11	17°51'36.07"S	41°30'32.30"O
R. EPAMINONDAS OTONI, 803	17°51'57.16"S	41°30'32.29"O
RUA JORGE MATAR, 40	17°51'56.64"S	41°30'20.64"O
AVENIDA DOUTOR JULIO RODRIGUES 475 - 3	17°52'29.66"S	41°30'29.67"O
AVENIDA ALBERTO LAENDER 370 - SAO DIOGO	17°51'59.23"S	41°30'58.27"O
RUA BERNARDA LAENDER 197 - SAO DIOGO		
RUA WENEFREDO PORTELA 221	17°51'59.36"S	41°30'16.08"O
RUA BERNARDA LAENDER 197 - SAO DIOGO		
RUA MARIO CAMPOS 70 - CENTRO	17°51'31.82"S	41°30'34.69"O
RUA BERNARDA LAENDER 189 - SAO DIOGO		
AVENIDA DOUTOR LUIZ BOALI PORTO SALMAN 308 S 107	17°52'5.60"S	41°30'31.74"O
RUA BERNARDA LAENDER 141 - SAO DIOGO		

Fonte: Catálogos telefônicos e trabalhos de campo.

Figura 27 – Distribuição dos estabelecimentos relacionados ao setor saúde – marcador azul e autopeças – marcador vermelho).



Fonte: Googlemaps – base dados (2006)

Os pontos azuis destacados na figura 27 são estabelecimentos relacionados à atividades de saúde.

4.4 A Zona Periférica:

Na zona periférica é comum a presença de favelas e atividades de transição para a zona rural. A figura 28 mostra um espaço periférico que não é favela e tende a se organizar com o passar do tempo, transformando-se em periferia organizada.

Figura 28 – Periferia contínua de Teófilo Otoni - Turma 37 e ao fundo Frigorífico FRIBOI



Fonte: Carvalho, 2008

Atualmente, esta periferia está muito mal equipada mas, no futuro, um subcentro poderá surgir nesta região devido ao incremento de atividades ligadas principalmente à instalação da ZPE. A região está bastante próxima à área da ZPE.

“Na medida em que o centro (*principal*) se especializa em equipamentos terciários de longo alcance, isto é, equipamentos *raros*, ou pouco *freqüentes*, voltados para a região, as necessidades *cotidianas* da população local passam a ser atendidas por subcentros que surgem nos eixos ou praças de maior movimento do espaço residencial (*pericentral*). Numa primeira etapa, esses subcentros são essencialmente compostos de comércios de alimentos. Na medida

em que a cidade se desenvolve, esse subcentros começam a tornar-se mais complexos, seja através do aparecimento de outros tipos de comércios ou de serviços, seja através de uma especialização voltada não apenas para a população local mas, também, para a *população de passagem*.” (Amorim Filho e Sena, 2005, p. 69)

Por outro lado, Teófilo Otoni também apresenta processos de periferização intensos e desordenados como se pode observar na figura 29.

Figura 29 – Boiadeiro – periferia contínua desordenada.



Fonte: Carvalho, 2008

A imagem anterior traduz uma periferia contínua. Essa ocupação é uma das mais antigas da cidade e já está totalmente integrada ao tecido urbano da cidade.

Já a periferia descontínua pode ser observada em uma ocupação mais recente. A Vila Felicidade (fig. 30), alçada ao patamar de bairro agora, é um loteamento popular cujas casas foram doadas pela Prefeitura Municipal de Teófilo Otoni com o intuito de reassentar desabrigados da chuva do ano de 2002.

Figura 30 – Bairro Jardim Felicidade - periferia descontínua desordenada

Fonte: Carvalho, 2008

No entanto, nos processos de reassentamento feitos pela Administração Municipal, algumas unidades foram repassadas para pessoas não desabrigadas, com critérios que não foram definidos por uma Política Municipal de Habitação.

4.4.1 A Turma 37 – Estação de Tratamento de Esgoto - ETE

O município de Teófilo Otoni foi um dos que optou pela concessão, à Companhia Estadual de Saneamento de Minas Gerais -COPASA, do direito de explorar os serviços de saneamento básico na sede do município. O primeiro contrato de concessão, com validade de 30 anos, venceu em 2004, quando foi renovado por um período de mais 30 anos. O novo contrato abrange, além do fornecimento de água potável, coleta e tratamento do esgoto produzido na sede do município, o fornecimento de água tratada para os distritos de Mucuri, Topázio, Pedro Versiani e o povoado de Potonzinho. Esse contrato

estabeleceu um cronograma físico-financeiro de investimentos a serem implementados, tendo em vista a meta de atendimento de 100% dos domicílios da sede do município com água potável, coleta e tratamento de esgotos.

O serviço de abastecimento de água da cidade de Teófilo Otoni é realizado pela Companhia Estadual de Saneamento - COPASA. Para atendimento da sede do município, a COPASA opera dois sistemas de abastecimento de água potável: Sistemas Teófilo Otoni e Potonzinho que, juntos, atendem a 97,35% da população urbana, perfazendo um total de 32.324 ligações de água ativas e 300.415m de extensão de rede (COPASA, março de 2007).

Nota-se que, além dos bairros populares e das vilas, alguns bairros apresentam regiões sem infraestrutura como, por exemplo, parte dos bairros São Jacinto, Ipiranga e Novo Horizonte.

A topografia local, muito acidentada, dificulta o acesso à rede de distribuição de água pelas edificações situadas em regiões muito altas. A COPASA ressalta, também, a precariedade de parte das instalações prediais de água que comprometem a qualidade do serviço, sendo responsáveis por altas taxas de desperdício.

A Estação de Tratamento de Esgoto começou a ser construída em maio de 2009 e tem a finalidade de coletar o esgoto que é jogado nos rios e córregos da cidade e tratá-lo, devolvendo ao rio uma água com aproximadamente 90% de limpeza, impedindo assim, a poluição contínua dos rios e córregos que passam pela cidade.

Figura 31: Estação de Tratamento de Esgoto**Estação de Tratamento de Esgoto - ETE****Fonte: Prefeitura Municipal de Teófilo Otoni**

4.4.2 A Turma 38 – Barragem da COPASA

A Barragem de Água que está sendo construída é uma obra do Governo do Estado de Minas Gerais em parceria com a Prefeitura de Teófilo Otoni. O investimento total da obra é da ordem R\$ 46.290.871,67. A construção da barragem teve início em 17 de julho de 2009. A barragem irá suprir as necessidades de abastecimento de água em Teófilo Otoni e região na época das secas.

Figura 32 - vista das obras de construção da barragem

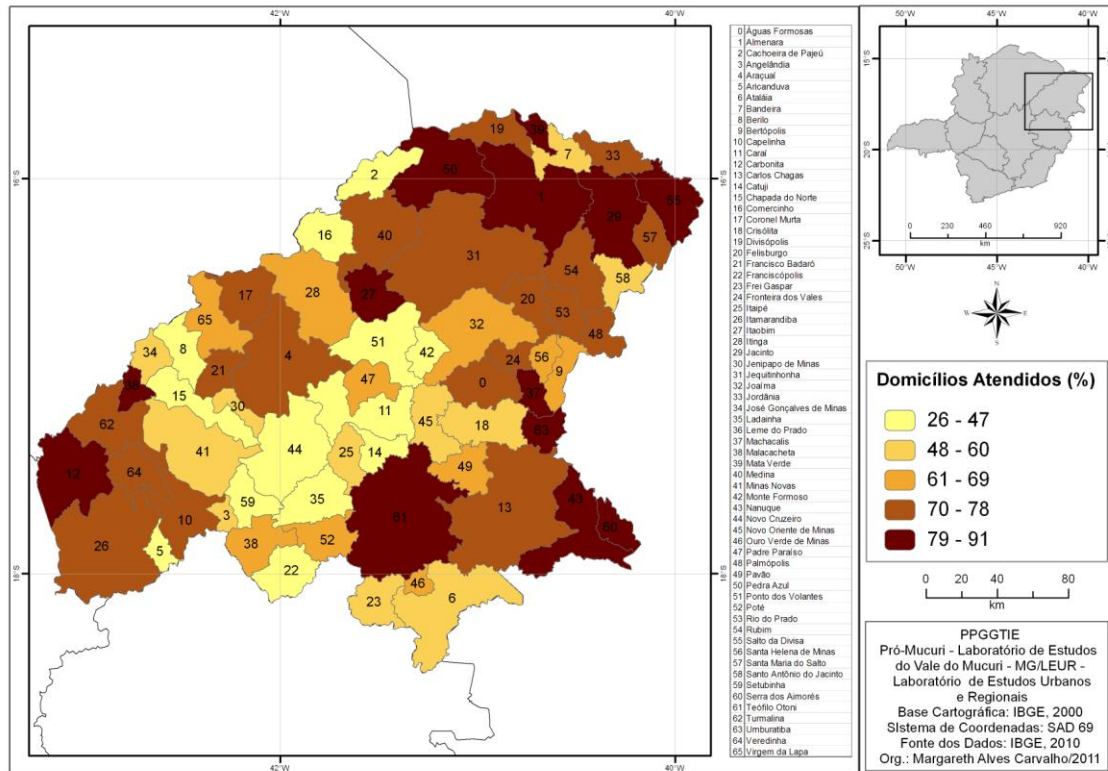


Figura 33 - vista das obras de construção da barragem – Julho 2010



Fonte: Prefeitura Municipal de Teófilo Otoni

Figura 34: Percentual de domicílios atendidos por rede geral de distribuição de água (2010) – Região de planejamento Jequitinhonha/Mucuri



Fonte: IBGE, 2000

Como se pode depreender da figura 34, o município com maior cobertura de abastecimento de água na região é o município de Teófilo Otoni com mais de 90% de domicílios atendidos. Com a barragem construída, esta cobertura pode vir a aumentar de forma que mais domicílios possam ser atendidos. Claro que esta cobertura também dependerá do regime de chuvas da região, pois esse também interfere no volume de águas captadas.

5. CONCLUSÕES

A cidade pertence à zona de planejamento Jequitinhonha Mucuri e, no que diz respeito a Teófilo Otoni, dois pontos principais têm que ser contemplados. O primeiro ponto é que a cidade galgou um novo patamar na hierarquia das cidades mineiras, ao ser promovida, do nível das “cidades médias propriamente ditas” para o de “cidade média de nível superior”. A zona de relações e polarização de Teófilo Otoni vem se ampliando gradativamente graças à criação de importantes equipamentos terciários como o *campus* avançado da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e equipamentos secundários como novas indústrias. Destacamos a fábrica de temperos INCOREG, o frigorífico FRIBOI. Parte desse incremento só foi possível devido à implementação do PELT-Minas (Plano Estratégico de Logística de Transportes do governo de Minas Gerais), que resultou na recuperação e no asfaltamento da malha rodoviária regional. Cidades menores e centros emergentes, que outrora mantinham relações esporádicas com Teófilo Otoni, intensificaram essas interações, a partir não somente da bacia do Mucuri mas, também, do Jequitinhonha, do São Mateus e do Doce.

Teófilo Otoni possuía, em 2000, um total de 33813 domicílios. Já em 2010 o número de domicílios recenseados foi de 46790. Quase 13.000 domicílios a mais. Isso mostra como a cidade tem atraído população migrante devido ao fato de oferecer equipamentos e serviços considerados raros do ponto de vista da oferta e procura. Assim, os topos de morro da cidade vão sendo ocupados principalmente pela população menos favorecida economicamente, configurando grandes áreas de interesse social. O centro da cidade também se transformou.

Em Teófilo Otoni, buscou-se conhecer a centralidade e a zona central da cidade e saber se coincidiam geograficamente ou não. De acordo com Sposito (2001), os conceitos de centro e centralidade são diferentes na medida em que, o centro seria marcado por sua localização no território e a centralidade pelo que se movimenta no mesmo território. Mas, foi no centro geográfico da cidade de Teófilo Otoni/MG que encontramos também a sua centralidade vista aqui como o espaço onde os fluxos de pessoas, veículos e a localização de

equipamentos raros se fazem mais presentes. Assim, dependendo do meio geográfico, a função urbana poderá ser comercial, industrial, bancária, educação etc. A função urbana tem relação com a política e a economia gerais e abarca também o raio de ação da cidade, seu raio de influência. Teófilo Otoni exerce fortemente as funções urbanas bancária, comercial e educacional.

Na zona pericentral é observado um grande número de bairros residenciais e subcentros funcionais modestos. O que mostra como o centro ainda polariza fortemente a cidade. Já na zona periférica, chama a atenção alguns loteamentos realizados pelo poder público – “casas populares” – destinados à população de baixa renda principalmente as vítimas da grande enchente ocorrida em 2001. Nesta zona pericentral observa-se o aparecimento de bolsões de pobreza dentro da mancha contínua de rendas mais altas -na parte sul do bairro Altino Barbosa, no limite oeste do bairro Fátima e nos bairros Cidade Alta, São Diogo e Tabajaras. Foram identificados 57 núcleos no aglomerado urbano, os mais antigos implantados às margens e nas proximidades da Estrada do Boi ou Avenida Sidônio Otoni, como o bairro Bela Vista, Vila Betel, bairro Joaquim Pedrosa. Também mais antigas as ocupações das proximidades do antigo leito da extinta ferrovia Bahia-Minas - Turma 38, bairro Palmeiras, bairro Frei Dimas e bairro Manoel Pimenta. A partir da década de 80 os loteamentos foram mais bem dimensionados, porém implantados sem infraestrutura completa. A grande maioria sem sistema de drenagem pluvial e sem pavimentação de grande parte do sistema viário. E mesmo em bairros que possuem algumas ruas com melhor dimensionamento, as vielas e escadas permanecem como acesso único às moradias.

No processo de acomodação da população no espaço urbano, a forma como os indivíduos se apropriam das cidades e usufruem os seus bens tem sido objeto de pesquisa das ciências humanas. Nota-se que a questão urbana manifesta-se no desenvolvimento desigual do espaço, isto é, nas desigualdades intra-urbanas. Ademais, a concentração de renda e a ineficácia da ação do poder político, somadas aos grandes contingentes populacionais existentes nas cidades, têm gerado problemas urbanos cada vez mais complexos. A apropriação dos ambientes urbanos ocorre de maneira desigual, visto que às classes mais abastadas estão reservadas áreas bem dotadas de infraestrutura, enquanto a maioria da população trabalhadora sobrevive em

áreas carentes de serviços essenciais. É pertinente, portanto, a existência de uma relação direta entre a infraestrutura espacial e o nível econômico populacional no tocante à ocupação de áreas urbanas. Vale dizer, a riqueza ou a pobreza de um grupo humano serão definidoras da presença ou não de elementos importantes para o seu bem-estar. Além disso, essa relação vai trazer à tona a forma como os grupos humanos se apropriam do espaço ou dele é apropriado. Acrescentam-se a essa ideia de cidades médias, as modificações na morfologia das próprias cidades, as quais recebem formas, objetos, conteúdos e 'problemas' (violência, drogas, pressão imobiliária) até então exclusivos de núcleos maiores. Nos espaços intra-urbanos das cidades médias e em algumas cidades pequenas, o condomínio e o edifício com vários andares, mesmo que únicos na paisagem urbana, representam a 'modernidade' e se apresentam como forma de realização da vida. Seu consumo e sua consumação incorporam as novas formas de vida urbana e constroem os 'antigos' e 'tradicionais' marcos simbólicos dessas cidades, como os prédios e os espaços públicos, especialmente a rua e a praça. Assim, o consumo se realiza com uma base material, mas também com uma base simbólica (o poder, o *status*, a modernidade) em que, seguindo a ideia de Lefebvre (2006, p. 63-64), "[...] consomem-se tantos signos quanto objetos: signos da felicidade, da satisfação, do poder, da riqueza, da ciência, da técnica etc".

Sendo assim, o modelo de zoneamento morfológico-funcional proposto por Amorim Filho para as cidades médias demonstrou um alto grau de aplicabilidade à cidade de Teófilo Otoni/MG. Isso pode ser comprovado através da análise dos dados colhidos em trabalhos de campo realizados, tais como fotografias verticais, oblíquas e no terreno, imagens de satélites e mapas.

REFERÊNCIAS

- ALVIM, A. M. M. **Cidades médias em Minas Gerais e no Chile: um estudo comparativo entre Formiga e Ovalle.** 1998. Dissertação (Mestrado em Tratamento da Informação Espacial) - PUC Minas, Belo Horizonte, 1998.
- AMORIM FILHO, Oswaldo. Bueno. **Contribution a l'étude des Villes moyennes au Minas Gerais – Formiga et lê Sud-Ouest du Minas Gerais.** Bordeaux: 1973, 361 p. Tese de doutorado.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno: **Um esquema metodológico para o estudo das cidades médias.** Anais do II Encontro Nacional de Geógrafos. Belo Horizonte, IGC;UFMG, 1976.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno., FILHO, Nelson. Sena. **A Morfologia das Cidades Médias.** Goiânia: Ed. Vieira, 2007. 202p.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. **Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional.** In: ANDRADE, Thompson; VALENTE, Rodrigo. (org.) **Cidades médias brasileiras.** Rio de Janeiro: IPEA, 2001. p.1-34.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; RIGOTTI, José Irineu Rangel. **Os limiares demográficos na caracterização das cidades médias.** Caderno de Geografia, Belo Horizonte , v. 13, n. 20 , p. 21-38, 1º sem. 2003.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; RIGOTTI, José Irineu Rangel; CAMPOS, Jarvis. **Os níveis hierárquicos das cidades médias de Minas Gerais.** Belo Horizonte. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial, 21 p., 2º sem. 2006.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. **Origens, Evolução e Perspectivas dos Estudos sobre as Cidades Médias.** In: Sposito, Maria Encarnação B. (org). **Cidades Médias: Espaço em transição.** São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 69 – 88.
- AMORIM FILHO, O. B., BUENO, M. E. T. e ABREU, J. F. **Cidades de porte médio e o programa de ações sócio-educativo-culturais para as populações carentes do meio urbano em Minas Gerais.** Boletim de Geografia Teorética, Rio Claro SP, v. 2, n. 23-24, 33-46, 1982.
- AMORIM FILHO, O. B. **Cidades médias e organização do espaço no Brasil.** Revista Geografia e Ensino, Belo Horizonte: nº 5, p.5-34, jun.1984.
- AMORIM FILHO, O. B. **Curso de Geografia Urbana.** Seminário de Doutorado - Programa de Pós-graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial – PUC Minas, 2008 – (Notas de aula)
- AMORIM FILHO, O.B. A rede urbana da Bacia do Mucuri. **Revista Geografia e Ensino.** Belo Horizonte, 3(1): 26-36, 1990.

AMORIM FILHO, O. B., BUENO, G. T. *in Minas Gerais no Século XXI – Reinterpretando o Espaço Mineiro. A Base Física – Cap. I.* Rona Editora, 2002.

AMORIM FILHO, O. B.; ABREU, J. F. **Ciudades Intermedias y tecnópolis potenciales em Minas Gerais. Brasil.** *Tiempo y Espacio*, n. 8, 9.10, p. 23-32. Chillán, Universidad Del Bio-Bio, 2000

ANDRADE, T. A.; LODDER, C. A. **Sistema urbano e cidades médias no Brasil.** IPEA. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1979.

APOLINARIO, F. **A rede Urbana da Mesorregião do Vale do Mucuri: Uma Proposta de Hierarquização por meio de Técnicas de Estatística Multivariada.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais Minas. Belo Horizonte, 2010.

ARRUDA, M. A., AMORIM FILHO, O. B. *in Minas Gerais no Século XXI – Reinterpretando o Espaço Mineiro. Os Sistemas Urbanos – Cap. V.* Rona Editora, 2002.

ARMSTRONG, William. & Terrence G. McGee 1985. **Theatres of Accumulation.** London & New York: Methuen.

BARROSO, L. C.. **Notas de aula da disciplina: Métodos Quantitativos, ministrada no Programa de Pós-graduação em Tratamento da Informação Espacial.** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2003.

BARROSO, Leônidas C., ABREU, J. F. (Org.). **Geografia, Modelos de Análise Espacial e GIS.** Belo Horizonte: PUC Minas, 2003, 232p.

BAUER, G et ROUX, J. M. **La Rurbanisation ou la ville éparpillée.** Paris, Éditions du Seil, 1976, 192 p.

BEAVERSTOCK, J.V. R.G. SMITH and P.J.TAYLOR, 2000. **“World City Network: a new metageography.”** *Annals of the Association of American Geographers*, 90(1) 123- 134.

BERRY, Brian J.L. 1973. **The Human Consequences Of Urbanization: Divergent Paths In The Urban Experience Of The Twentieth Century.** London: Macmillan.

BEAUJEU-GARNIER, J; CHABOT, G. **Tratado de Geografia Urbana.** Espanha. Vicens-Vives, 1970. 587p.

BRAVO, M. T. D., Ciudades medias, planificación urbana y calidad de vida. **Revista Geográfica Venezolana.** Universidad De los Andes/Venezuela, v.38, p-153-164, 1997.

CANO, W. **UNICAMP 30 ANOS. Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil.** São Paulo, Ouvidor, Unicamp, 1999.

CARVALHO, E. Exclusão social e crescimento das cidades médias brasileiras. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales.** Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2003, vol. VII, num. 146(128).

CASTRO, A. Barros de. **A industrialização descentralizada no Brasil.** In: 7 ensaios sobre a economia brasileira. Rio de Janeiro. Forense, 1975.

CLARK, D. **Introdução à Geografia Urbana.** São Paulo: DIFEL, 1985, 286 p.

CONTI, A. **O Espaço Perimetropolitano de Belo Horizonte: Uma Análise Exploratória.** Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais Minas. Belo Horizonte, 2009.

CORREA, Roberto Lobato. **A Rede Urbana.** Ática, 1987.

CORREA, Roberto Lobato. **Construindo o Conceito de Cidades Médias.** In: Sposito, Maria Encarnação B. (org). **Cidades Médias: Espaço em transição.** São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 23 – 34.

CORREA, Roberto Lobato. **Estudos Sobre a Rede Urbana.** Bertrand Brasil. 2006.

COSTA, Eduarda Marques da. **Cidades médias: contributos para sua definição.** Finisterra, Lisboa, v.XXXVII, n. 74, 2002.

DOLLFUS, Olivier. A Localização. Extraído **L'Analyse Géographique.** Paris, PUF, 1971, 125 p. Pág. 14-27.

FAISSOL, S. **“O espaço, território, sociedade e desenvolvimento brasileiro”.** IN: FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA - IBGE, Rio de Janeiro, 1994.

FARIA, Vilmar. **“Desenvolvimento, urbanização e mudanças na estrutura do emprego: a experiência brasileira dos últimos trinta anos”.** In: SORJ, B., ALMEIDA, M. (Org.). Sociedade e política no Brasil pós-64. São Paulo, Brasiliense, 1983.

Federação Brasileira de Bancos/FEBRABAN. Busca de agências bancárias – consulta *online*. (Disponível em http://www.febraban.org.br/buscabanco/?id_assunto=84&id_pasta=0&tipo= acesso em 07/08/2008)

FRISBIE, W. Parker and John D. KASADRA, 1988. **“Spatial Processes”** Pp. 629-666, in N. Smelser (ed.) Handbook of Sociology. Sage: Newbury Park, CA.

GEORGE, Pierre: **Précis e Geographie Urbaine**. Paris, P.U.F., 1969, 289p. (p.38 a 71);

HAWLEY, Amos. 1968. "**Human Ecology**." Pp. 323-332 in International Encyclopedia of the Social Sciences, ed. D.L.Sills, New York: Crowell, Collier and Macmillan.

HENDERSON, Vernon, 2002. "**Urbanization in Developing Countries**." World Bank Research Observer, 17(1):89-112.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE Cidades. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais, 2006. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>. acesso em 12/04/2009

LAJUGIE, Joseph. **Lês Villes Moyennes**. Paris: Éditions Cujas, 1974.

LIPTON, Michael. 1977. **Why poor people stay poor: a study of urban bias in world development**. London: Temple Smith.

LELOUP, Y. **Les villes du Minas Gerais**. Paris, I.H.E.A.L., 1970, 301 p. Thèse de Doctorat) in (ver)

MACLEOD, G. 2001. "**New regionalism reconsidered: Globalization and the remaking of political economic space**." International Journal of Urban and Regional Research, 25(4) 804-32.

MARTINE, George and DINIZ, Clélio Campolina, 1997. "**Economic and Demographic Concentration in Brazil: Recent Inversion of Historical Patterns**." Pp.205-227 in G.W. Jones and P. Visaria, Urbanization in Large Developing Countries.

MONBEIG, Pierre. O estudo geográfico das cidades. **Boletim Geográfico, IBGE**. ano 1, nº 7, p. 7-29, outubro de 1943.

OTTONI CARVALHO, Christiano. **A mesorregião do Vale do Mucuri: Contextualização Histórica e Análise do Desenvolvimento**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2006.

PEREIRA, F. M. e LEMOS, M.B. **Cidades médias: uma visão nacional e regional**. XI Seminário sobre economia mineira. Diamantina, 24 a 27 de agosto de 2004. **Anais**.

PEREIRA, F. M. e LEMOS, M.B. **Política de Desenvolvimento para cidades médias mineiras**. Outubro, 2004. p. 1-28.

PIRES, C. A. A. **Estratégia de saúde da família na cidade de Teófilo Otoni-MG: perspectivas geográficas de uma rede de saúde no espaço intra-urbano**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia –

Tratamento da Informação Espacial Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2007.

PONTES, B. S. As cidades médias brasileiras: os desafios e a complexidade do seu papel na organização do espaço regional (1970). **Boletim de Geografia. Maringá: UEM**, n. 18, p. 1-27, 2000.

Prefeitura Municipal de Teófilo Otoni/MG - **Plano Diretor Participativo de Teófilo Otoni – Diagnóstico e Diretrizes** – Fundação Israel Pinheiro. Agosto de 2007.

Programa PROCAD/CAPES – Projeto Cidades Médias Brasileiras: agentes econômicos, reestruturação urbana e regional. Área: Geografia - Rede de Pesquisadores em Cidades Médias - ReCiMe – Manual da Pesquisa 1 – versão II – (Trabalho de Campo - orientações, procedimentos, planilhas), 2006.

RIGOTTI, J. I. R. e CAMPOS, J. *in* **Movimentos Populacionais e as Cidades Médias de Minas Gerais (2006)** disponível em www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/.../ST4/lrineu.pdf

ROCHEFORT, M. **Redes e Sistemas: ensinando sobre o urbano e a região**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, M. **A urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

Sena Filho, N. **Geografias Urbanas Comparadas no Leste Mineiro: Caratinga, Manhuaçu e Viçosa**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais Minas. Belo Horizonte, 2006.

Scripta Nova - REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98 Vol. VII, núm. 146(128), 1 de agosto de 2003. Disponível em: [http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(128\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(128).htm) [ISSN: 1138-9788] (acesso em 13/07/2008)

SOARES, B. R.; BESSA, K. C. F. O. As novas redes do cerrado e a realidade urbana brasileira. **Boletim Goiano de Geografia/IESA**. Goiânia, v. 19, n.2, p.11-34, jan-dez., 1999.

SPOSITO, M. E. B. **As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos**. In.: SPOSITO, M. E. B (Org.). **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente (SP): GASPERR/FCT/UNESP, 2001.

United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division: **World Urbanization Prospects, the 2009 Revision**. New York, 2010

VILLAÇA, F. **A recente urbanização brasileira** In: CASTRIOTA, L. B.
Urbanização Brasileira: Redescobertas. Belo Horizonte, 2003. p.28-63.